



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Elayne Pinheiro Melo

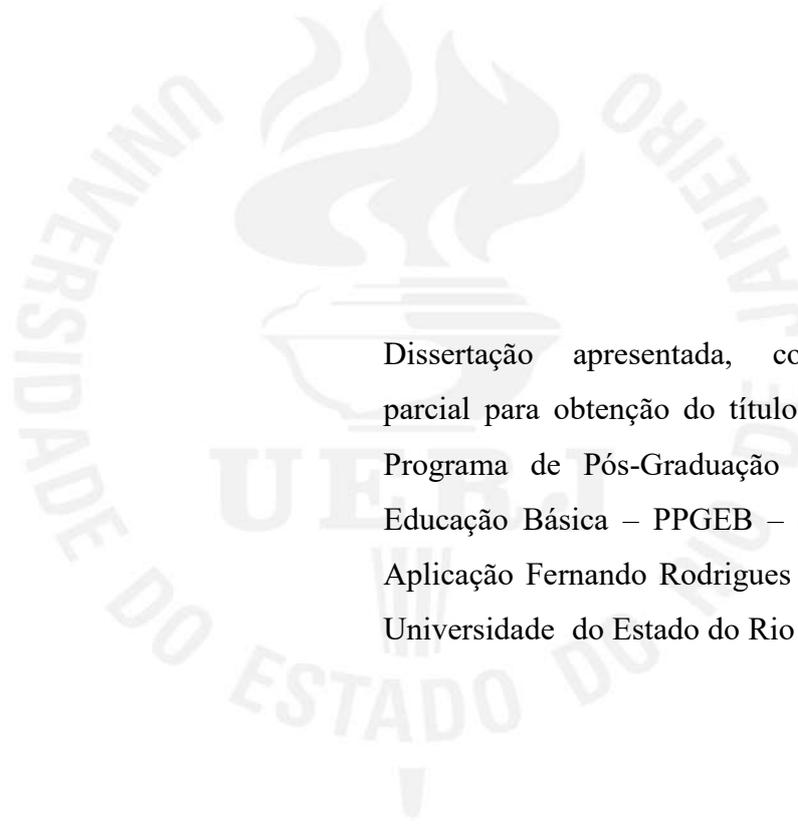
**Famílias e questões étnico raciais:
tecendo contribuições para uma educação antirracista**

Rio de Janeiro

2024

Elayne Pinheiro Melo

**Famílias e questões étnico raciais:
tecendo contribuições para uma educação antirracista**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino de Educação Básica – PPGEB – do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jonê Carla Baião

Rio de Janeiro

2024

Elayne Pinheiro Melo

**Famílias e questões étnico raciais:
tecendo contribuições para uma educação antirracista**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação de Ensino de Educação Básica – PPGEB – do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 02 de Fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Jonê Carla Baião

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues Da Silveira (Cap-UERJ)

Prof^a. Dra, Claudia Hernandez Barreiros Sonco

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues Da Silveira (Cap-UERJ)

Prof^a. Dra. Joyce Alves da Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/ IM)

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

M528 Melo, Elayne Pinheiro

Famílias e questões étnico raciais: tecendo contribuições para uma educação antirracista. / Elayne Pinheiro Melo - 2024.
121 p. : il.

Orientadora: Jonê Carla Baião.

Dissertação (Mestrado) - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP/UERJ.

1. Educação antirracista - Teses. 2. Família e Escola. 3. Racismo - Teses. I. Baião, Jonê Carla. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP/ UERJ. III. Título.

CDU 371.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às crianças que apesar de serem o espelho da perversidade do racismo, são também, o nosso esperançar, nos movem a acreditar no novo, no amanhã, em um mundo melhor. Pois, são o reflexo mais concreto dos avanços e das mudanças possibilitadas pela nossa luta diária e histórica contra o racismo.

“Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre as coisas que importam”.

Martin Luther King

RESUMO

MELO, Elayne Pinheiro. **Famílias e questões étnico raciais: tecendo contribuições para uma educação antirracista.** 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Em uma sociedade fundada e estruturada no racismo, como o Brasil, é urgente pensarmos na construção de uma educação antirracista. Considerando, a importância da relação entre famílias e escolas para os avanços democráticos, é crucial que estas estejam inseridas nessa discussão junto à comunidade escolar. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo construir reflexões e diálogos entre famílias e escolas acerca das questões étnico raciais e do combate ao racismo. Foram realizadas entrevistas com famílias de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, moradoras da Maré (comunidade localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro). A partir desses diálogos foi desenvolvido o produto educacional “Pílulas Antirracistas”, que consiste em uma sequência de vídeos curtos a serem debatidos em reuniões escolares com as famílias. Em suma, esta pesquisa-ação de inspiração na escrevivência (EVARISTO, 2020) identificou demandas raciais a serem superadas nos discursos, pensou na possibilidade de Famílias Escola como uma potência antirracista e teceu contribuições para se pensar/construir uma educação antirracista. Foram abordados temas fundamentais acerca da Educação para as relações étnico raciais, possibilitando pensarmos de forma reflexiva sobre suas qualidades e continuarmos nos apropriando de algumas discussões e conceitos. Infelizmente, mesmo após 20 anos da lei 10.639, muitas escolas ainda não efetivaram a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígenas. E, somente recentemente, as famílias e a sociedade estão começando a saber desse direito.

Palavras-chave: Famílias. Escola. Racismo. Educação antirracista.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	8
1	CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	15
1.1	Concepções com as quais dialogo.....	16
1.2	Relevâncias.....	19
1.3	Passos percorridos.....	24
1.4	Objetivos.....	29
2	ENTRE ESCUTAS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES.....	31
2.1	Família Famílias e Escola.....	31
2.2	Conhecendo as sujeitas da pesquisa.....	38
2.3	Cor x Raça x Etnia.....	41
2.4	Racismo x Mito da democracia racial.....	51
2.5	Racismo e Educação.....	60
3	FAMÍLIAS ESCOLA: POTÊNCIA ANTIRRACISTA.....	70
3.1	O que as famílias têm a dizer às escolas.....	71
3.2	Pílulas Antirracistas: construindo o produto educacional.....	78
3.3	Aplicação das Pílulas Antirracistas	82
3.4	Retornos das Sujeitas da Pesquisa	97
3.5	Potencialidades e limitações do produto educacional	103
	CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU MELHOR, DO MEIO.....	104
	REFERÊNCIAS.....	104
	ANEXO I	111
	ANEXO II	113
	ANEXO III	115

INTRODUÇÃO

Tenho dito e gosto de afirmar que a minha história é uma história perigosa, como é a história de quem sai das classes populares, de uma subalternidade, e consegue galgar outros espaços.

Conceição Evaristo

Por onde começar? Assumo que esta é sem dúvida uma de minhas maiores dificuldades. Lembrei-me de um famoso provérbio africano que diz “Quando não souber para onde ir, olhe para trás e saiba pelo menos de onde você vem”. E por isso, me proponho a refletir sobre minha história até aqui. Isto é, faço um convite a mim mesma a esse exercício, buscando nas memórias e lembranças, contando um pouco minha trajetória, me apresentando, explanando meu lugar de fala¹, ou seja, de onde eu parto, de onde eu vejo e de onde eu luto. Entretanto, me deparo com mais uma pausa, pois pensar e falar sobre si, da própria história e/ou trajetória representa um grande desafio quando compreendemos que uma parte dessa história foi “apagada”, escondida, subjugada. Refiro-me a real história do Brasil, não a contada pelo colonizador dentro de uma visão eurocêntrica do mundo, mas sim...

Outro fator de dificuldade é a minha, e acredito que nossa, dificuldade em falar sobre nós mesmos, pois somos produtos de uma educação bancária², por essência também eurocêntrica, e por consequente silenciadora e que supervaloriza a razão/cognição acima de tudo. Ou seja, não estamos acostumados a pensar/contar sobre nós, pois em nossa trajetória não houve espaço para as experiências, memórias, afetos, *etc.* Pois bem, mesmo assim, a seguir, me arrisco nessa tentativa.

Sou filha de pais nordestinos. Meu pai aos 13 anos saiu de Pernambuco e minha mãe aos 17 anos do Maranhão. Ambos abandonaram os estudos e vieram para o Rio de Janeiro em

¹ Conceito utilizado por Djamila Ribeiro (2019, p.58) para se referir ao lugar que ocupamos ao enunciar, é sobre onde estamos, sobre nossa realidade, sobre nossas vivências. É sobre a posição social/política que ocupamos ao tratar/discursar acerca de determinados assuntos/temas.

² Termo desenvolvido por Paulo Freire na sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) que se refere a um modelo de educação autoritária, disciplinadora e de relações verticais que vê os estudantes como depósitos vazios que precisam ser preenchidos com conhecimentos transmitidos pelos professores. Desconsiderando os saberes dos educandos, supervalorizando a cognição e a memorização. Não desenvolvendo a criticidade e a reflexão sobre o mundo.

busca de um “futuro melhor”, ou seja, baseados no discurso hegemônico de meritocracia. Eu sou nascida, criada em Mangueiras, favela da zona norte do Rio de Janeiro e que segundo a Fiocruz, possui um dos piores índices de desenvolvimento humano (IDH)³ do município. Diversas foram as violências as quais minha família e eu fomos submetidos, dentre elas, principalmente a policial promovida pela “falsa” guerra às drogas, que mais significa uma guerra aos pobres e negros. Morando em meio a essa guerra, na favela que ainda hoje é (re)conhecida como faixa de Gaza, que minha irmã foi mais uma vítima de “bala perdida”. Venho ao mundo no início dos anos 1990, tive uma vida sem muitas dificuldades, diferentemente do que muitos possam pensar devido aos estereótipos criados para os moradores de favelas. E isto, graças às rendas vindas de uma pequena “vendinha” criada por minha mãe e meu pai. O “sucesso” das vendas se deu devido à falta de comércio na região, na época, segundo relatos da dona, minha mãe. Por mais que seja exposta a ação policial, a presença/ausência do Estado, as diversificadas formas de violência *etc*, fui obrigada a vivenciar as desigualdades de condições e oportunidades. Ainda assim, eu ocupava uma posição privilegiada em relação a maioria dos moradores, porém somente no decorrer da graduação pude tomar consciência disso.

Toda a minha vida escolar se deu na educação pública, fui exposta a diversos discursos de valorização da educação como única maneira de “vencer na vida” e muito cobrada pela minha mãe a alcançar esse “sucesso”. Sempre fui a aluna quietinha, que se sentava na frente, próxima dos professores, tirava boas notas e se destacava pela habilidade nas redações. Entretanto, não possuo muitas memórias das interações com esses professores, assim como, não me recordo de nenhum professor negro durante a educação básica. Somente uma professora me marcou bastante e representa minha inspiração docente, a professora Elizabeth da antiga 4ª série. Ela se destacou por sua metodologia, diferenciada dos demais, e por sua postura de diálogo, afeto e respeito. Além de professora, era nossa amiga, sentíamos que podíamos contar tudo para ela. Posteriormente, tive conhecimento de sua formação em Psicologia, na minha cabeça, isso fez todo sentido e passei a tê-la como referência.

Fui incentivada por outra professora a cursar colégio normal (formação de professores), como não almejava nenhuma carreira específica, esta seria uma forma de possuir alguma

³ Seu índice de desenvolvimento humano (IDH), no ano 2000, era de 0,726, o 122º colocado entre 126 regiões analisadas na época no município do Rio de Janeiro.

garantia de trabalho. Além de não ter tantas expectativas, pois na verdade, eu não sabia o que era faculdade. Eu escutava as pessoas falarem, mas como não conhecia ninguém que tinha feito, isso me parecia tão distante. Hoje compreendo que foi a melhor decisão que pude tomar na época, me tornei mais crítica, humana e extremamente sensibilizada para as questões sociais. Mas as questões raciais ainda não tinham chegado até mim. E, foi nesse espaço que de certa forma tive acesso aos caminhos para se chegar à universidade.

Em seguida, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), me tornei a primeira pessoa da minha família a acessar o ensino superior. Decidi e consegui cursar Pedagogia na Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Instituto Multidisciplinar (IM Nova Iguaçu). Foram anos cansativos de ida e volta da zona norte para a baixada. Tive o privilégio de ter uma formação bastante enriquecedora e de qualidade, estudei com muitos professores/doutores que atualmente são bastante reconhecidos e pelos quais tenho muito orgulho de terem feito parte da minha trajetória. E, foi no decorrer da graduação, que passei a melhor observar/perceber o mundo ao meu redor, confrontando e desconstruindo muitos conceitos, preconceitos e ideias do senso comum.

Antes de me tornar professora da rede pública, atuei no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) como voluntária/estagiária em reforço escolar, por meio de um projeto chamado “Escola do amanhã” que consistia em atividades/aulas diversificadas extraclasse. Além do reforço escolar, tinha aulas de dança, educação física, informática e leitura. Esse foi meu primeiro contato com a escola pública e confesso que me marcou muito. Tive contato e bastante proximidade e intimidade com diversas crianças e pré-adolescentes. Era uma relação bastante amigável e apesar de alguns deles serem taxados como “estudantes-problemas” e possuírem muitas dificuldades de aprendizagem não tive problemas na relação com eles. Eram crianças que ansiavam por atenção afeto e escuta, me transmitiam uma grande carência e demanda desses aspectos. E, muitas vezes, cheguei a me questionar se o problema era realmente com eles ou com esse modelo falido de escola que insiste em vê-los como “problema”, ou melhor, que insiste em não os ver, silenciá-los e contribuir para à baixo autoestima deles.

Eu tentava contribuir positivamente para a autoestima deles durante o pouco tempo que tínhamos juntos. Acredito que minha passagem pelas vidas desses alunos foi positiva, pois demonstravam bastante alegria em estar ali e até hoje quando me encontram na rua,

demonstram bastante carinho. Entretanto, opostamente encontro algumas dessas crianças em situações vulneráveis e/ou perigosas, fazendo uso de drogas ou trabalhando para o tráfico. Eles por sua vez, aparentam demonstrar vergonha em falar comigo ou me encararem. Óbvio que isso incomoda e machuca, pois, acaba com essa falsa ideia de professor redentor e nos faz perceber que não podemos salvar o mundo, ainda mais sozinhos. O que podemos e devemos é fazer o que as possibilidades nos permitirem, assim como nos organizar coletivamente. Enfim, mais que ensinar-lhes algo, eu aprendi muito com eles. Aprendi sobre o humano e todas as suas dimensões, escutar, respeito, flexibilidade no planejamento e muito mais.

Hoje compreendo que fui um “espermatozoide social”⁴, pois diferente do que o discurso da meritocracia prega, não foi somente mérito, foi um conjunto de fatores. Teve muita gente por trás que de alguma forma contribuiu para que eu pudesse furar/ultrapassar os limites impostos aos favelados. Hoje compreendo alguns dos meus privilégios, uma família que pode suprir minhas necessidades básicas de existência e que pode me manter somente estudando. O fato de eu ter frequentado escolas públicas que não tinham faltas de professores, a sorte de ter me deparado com professores que souberam me incentivar, orientar e que pude me espelhar. O privilégio de possuir uma habilidade de escrita que foi estimulada e valorizada ao longo da minha trajetória escolar, e que me possibilitou notas altas na redação do ENEM, sem as quais provavelmente eu não teria conseguido uma vaga em uma universidade e não estaria onde estou hoje. Tive, também, condições e auxílios para manter os gastos e a permanência na universidade e, assim, sucessivamente. Isto é, compreender esse processo só fez com que crescesse em mim a revolta de não entender o porquê outros não conseguiram também. Por que todos não tiverem as mesmas possibilidades, as mesmas oportunidades? Por que todas as minhas amigas de infância tiveram trajetórias tão diferentes? Por que de toda minha turma do 9º ano, eu fui a única que consegui acessar a universidade pública? Por que as pessoas que frequentavam as universidades eram tão diferentes de mim e das pessoas que moravam perto de mim? Por que era/é tudo tão desigual? O porquê de aquelas pessoas não poderem acessar a

⁴ Baseada na ideia de corrida para ascender socialmente como fazendo uma metáfora com a corrida do espermatozoide. Uma crítica a meritocracia, que dissemina a ideia de mérito, quando na verdade são vários os fatores e não somente mérito. Que nos coloca numa disputa desigual e excludente, em que poucos conseguem. É o mesmo que dizer, “eu fui 1 em 1 milhão de outros que ficaram de fora” e não por não merecerem, mas porque não há espaço para todos, não é permitido que todos ascendam socialmente. Como muitas vezes é veiculado nas mídias, uma história de exceção e transformando-a em regra, isto é, ignorando todos os obstáculos e desigualdades para dizer que é possível. Alimentando a ideia meritocrática que prega “se ele consegue todos podem conseguir, se você não consegue é porque não se esforçou suficiente”.

universidade também? Por que que as pessoas que vem de onde eu vim, não podem estar nesse espaço? O que causa isso? Estava diante de duas realidades totalmente contrastantes que me fizeram ampliar a minha visão/entendimento de mundo, como se uma venda tivesse sido tirada dos meus olhos.

Lembro que no início da graduação, quando perguntavam onde eu morava, ao invés de dizer Manguinhos, eu e muitas outras pessoas que conheço, diziam Bonsucesso ou Benfica (bairros próximos). Isso devido a um sentimento de não querer ser associado a estereótipos negativos atribuídos à favela e à pobreza, pois dizer que morava na favela era dizer que morava em um lugar ruim, sujo, que não tínhamos educação ou nada de valor. Além de esconder um certo medo de ser excluída da convivência com aquelas pessoas, como se ali não fosse meu lugar, como se estar ali fosse um erro.

Após ter cursado metade da graduação, em 2012, me tornei professora de Educação Infantil da rede pública municipal do Rio de Janeiro. E o que um dia foi uma espécie de vergonha de onde eu morava, deu espaço a uma enorme necessidade de valorizar, conhecer e entender melhor o lugar que cresci, residia e trabalhava. Iniciou-se um crescente sentimento de orgulho e uma grande vontade de mostrar para o mundo que há valor nas favelas e que não podíamos deixar ninguém limitar nosso lugar. É preciso explanar que o erro é não termos os mesmos direitos e oportunidades e que o lugar de favelados é sim na Universidade também. Como professora, muitas situações, práticas e discursos começaram a me incomodar. Falas extremamente preconceituosas apareciam quase como um consenso por pessoas diferentes, práticas/ações excludentes, discriminatórias e desvalorização das características e culturas negras e periféricas, inclusive do meu lugar, da minha favela e das pessoas que moram nas favelas. Nas falas ditas por essas pessoas, por muitas vezes, se esqueciam que eu pertencia a esse lugar. Me silencieei durante muito tempo, porém logo aprendi a responder, a discordar, a questionar essas falas. Mas confesso que levou um tempo até eu perceber o quanto aquelas falas e ações contribuíam com a perpetuação do racismo.

Lembro-me também, da resistência que pessoas tinham de pentear cabelos crespos, por exemplo. O quanto crianças brancas eram mais acarinhadas e preferidas. Eu questionava, mas as vezes é tão cansativo. Acredito que a partir disso, inconscientemente, construí o costume de elogiar somente as características físicas das crianças negras, exaltando seus cabelos, traços *etc.* Pois, penso que, as crianças brancas já recebem elogios todos os dias, em todos os lugares

e de diferentes pessoas e formas. Por isso, eu não preciso ser mais uma que reforça esse estereótipo de beleza (que é branco), que desvaloriza e destrói a autoestima de pessoas negras. Enfim, hoje percebo que foi a partir da minha (escre)vivência da universidade e da escola pública como docente, que me saltaram aos olhos diversas questões, inclusive o atravessamento pelas questões raciais.

Em 2016, iniciei a especialização em Relações Étnico Raciais e Educação pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RJ). Meu trabalho de conclusão intitulado “A escuta como prática para a transformação: Análises de discursos raciais de professores”⁵ foi uma pesquisa e experiência que me possibilitou muitas construções de conhecimentos, assim como, refletir, minimizar, compreender muitas dúvidas e angústias, porém ao mesmo tempo, suscitou outras mais. Nesse espaço, me tornei negra⁶. Me entendi como pessoa negra de pele clara, pois para além de parda para o IBGE, compreendi que dependendo do local onde eu estiver e dependendo do quanto minhas características negras estejam acentuadas, em alguns lugares eu sou lida e tratada socialmente como branca e em outros como negra. Tenho plena consciência de que no Brasil, quanto mais escura for sua pele e quanto mais suas características negras sejam evidentes, mais forte será o racismo sofrido.

Entretanto tomei consciência do projeto de embranquecimento e suas consequências sobre a minha trajetória. E mesmo que a branquitude e seu pacto⁷ tenham tentado, e até queiram/prefiram me convencer do contrário, por conta de minha pele não retinta, revisitei minhas memórias e experiências dolorosas com o racismo. Entendi todas aquelas vezes que sofri, vivenciei e até reproduzi e não percebia. Não foi um processo rápido e fácil, mas consegui encontrar e valorizar a negritude que me negaram, que tentaram me fazer renegar, apagar, silenciar. E decidi por não me embranquecer, isto é, não vou favorecer o seu sistema de manutenção de poder e privilégios tão defendidos pela branquitude. Então, não vou mais

⁵ MELO, E. P. A escuta como prática para a transformação: análises de discursos raciais de professores. Monografia de Especialização em Relações Étnico-Raciais e Educação. CEFET, Rio de Janeiro, RJ, 2018b.

⁶ Fazendo referência ao livro “Tornar-se Negro” de Neuza Santos Souza. Que trata dos efeitos psíquicos e emocionais do racismo na identidade de pessoas negras. Conta sobre o processo de se entender pessoa negra numa sociedade embranquecida e embranquecedora e que perversamente nos faz crescer nos odiando, sendo submetidos a um padrão branco como única forma de ser/existir. Numa lógica de negação e apagamento das nossas identidades, culturas e corpos negros.

⁷ Se referindo ao livro e termo de Cida Bento do seu livro “Pacto da branquitude” que expõe e critica a falácia do discurso da meritocracia e todo esse sistema de autopreservação do racismo. E se refere ao pacto “oculto”, isto é, ao acordo não falado ou embutido em ações, aparatos/ferramentas de manutenção de privilégios e posição de poder de hegemonia branca.

me negar e omitir. E por toda minha história, origem, trajetória, identificação, existência, resistência, luta; por minha estética, presença e vivência de culturas negras e periféricas; por minha ancestralidade, por todas as vezes que fui silenciada e/ou tive que me silenciar, pela minha vivência com as violências dos racismos, por tudo isso, eu sou negra.

Dessa forma, entender nossa trajetória, compreender esse nosso processo de (des)construção se faz tão necessário para o combate às lógicas embranquecedoras e estruturas racistas. Nos faz entender a frase da filósofa Angela Davis que ganhou o mundo, “Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. Porém, para além de resgatar nossa história, é preciso “Sankofagar”, conjugado para ser entendido como ação mesmo. Isto é, partindo da filosofia africana (Sankofa), retornar ao passado para aprender com os erros, ressignificar o presente e construir o futuro. Mas como posso contribuir com o presente/futuro? Para mim, pensar a educação, a escola, o ensino é o caminho escolhido, pois está entranhado ao meu fazer/pensar/agir, visto que se passaram mais de onze anos de docência.

Enfim, chegando ao mestrado, para qual esta dissertação se destina, me proponho agora a relatar o percurso que fiz até a escolha do tema/título. A princípio pensei em dar continuidade ao trabalho que realizei na especialização, com professores e questões raciais. Entretanto, apesar de compreendermos a necessidade de formação dos professores para as relações étnico raciais, é notório os avanços das discussões raciais na nossa rede desde a obrigatoriedade, a criação das Diretrizes curriculares nacionais para o ensino da História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena, por meio da lei 10639, possibilitando a existência de diversos materiais e formações. A partir dos anos de 2021, foi criada a Gerência de Relações Étnico Raciais (GERER) na rede municipal de educação do Rio de Janeiro, que por sinal, representa um grande avanço e conquista dos movimentos de luta antirracistas.

Uma gerência extremamente ativa, presente, que está possibilitando que as demandas antirracistas cheguem mais rapidamente ao chão da escola. Sempre se mostrando presente nas reuniões e formações, propondo movimentos e resgates de histórias não contadas, enviando listas de livros infantis afro-referenciados e de protagonismo negro e por aí vai. Hoje, sinto que na maioria das escolas, pelo menos as da 4ª CRE (onde faço parte), a discussão sobre racismo, as lutas antirracistas e as questões étnico-raciais já estão começando a serem vista/entendida como fundamental e de fato obrigatória. Os discursos que escuto na relação

com pares não são mais de é importante ou não, tem que ter ou não, mas sim, como fazemos? Essa mudança sem dúvida foi possibilitada pela criação e pelas ações da gerência supracitada. Sendo assim, a luta agora é para que a GERER se estabeleça e se fortifique cada dia mais. Por isso, mesmo que ainda tenhamos muito a caminhar e estejamos caminhando a passos curtos nas escolas e/ou com professores e suas práticas, atualmente, a questão que me paira é: Como ultrapassar os muros da escola?

Ao longo da minha trajetória docente sempre valorizei ao extremo a relação famílias-escola e sou testemunha de iniciativas que mostram o quanto essa parceria dá certo. Admito ser uma grande admiradora da potência, do poder que a escola e as famílias possuem quando caminham juntas. Decido, então, ter como público-alvo da minha pesquisa, as famílias. Visando refletir e responder alguns dos seguintes questionamentos:

As famílias estão inseridas nas discussões raciais junto às escolas? Se sim, como? Se não, como inseri-las? Quais as concepções raciais existentes nos discursos dos responsáveis? Como inserir as famílias e a comunidade escolar nessa discussão? Como apresentar, como envolver as famílias? O que as famílias podem dizer para a escola a respeito do racismo? Como as famílias podem contribuir com o fazer da escola? Como contribuir para a formação das famílias como aliados na luta antirracista? Como escola e famílias podem juntos combater o racismo?

Por fim, tenho a pretensão de a partir da contribuição das famílias e nossas narrativas/Escrevivências, construir um produto educacional para que a escola e/ou educadores possam utilizar como pontapé para um diálogo com as famílias acerca das questões étnico raciais. Ou seja, um material disparador para famílias, professores e escola que possa ser usado facilmente em reuniões de responsáveis, por exemplo. Esse produto será construído e apresentado no processo, no decorrer desse texto. Por isso, a partir de agora, convido você, leitor, a adentrar os caminhos metodológicos, conhecer a trajetória percorrida e construir suas próprias análises, reflexões, questionamentos, conclusões etc.

1. CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O jeito é curtir nossas escolhas e abandoná-las quando for preciso, mexer e remexer na nossa trajetória, alegrar-se e sofrer, acreditar e descreer, que lá adiante tudo se justificará, tudo dará certo.

Medeiros

Neste capítulo, busco desvendar os caminhos teórico metodológicos que permeiam este trabalho. Antes de apresentar as informações e o percurso metodológico, julgo importante revelar algumas concepções com as quais dialogo, me posicionando e apresentando meus entendimentos acerca das questões e concepções dos estudos étnico-raciais. Inicio a apresentação das relevâncias e motivações da pesquisa, seguida de estratégias, escolhas tomadas e objetivos. Por fim, e já fazendo um paralelo ou diálogo com o capítulo seguinte, realizo uma apresentação das sujeitas da pesquisa.

1.1 Concepções com as quais dialogo

Por motivos de ética, transparência e respeito com o leitor, julgo que antes de qualquer coisa, se faz necessário apresentar algumas das concepções com as quais eu, como autora, dialogo, compactuo e conseqüentemente defendo. Pois esta pesquisadora, carrega a pessoa, a professora/educadora, a filha, a irmã, a namorada, a mãe de duas cadelas resgatadas, a cria de Manguinhos e por aí vai. Isto é, minhas concepções estão totalmente impregnadas da minha trajetória e vivências pois, diferente do que o positivismo e o racionalismo pregam, não somos e não podemos ser somente razão, não dá para separar a cognição de todas as dimensões do humano, não dá para supervalorizar a razão numa lógica cartesiana e menosprezar/ignorar outras formas de conhecimentos, o corpo, as práticas, as experiências, o fazer, o sentir.

Então, para que fique bem explícito aos leitores e, para que, quem sabe, possa poupar tempo aos desavisados, e sem meias palavras, esta pessoa que escreve, é assumidamente “esquerdista”, no sentido de sobrepor os direitos humanos e a igualdade aos ideais capitalistas desiguais, excludentes e de acúmulo de capital, que somente se importa com questões econômicas acima de tudo e todos, inclusive do próprio planeta. Acredito que a questão racial se sobrepõe a questão social pois, não dá para resumir a questão econômica. Tendo como

exemplo o caso de que se um homem rico for negro, sofrerá racismo. Isto é, não é possível pensar uma democracia de fato sem resolver o problema de fundação do nosso país, ou seja, da desigualdade racial existente, advinda do racismo, do nosso passado escravocrata e suas pendências, além das políticas de Estado excludentes e segregadoras.

Abomino o discurso da meritocracia e demais invenções da branquitude utilizadas por pessoas que se posicionam em prol do seu pacto com o intuito de deslegitimar as nossas lutas e história. E, sou assumidamente feminista, sob o viés da interseccionalidade. Então, caso você discorde totalmente dos posicionamentos assumidos até aqui, você tem total direito de se retirar dessa leitura. Porém, caso esteja disposto a ouvir/ler e refletir para além das suas verdades absolutas, proponho que fique. Pois, no mínimo você sairá com muitas dúvidas, perguntas, talvez entendendo ou sendo menos intolerante com o que julga diferente e de preferência, com muitas reflexões e questionamentos. Não tenho pretensão em ditar o que é certo ou errado e muito menos me julgo a detentora do saber ou de verdades absolutas, mas espero que possamos trocar/dialogar e construir juntos.

Continuo dizendo que este texto não será “neutro/imparcial” pois, essa neutralidade acadêmica vendida ao longo do tempo, é de certa forma uma farsa, considerando que historicamente possuímos valores eurocêntricos e coloniais. Isto é, a academia sempre valorizou, propagou e perpetuou saberes/conhecimentos hegemônicos, brancos, elitistas, segregadores e racistas. Ou seja, a academia nunca foi e continua não sendo neutra. Desta forma, a partir de agora começo uma tentativa de expressar e apresentar, por meio da escrita, a compreensão que tenho acerca das discussões sobre as questões étnico-raciais. Utilizando a “Escrivência como rota de escrita acadêmica” (DUARTE; NUNES, 2020), isto é, deixando de escrever na 3ª pessoa do singular e não mais escondendo minha identidade contando sobre minha história e trajetória. Mas, também, não se trata somente da maneira que vou escrever, mas sim sobre o quê, de onde, para quem irei escrever. Pois, “temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, *Apud.* CRUZ, 2017). E já passou da hora de escrevermos para a branquitude. Precisamos escrever para nós, para nos identificarmos e reconhecermos nos textos acadêmicos. É preciso problematizar as ausências, questionar o que até então era inquestionável. É praticar ativismo acadêmico, buscando reparação epistêmica.

Para trazer minhas concepções para este trabalho, foi necessária uma autorreflexão incessante, pois, ao longo da construção de nossas identidades, muitas coisas nos passam, nos atravessam. Buscar sistematizar nossas ideias, pensamentos e todos os conhecimentos

construídos até aqui, certamente não é tarefa fácil. Pois, é cabível afirmar que estamos em um constante processo de construção e mudanças. Entretanto, é preciso tentar pois, precisamos nos posicionar. Assim, antes de ter acesso aos estudos étnico-raciais, muito me incomodavam os discursos preconceituosos com as minorias (que são maiorias). Este incômodo, juntamente com questões do meu processo de desconstrução e vivência com o racismo, me fez querer estudar, buscar, entender, embasar e me apropriar desses conhecimentos. Compreendia a dívida histórica do Estado e da sociedade para com o povo negro, porém, em uma dimensão bastante superficial. E mesmo compreendendo o racismo como algo concreto e tendo noção de que tenho muitos privilégios por ter a pele clara, ainda não conseguia sistematizar tudo isso. Dessa forma, a especialização em Relações Étnico-Raciais e Educação foi de extrema relevância pois, me propiciou compreender meu lugar na luta antirracista e ter acesso a informações, conhecimentos e leituras específicas.

Pude compreender que o racismo se propagou fortemente pelo mundo a partir das Teorias Eugénistas do séc. XVIII e todas as suas ramificações. No Brasil, passamos pelos movimentos integralistas, pela crença no mito das três raças e, posteriormente, no Mito da Democracia Racial. Estas ideologias (ultrapassadas) não só formaram e estruturaram nosso país, quanto, estão intrinsecamente presentes nas relações, ainda hoje e culminam no Genocídio da População Negra. Demonstrando, assim, o quanto influenciaram, afetaram e ainda afetam a sociedade. O Projeto de Branqueamento deu tão certo nessa concepção, a ponto de ainda hoje impactar tanto a nossa história, nossa construção de identidades, nossa autoestima e a realidade no geral. Por isso, compreendo o racismo como sendo estrutural e estruturante na formação do nosso país. E me arrisco a dizer, que ele é algo pendente em ser superado de fato em todo o planeta. Pois, o racismo, mesmo que de diferentes maneiras, existe ao redor do mundo, ou seja, numa escala global. Ainda, pude compreender que raça é um conceito sócio-historicamente construído, ou seja, o seu significado se altera de acordo com o tempo e o espaço. Enquanto o racismo existir o termo raça existirá, sendo hoje utilizado como forma de combate e resistência na luta por igualdade racial. Isso foi preciso pois, junto com o entendimento de que todos pertencemos a única e mesma raça humana, biologicamente, veio também o ocultamento da desigualdade racial. Ou seja, a sociedade foi racializada historicamente, foi organizada seguindo essa lógica, porém, aqui no Brasil isso tentou ser mascarado, assim como todos os esforços de apagamento das ações pelos que estavam no poder de exclusão e abandono da população negra, o apagamento da sua história e cultura.

Por isso, hoje, entendo que conhecer nossas origens é algo fundamental, assim como a valorização da memória africana, da nossa cultura afrobrasileira e indígena. Sobre as políticas de reparação histórica, compreendo que são urgentes e emergenciais. Pois, o mínimo que se pode fazer para reparar tantos anos de segregação, é criar estratégias concretas para minimizar essas desigualdades raciais históricas. Seja democratizando os acessos e oportunidades, seja garantindo a presença em espaços entendidos como de poder, ou de predominância branca e garantindo representatividade. Sabemos que somente essas medidas emergenciais não bastam, mas são um marco e um avanço importantíssimo para a luta da população negra.

Compreendo a educação, a escola e o seu racismo institucional como espaços responsáveis por favorecer e perpetuar ideais racistas. Com bases eurocêntricas que não valorizam os nossos saberes e que ocultam nossas culturas e histórias. Nos exclui das aulas, dos livros didáticos, da literatura e conseqüentemente da sociedade. E, por isso, é gritante a relevância da lei 10.639/03, atualmente, 11.645/13 como ferramentas de luta contra o racismo e as desigualdades. Com o potencial de transformar esses espaços excludentes em espaços de superação e avanços. Sendo assim, assumo um posicionamento Antirracista e Decolonial, isto é, de combate ao racismo, buscando questionar, desconstruir e/ou ressignificar as lógicas coloniais as quais fomos impostos e estamos inseridos.

Sistematizar tudo isso, na minha cabeça e, conseqüentemente, neste texto de forma breve não foi tarefa fácil, foi fruto de muitos estudos, muitas leituras. Todo esse trajeto só foi possível devido a muitos que vieram antes, os mais velhos, desde nossos ancestrais que não se renderam e resistiram e, talvez, não tenham sido reconhecidos como deveriam ao longo da história; até toda uma construção e organização do movimento negro ao longo da história. E aqui especificamente, cito e saúdo todo um grupo de intelectuais negros que adentraram e, de certa forma, romperam com a lógica acadêmica colaborando para a existência do campo dos estudos étnico-raciais. E com os quais aprendi, continuo aprendendo e construirei diálogos ao longo desse escrito. Dentre eles estão, Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, bell hooks, Cida Bento, Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, Eliane Cavalleiro, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Kabengele Munanga, Milton Santos, Neuza Santos, Nilma Gomes, Lélia Gonzales, Petronilha, Silvio Almeida, Stuart Hall, Sueli Carneiro e outros muitos que eu tenha deixado de fora neste momento. Trazendo, também, o destaque e a importância do Movimento Negro Educador brasileiro, como um agente ativo e político, produtor e sistematizador de saberes e conhecimentos acerca das questões raciais, assim como, ator de reivindicações, transformações e de avanços políticos existentes dos quais podemos identificar hoje.

Enfim, não estamos sozinhos, somos a soma de todos que nos passaram e passam. E poder desconstruir, reconstruir e reinventar nossas concepções, é extremamente importante. Nos proporciona pensar acerca da construção de nossas identidades e contribui para valorização e sentimento de pertencimento da nossa própria história. Pois, na medida em que aprendemos com o passado e compreendemos melhor o contexto ao qual estamos inseridos, torna-se possível lembrar quem somos, nossos sonhos, objetivos e renová-los. E nos impulsiona a sermos precursores da luta antirracista.

1.2 Relevâncias

Neste espaço paio por pensar as importâncias/relevâncias que justificam e/ou motivam esse trabalho. Ao almejarmos uma educação pública de qualidade e pensarmos a escola hoje, nos deparamos com inúmeros desafios. Fazer da escola um espaço democrático ao lidar com as diferenças é sem dúvida um deles. Desta forma, se faz necessário destacar o papel político da escola na valorização das diferenças e no combate às desigualdades. Previstos inclusive, no Plano Nacional de Educação como metas de “superação das desigualdades educacionais” e para a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade (BRASIL,2014).

As salas de aula refletem a diversidade do nosso país, assim como, refletem o racismo existente. Que devido aos ideais eurocêtricos perpetuados historicamente, apagam ou estigmatizam algumas identidades em detrimento de outras. Sendo assim, compreendemos que:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (MOREIRA & CANDAU, 2003. apud CANDAU, 2010, p.16).

As diferenças não são o problema pois, elas constituem a todos nós, o problema é quando as diferenças causam desigualdades. E assim como na sociedade, na escola, a diferença é tratada com desigualdade. Porque determinados saberes/conteúdos/corpos são considerados mais valiosos do que outros? E a pergunta que precisamos fazer: Quem determina o que é diferente? Quem estabelece essas regras? Nós queiramos ou não,

percebendo ou não, mesmo com todos os avanços, ainda existe uma guerra oculta nos currículos, e é uma guerra desigual, injusta. Difícil de ser encarada, mas mais que necessária.

Dessa forma, as leis 10.639/03 e 11.645/08 que são resultados de lutas sociais e representam um avanço na luta antirracista pela democracia, trazem a importância de trabalhar a História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena no ambiente escolar, para a equidade de direitos e oportunidade, visando reparação histórica e a valorização dessas identidades, histórias e culturas subjugadas e invisibilizadas historicamente. Sendo assim, torna-se crucial abordarmos as questões étnico-raciais, pois:

Jamais contaremos com uma democracia efetiva se não [...] eliminarmos [o racismo]. O negro ainda constitui o ponto central de referência de nossos atrasos e avanços históricos, a esperança maior na luta dos oprimidos pela criação de uma sociedade nova” (FERNANDES, 1995, p.12).

Entretanto, sabemos que vivemos um momento político extremamente delicado e de retrocessos, com constantes ataques e retiradas de direitos. Por isso, se faz necessário nos debruçarmos sobre os estudos das Relações Étnico-raciais, não somente, como forma de resistência e manutenção dessas conquistas e avanços, mas também, como maneira de colaborar com a construção de uma educação, de uma escola, de um currículo e de práticas antirracistas na educação desde os anos iniciais.

Debater o racismo e as consequentes desigualdades históricas, estruturais e estruturantes, ainda são uma problemática a ser superada no Brasil e mundo. E ainda se faz necessário em pleno século XXI. Trazer a escola para a discussão, é trazer, também, suas ambiguidades para o diálogo. Pois, ao mesmo tempo que reproduz, colabora, institucionalmente e historicamente com o racismo, ela também é instrumento de intervenção no mundo.

A escolha pela escola é porque o racismo está presente nesse espaço e é uma instituição historicamente eurocêntrica. Mas também, porque ela representa e refrata a sociedade. Por isso, trazer as famílias para o debate antirracista é mais que preciso, para além de compreendermos a importância de uma boa relação família-escola e para pensar uma educação de qualidade. Assim como espaço para debater as diversas compreensões que as famílias possuem acerca da relevância do papel da escola no combate ao racismo.

A escola está inserida numa lógica racista historicamente estrutural e estruturante. E apesar de ser possível notarmos alguns avanços nas discussões acerca da temática, cada vez mais atentas e presentes na sociedade, como nos meios de comunicação, nas redes sociais, nos

materiais culturais etc; ainda temos muito a avançar. A escola, por sua vez, segundo Gomes (2002), está se movimentando à passos curtos, no que tange a relações étnico-raciais. Ou seja:

Aos poucos, os educadores e as educadoras vêm interessando-se cada vez mais pelos estudos que articulam educação, cultura e relações raciais. Temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola, a educação de mulheres negras, relações raciais e educação infantil, negros e currículo, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional. Porém, apesar desses avanços, ainda nos falta equacionar alguns aspectos e compreender as muitas nuances que envolvem a questão racial na escola, destacando os mitos, as representações e os valores (GOMES, 2002, p. 21).

A priori, a escola deveria ser teoricamente um lugar democrático e igualitário. Porém, na prática, ainda adotamos nesse espaço, práticas, posicionamentos e discursos racistas e segregadores. E, ainda, “revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo, ela também é um importante local onde estas podem ser superadas” (GOMES, 2003). Fica evidente que a existência de legislação, somente, não se faz suficiente. Pois, a grande problemática atual paira sobre o “como fazer?”, como ir para além da obrigatoriedade? Afinal, não sabemos lidar com as diferenças pois, historicamente não fomos ensinados e conseqüentemente não sabemos ensinar para as relações étnico-raciais, quanto mais pensarmos uma educação de fato antirracista.

Quanto às motivações existentes, destaco a compreensão do meu papel de professora-pesquisadora e de agente transformadora pois, “Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” (FREIRE, 2008). Sinto-me no dever de retribuir à escola pública os conhecimentos acadêmicos que construí em minha trajetória escolar inteira propiciada pelo ensino público. Além disso, vivenciar no cotidiano escolar discursos e práticas racistas, relatos de “não saber fazer” são incômodos e que sem dúvida me motivam a querer contribuir para mudança. Assim como, percepção de ausência de práticas que favoreçam identidades negras de formas positivas, suas valorizações estéticas, suas histórias ancestrais e *etc.* Então, se a questão da formação de professores não está sendo suficiente, ou melhor, caminha a passos lentos, porque não pensar em outras formas de transformação e alcance por meio da escola. Sendo assim, este estudo se torna relevante também, por trazer essa discussão para o diálogo, a relação entre famílias e escola.

Surge então um novo questionamento: a partir da escuta sensível das famílias, seria possível compreender as demandas das relações étnico-raciais na escola e criar coletivamente

estratégias de transformação e tomada de consciência acerca da relevância do tema, assim como a compreensão da necessidade de pensarmos uma educação antirracista?

Assim, este estudo justifica-se pela necessidade de ampliação dos debates públicos sobre racismo e questões étnico-raciais na sociedade atual. Assim como a legitimação das legislações. Evidenciando que por meio de muita luta, desde 2003 temos a lei 10.639 e posteriormente sua alteração para 11.645 de 2008 que traz a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena nas escolas. Estas alteram o art. 23 da LDBEN e representam uma grande conquista na luta contra o racismo. Sendo assim, temos então, o “amparo” normativo, porém, a escola ainda possui muita dificuldade em colocar em prática essa obrigatoriedade. Temos um longo caminho a percorrer.

Por fim, quanto à temática é importante ressaltar a pouca produção de trabalhos acadêmicos que envolvam a família na discussão do racismo junto a escola. Ao realizar uma busca no Scielo Brasil em trabalhos escritos na língua portuguesa com as palavras família, escola e racismo, aparece somente um artigo *“Percursos e trajetórias: a identidade do diretor de escola negro nas escolas municipais da cidade de São Paulo”* (CAMPOS, Douglas A, 2020). Ao acrescentar o plural, famílias, não aparece nenhum. Substituindo a palavra escola por educação, aparece o artigo mencionado anteriormente e, também, o *“Erudição e racismo na trajetória ascendente de uma família negra do Maranhão”* (CRUZ, Mariléia dos Santos, 2022). Utilizando na pesquisa a palavra ensino também não se encontra artigos sobre o tema. Quando pesquisei a palavra famílias, separadamente, a maioria dos trabalhos que aparecem são da área da saúde. Pesquisei, então, Famílias e educação e, assim, apareceram trabalhos sobre inclusão, mas no âmbito da saúde, como trabalhos sobre Libras e autismo, por exemplo. Quando pesquisei família e racismo, não apareceram resultados, tampouco com a palavra antirracismo. Mas, quando pesquisei racismo e escola, apareceram 3 páginas com 15 artigos cada. Ao adicionar família, pesquisa, voltamos para o único artigo que aparece inicialmente. Já pesquisando família e questões étnico-racial ou raciais, também, não se encontram resultados. Já Educação antirracista foi encontrado 21 trabalhos, porém, quando adicionei a palavra família ou famílias, novamente não encontram resultados. E mesmo substituindo a palavra famílias por responsáveis, também não se encontrou resultados. Fiz uma tentativa com comunidade escolar e nada apareceu também.

Assim, trago a relevância do trabalho como contribuição tanto com as demandas quanto a resistência por parte de algumas famílias, que na verdade se dá, provavelmente pelo

não acesso a essa discussão, entender a escola como espaço formativo para as famílias é importante. Este escrito pode ser considerado relevante por me proporcionar uma autorreflexão acerca do meu papel como educadora, por me permitir compreensões/reflexões/críticas das minhas concepções e conseqüentemente das minhas práticas pedagógicas construídas em minha caminhada docente, nesse processo de busca de um fazer pedagógico mais consciente, crítico, coerente, ético, humano e democrático. Pois:

Os (as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, ou seja, é preciso superar e romper com o mito da democracia racial (GOMES, 2010 p.60).

Porém, para tal, se faz necessário uma tomada de consciência, precisando passar por processos de desconstruções que envolvam antes de tudo, se afetar, se envolver, se compreender dentro da discussão. E esse processo passa pela troca, pela escuta, por um processo de alteridade. Entretanto, como construir um diálogo em tempos de tão pouca escuta? Isto por sua vez, me remete ao “*Amor como prática da liberdade*” de bell hooks. Que nos convida a repensar a maneira como dialogamos com o outro, compreendendo a escuta como prática de amor e de transformação pois, “uma cultura de dominação é anti-amor. Exige violência para se sustentar. Escolher o amor é ir contra os valores predominantes dessa cultura.” (hooks, 2006, p.4).

É importante ressaltar, ainda, a relevância deste trabalho como ferramenta de aproximação entre teoria e prática e, que assim sendo, permite se cumprir uma das primordiais funções de uma universidade que é articulação entre pesquisa, ensino e extensão. Já que esta pesquisa se propõe a contribuir para a práticas de professores e escolas, uma vez que um de seus desdobramentos será o retorno à escola com a criação de um produto educacional.

Quanto à relevância para o campo da Educação, espero poder contribuir para a construção de mais um espaço de reflexão sobre as demandas advindas da sociedade e da educação para as relações étnico-raciais. Contribuir com escolas e educadores, para que possam refletir sobre sua realidade, seus cotidianos e, também, possam ser agentes transformadores de suas realidades, atuando, modificando, ou melhor, influenciando

positivamente a sociedade, a educação e por que não as suas próprias escolas? Visando a construção de uma escola de fato democrática, que esteja debruçada sob um ideário de realidade mais igualitário, democrático, ético e humano.

1.3 Passos percorridos

A partir de agora, inicio os caminhos percorridos e os que ainda serão percorridos para a construção desta dissertação. Irei tecer sobre as minhas escolhas para a pesquisa, apresentando as estratégias e aparatos metodológicos utilizados. Ou seja, tentarei fazer você, leitor, entender um pouco mais sobre a estrutura e organização desse texto.

Sendo assim, inicialmente numa pesquisa acadêmica é preciso definir a sua tipologia, isto é, a metodologia utilizada. Entretanto, uma das intenções desse estudo, é justamente questionar os padrões acadêmicos eurocêntricos, elitistas e coloniais. Porém, admito que essa foi uma grande dificuldade, me despir dos vícios acadêmicos que aos quais fui impostamente formada. Admito que por alguns momentos, me peguei tentando encaixar minha pesquisa a esses padrões e, assim, entrava em um abismo de dúvidas. Seria a minha pesquisa, uma pesquisa-ação, participante, etnográfica, bibliográfica? Ou quem sabe uma pesquisa narrativa? A questão é que ela é um pouco disso tudo, ou quem sabe, nenhuma dessas opções também. Então, ao invés de tentar encaixar minha pesquisa nesses padrões e após conseguir superar essas contradições em mim, posso dizer que estou nesse processo, tentando todos os dias assumir uma postura de enfrentamento, uma postura decolonial. Afinal, já passou da hora de questionarmos e modificarmos esses padrões, fazeres e saberes coloniais aos quais fomos submetidos.

Assim sendo, esta dissertação trata-se de uma pesquisa qualitativa e se aproxima de uma pesquisa-ação, ou seja, “a pesquisa-ação está diretamente imbricada com a mudança, busca transformar enquanto conhece” (Barbier, 2002). Porém, opto por anunciar que este estudo terá como escolha/estratégia ou método, a descrição do processo, o trajeto, isto é, os caminhos percorridos, pois utilizará de métodos mistos como observação, entrevista semiestruturadas, análises de dados e discursos. Admitindo a minha dificuldade em fugir dos vícios acadêmicos, mas ao mesmo tempo, me desafiando a me distanciar deles e não colocar a pesquisa em uma caixa. Me arrisco nesse processo de escrita mais autoral, trazendo e costurando no percurso, as minhas memórias, lembranças, dores, trajetória de desconstrução e letramento racial. Sendo

assim, utilizei e entendi a Escrivivência de Conceição Evaristo, como inspiração metodológica de investigação e produção de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais. A obra dessa grande mulher traz a necessidade do incômodo que a escrita de mulheres negras precisa provocar nessa forma hegemônica branca de fazer e pensar academia.

A escrevivência que se utiliza da experiência da autora e que possibilitam narrativas que dizem respeito as experiências coletivas. A princípio utilizei a escrevivência como metodologia em todo o trabalho. Inclusive nas análises, construções, reflexões e diálogos das conversas surgidas a partir do momento da entrevista com as sujeitas da pesquisa. Isto é, a partir da minha posicionalidade como mulher negra, pedagoga e professora da educação infantil da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro. Trouxe narrativas e discursos de famílias acerca das suas relações com o racismo e com a escola. Mas também, recuperando memórias da minha própria história.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas” (EVARISTO, *Apud.* CRUZ, 2017).

É também, um indício de mudança epistemológica possibilitada pelos movimentos de mulheres negras. Já que “escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança” (EVARISTO, 2005, *Apud.* DUARTE; NUNES, 2020, p.174). Acompanhando os movimentos de desconstrução e letramento racial, resistências e nossas trajetórias. Nesse sentido, possuem questões inegociáveis e que precisam de atenção para que o conceito não caia em um esvaziamento teórico, desses que a branquitude vive tentando e articulando. Para tal, é necessário que:

a) à temática, na qual o negro precisa ser o tema principal; b) à autoria - para além da discussão sobre o que é ser negro no Brasil, o autor acredita que o fundamental para uma escrita negra seja a posicionalidade que rompe com um discurso colonizador, "em uma visão de mundo distinta do branco" (p. 18); c) à linguagem, requisito em relação ao qual Duarte (p.18) afirma que "a afro-brasilidade tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua" e, finalmente; d) ao público, composto de leitores/as com anseio de afirmação identitária. (DUARTE, 2008, *apud.* SOARES; MACHADO, 2017)

Nesse percurso recorri as famílias de ex-estudantes do EDI onde atuo, e que atualmente se encontram nos anos iniciais do ensino fundamental. Famílias que possuem alguma relação com o racismo, ou, por se tratar de pessoas negras e/ou por terem crianças negras.

A coleta dos dados e informações surgiu da realização de entrevistas semiestruturadas, que optei por chamá-las de conversas sendo que apesar de possuir um roteiro de perguntas e/ou temas, as entendi como conversas pois, em alguns momentos, quando julgar necessário, saí do roteiro. Acho interessante trazer a informação de que, no decorrer da realização e utilização do roteiro, senti a necessidade de inserir mais perguntas, no sentido de pedir mais opiniões das famílias. Solicitar diretamente sugestões e opiniões de como eu devia proceder para pensar e construir o produto educacional.

Sendo assim, partirei da escuta e dos diálogos dessas famílias. Isto é, me coloco como escutadora, mergulhada pelo pensamento freiriano, na perspectiva de aprendiz, ao escutar, dialogar e tentar entender algumas concepções étnico-raciais em diálogo com essas famílias. Assim, fui tecendo os percursos da pesquisa, me colocando na posição de troca, de escuta, aberta a aprender e buscando um diálogo para ampliar visões com o outro que nessas trocas geram transformação mútua.

Sobre a abordagem e a captação dos representantes das famílias, inicialmente foi feita pelo WhatsApp. Enviei para grupos de WhatsApp que possuo com famílias de ex-estudantes e para alguns contatos de família que tinha o contato salvo, a seguinte mensagem:

Bom dia, Tudo bem? Como você está? Caso não tenha mais meu número salvo, quem fala é a Elayne, ex-professora de educação infantil da sua criança. Estou precisando de uma grande ajuda e ficaria extremamente feliz se você aceitasse/pudesse participar.

Bem, eu estou construindo uma pesquisa para o mestrado que trata sobre racismo, famílias e escola. Estou precisando entrevistar algum(a) representante da família de crianças matriculadas nos anos iniciais do ensino fundamental que sejam negros(as) e/ou possuem crianças negras. Gostaria de saber se você gostaria de participar e me ajudar nessa construção. Caso tenha interesse, me chame que darei melhores explicações e, então, combinamos direitinho o melhor dia, horário e local para você. Aguardando ansiosa seu retorno, desde já muito obrigada. (Mensagem compartilhada via WhatsApp, 2023).

É importante relatar que os números/contatos que possuía das famílias eram das mães/avós. Pois, quando era solicitado um contato da família para o grupo do WhatsApp da turma, sempre foram figuras femininas que se colocavam nessa disponibilidade com a escola/professora. Assim como, a maioria da presença em reuniões, também se tratava de

figuras femininas. Pensando sobre isso, percebo que após a pandemia da Covid-19, tenho notado uma pequena mudança nesse sentido. Nas reuniões escolares tem aparecido mais figuras masculinas e somente neste ano letivo, tive pela primeira vez, 2 contatos de figuras masculinas no grupo de WhatsApp da turma. Antes sempre foram somente mulheres. Percebo aqui uma temática interessante de possibilidade de pesquisas futuras.

Sendo assim, a abordagem trará o recorte de gênero, pois foram somente mulheres que me retornaram com interesse em participar das entrevistas. Acredito que é justamente pelo fato de as mulheres, na maioria das vezes, estarem à frente das famílias. Penso então na importância da escrivência também como maneira de proporcionar protagonismo para essas mulheres negras e/ou que vivenciam o racismo, direta ou indiretamente, por meio dos filhos(as), e podem ter muito a colaborar para o debate. Mas que por muito tempo estiveram fora dos espaços e textos acadêmicos. Entendendo, valorizando as mulheres negras como precursoras e sendo a representação da resistência e da esperança. As que vieram antes e as que estão de frente, cabe a nós continuarmos essa luta, para as gerações futuras pois, nunca nos foi dado, sempre foi por meio de lutas.

A princípio, este trabalho se propunha a entrevistar 4 participantes. Entretanto, seis mães me responderam, demonstrando interesse e, então, resolvi entrevistar todas. Com o intuito de posteriormente selecionar somente as quatro entrevistas que rendessem mais conversas. Porém, após a realização delas, tive bastante dificuldade em fazer essa escolha, pois todas traziam contribuições importantes para o debate. Por isso, optei por manter as seis entrevistas, justamente por perceber a existência de discursos diversificados, visando ser algo positivo para enriquecer e promover diálogos entre diferentes concepções/ideias.

Conversas e discursos esses, que, ora, dialogam e se aproximavam ora, se distanciavam e/ou são contrários ou até mesmo se complementam. As entrevistas se deram em locais e horários diversos, de acordo com a disponibilidade das participantes, previamente combinados e agendados. Posso relatar que foram bem agradáveis, se deram tranquilamente e cada entrevista/conversa durou entre 20 a 40 minutos.

Acerca do momento da entrevista, esta foi previamente anunciada e explicada às sujeitas, sendo realizada a leitura e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo). Foram assinadas duas vias, pela sujeita e por mim, cada parte ficou com uma cópia. Este apresentava a pesquisa e seus objetivos, pedia autorização da gravação e possível utilização da voz. E constava informações importantes para garantir a ética da pesquisa.

A entrevista se deu em forma de conversa-diálogo, porém com perguntas e assuntos pré-definidos, isto é, em formato de entrevista guiada, cujo título é “Questionário disparador de reflexões raciais para diálogo entre famílias e escola” (em anexo). As conversas ocorreram de forma leve, e os áudios das gravações tiveram duração entre 20 e 40 minutos cada entrevista. Como foram mães de ex-estudantes aproveitamos para nos rever, trocar informações e novidades sobre a criança. As entrevistas aconteceram no ano de 2023, após o meu horário de trabalho e foram realizadas na Maré, algumas na área externa da Unidade escolar que atuo e outras em um espaço que possui bancos, fora, mas próximo do meu local de trabalho. O intuito foi ficarmos próximas da residência delas, para que não houvesse desgaste físico ou qualquer tipo de gastos.

Durante o momento da conversa, me comprometi a mostrar para elas tudo o que for construído a partir de suas falas e aguardar seus retornos, opiniões durante o processo de construção desse trabalho. Explanei que a intenção era pensar o produto educacional a partir das suas contribuições. Isto é, a ideia de tê-las como participantes da pesquisa, na medida em que fui as consultando e acolhendo suas opiniões, posicionamentos e comentários. Elas demonstraram ânimo durante a conversa e ao final relataram ter gostado de participar da experiência. Porém, após desligar a gravação, elas aparentavam relaxar, sendo possível perceber que, de certa forma, estavam atentas e/ou tensas com a gravação. Surgiram falas como “Acha que vai dar para aproveitar?”, demonstrando uma certa preocupação de terem contribuído positivamente com a minha pesquisa. “Acha que ficou bom?”, buscando uma aprovação ou retorno meu e “Espero que eu não tenha falado besteira”, demonstrando medo ou receio por ter falado coisas que consideram errado, sem perceber. Assim como surgiram comentários de aprovação “É bom pensar nessas coisas que não paramos para pensar no dia a dia”, “Me fez pensar muito, as perguntas me fizeram abrir meus olhos para muitas coisas”. Por isso, me arrisco a dizer que foi um momento agradável para elas.

Os discursos coletados foram inicialmente organizados, separados e agrupados por aproximação temática. Estão distribuídos pelos 5 tópicos no Capítulo 2 e são apresentados de diferentes maneiras. Alguns em tabelas, quando a intenção é trazer as respostas das sujeitas à alguma pergunta específica. Outros são trazidos em diálogos, quando há alguma interação com a pesquisadora/escutadora. E há ainda, por vezes, o destaque de alguma narrativa com a intenção de convidar o leitor para explorá-la, ora como um trecho em destaque no decorrer do texto e colocados entre aspas, ora como um relato ou narrativa maior.

Após os áudios terem sido transcritos, foram realizadas algumas análises, construindo reflexões, articulações e diálogos. Relações (aproximações e distâncias) entre os discursos. Compreendendo que investigar o discurso é analisar por meio da linguagem como os participantes estão agindo no mundo, isto é, construindo sua realidade social e a si mesmos. Se inicia então, um processo de construção de possíveis análises desses discursos e diálogos com alguns autores que contribuem para o campo dos estudos étnico-raciais. E, no decorrer, vou costurando também as minhas narrativas sobre minhas vivências, trajetória, memórias etc.

Por fim, realizei, a partir das análises, reflexões e o levantamento de concepções surgidas das narrativas das sujeitas acerca das questões étnico-raciais. A partir das falas de suas histórias e seus entrelaçamentos com a escola e o racismo. Apresentarei, adiante, tabelas com as respostas de todas as participantes, ora trarei trechos de alguma ou algumas delas, surgidos que julgo importante trazer para o debate. E, também, apresentarei algum diálogo que apareceu em uma conversa e que provavelmente não apareceu nas outras, sendo cada conversa única, especial e rica à sua maneira.

Enfim, é bom lembrar que em tempos como os que estamos vivendo, de intolerâncias e retrocessos na retirada de direitos fundamentais, as escrevivências surgem como uma inspiração metodológica e/ou ética de pesquisa que compreende a escrita como uma forma de resistência.

1.4 Objetivos

Ao construirmos um estudo, se faz necessário definir nossos objetivos. Pensar objetivos para nos ajudar a saber aonde queremos chegar ou a que ou aquilo que pretendemos alcançar. Entretanto, não tenho pretensão em esgotar qualquer tema ou assunto, muito menos trazer verdades absolutas e inquestionáveis. Aqui apresentarei o que pretendo, mas no sentido do que desejo, minhas vontades, minhas ideias iniciais para tentar refletir sobre os questionamentos anteriormente apresentados que deram razão a existência dessa dissertação. Ideias estas, flexíveis, que foram, e que provavelmente podem mudar durante o processo, o fazer, o tecer desse escrito.

Sendo assim, a primeira intenção desse trabalho é justamente, não traçar objetivos extremamente fechados, que possam me limitar. Pois, espero que esse trabalho, não se finde aqui, que ele possa ser revisitado, revisto, modificado, que crie muitas ramificações e possibilidades. Por isso, mais uma das intenções é justamente não focar no final e sim no

processo, no fazer, no construir, curtir⁸ o caminho e fazê-lo o mais proveitoso dentro das possibilidades.

Ainda, tenho a intenção de, através dos discursos, levantar e identificar concepções do campo dos estudos étnico-raciais e de algumas de suas especificidades, buscando melhor compreendê-las. Levando em consideração que "compreender é opor à palavra do interlocutor uma contrapalavra" (BAKHTIN, 2002, p. 132). Isto é, o que será construído ao longo deste trabalho está longe de ser verdade absoluta, se trata mais de um diálogo, de reflexões acerca das ideias surgidas no tecer deste escrito. Ou seja, é apresentar uma das análises possíveis das vozes (dos discursos) participantes da entrevista.

Então, como uma forma de organizar minhas intenções, eu diria que este estudo pretende realizar investigações acerca das relações estabelecidas entre racismo, famílias e escola e, assim, apresento como objetivo geral:

Estabelecer reflexões e diálogos entre os discursos surgidos nas entrevistas com as famílias, as minhas memórias e apontamentos despertados das minhas vivências, além dos conceitos e saberes teóricos dos estudos étnico-raciais como base para construção de um produto educacional que favoreça/possibilite essa relação famílias/escola para uma educação antirracista.

Ainda, dentre as vontades e desejos que tenho para esse trabalho, seguem os seguintes objetivos específicos:

- Realizar levantamentos de concepções a partir das narrativas das sujeitas da pesquisa acerca das questões étnico-raciais.
- Investigar as relações estabelecidas ente racismo, famílias e escola
- Construir material disparador de diálogo entre famílias e escola acerca do combate ao racismo.
- Contribuir para reflexões sobre práticas antirracistas.
- Colaborar com a construção de ideias para pensar uma educação antirracista.
- Refletir sobre a relação FamíliasEscola como Potência Antirracista
- Valorizar os olhares das famílias acerca do racismo e antirracismo na escola.
- Identificar algumas demandas discursivas existentes das questões étnico-raciais.

⁸ Neste momento o corretor sugeriu gostar ou apreciar, para "evitar gírias", porém a palavra curtir engloba isso e mais, é uma junção dessas sugestões e faz mais sentido para mim.

Enfim, das minhas muitas intenções, julgo importante trazer estas últimas. Desejo que este escrito colabore para os estudos e debates de construção de uma outra escola, pois a ideia de tal escola é que nos move todos os dias a não estagnar, não se render ao discurso hegemônico, excludente e segregador. Pretendo ainda, que este estudo colabore para a compreensão de que não dá mais para deixar as famílias de fora de assuntos tão caros à educação. Que de uma vez por toda entendamos que é preciso chamar as famílias para esse dialogar, colaborar, ajudar, orientar. Anseio por colaborar nem que seja com uma pequena faísca de incentivo, motivação e chamado a ação e a luta antirracista nos seus cotidianos, no seu mundo, naqueles lugares e pessoas que você possa alcançar. E espero que você entenda que não precisa lutar sozinho, não se sinta mais sozinho pois, somos muitos, só precisamos nos achar, nos juntar e nos organizar.

2. ENTRE ESCUTAS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES

Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser (...)

Paulo Freire

Neste capítulo, trago as vozes das sujeitas para dialogar e articular entre si, comigo e com meu aparato teórico. A partir das falas coletadas, se inicia a construção de reflexões, diálogos e "a escuta das vozes", ou seja, a identificação das concepções existentes nos discursos e alguns possíveis diálogos e articulação com minhas memórias, vivências e leituras. As falas foram organizadas, separadas e agrupadas, o que possibilitou elencar "eixos temáticos" que mais saltaram nos discursos colhidos nas entrevistas/conversas. Assim sendo, estas foram subdivididas em: Família-Famílias e Escola; Conhecendo as Sujeitas da Pesquisa; Raça x Cor; Racismo x Mito da democracia racial; e Racismo x Educação. A seguir, estão dispostos como subtópicos deste capítulo.

2.1 Família Famílias e Escola

Neste tópico, trago para a roda a tentativa de uma breve contextualização histórica do conceito "Família" e pensar nessa relação com a Escola. Vocês provavelmente estranharam o fato de a palavra família aparecer sempre riscada, entretanto no decorrer desse tópico isso será explicado.

Ao longo do tempo muitos estudiosos tentaram descobrir o mistério referente à origem da família, porém, até hoje, não se sabe ao certo, visto que a história é movimento, feita de rupturas e mudanças. Pensar a origem da família é nos remeter a um passado incalculável pois, os seres vivos se agrupam, se unem e criam vínculos desde o princípio da vida no nosso planeta. Seja por instinto de sobrevivência, de perpetuação ou simplesmente pela nossa dimensão social e dependente da interação com o outro para viver, desvendar e aprender no mundo. Pensar a origem e a evolução do estado e da sociedade, a princípio é um caminho para se pensar a evolução da família. Pois, como construção social, compreendemos que não

permanece imutável, mas sim está em constante transformação. E por isso, diversos foram os modelos de famílias existente ao longo da história passando pelo progresso do estado selvagem, do estado de barbárie e até o estado de civilização e sua configuração de família patriarcal (ENGELS, 1984). E cuja origem etimológica da palavra família, vem do latim *famulus*, que traduzido significa escravo doméstico. Sendo assim, família é o conjunto de escravos pertencentes e dependentes de um chefe ou senhor. Sendo esta, a configuração da família greco-romana, composta pelo patriarca e pelos seus *famulus*, a esposa, os filhos, os servos e escravos. (ENGELS, 1984, p.61).

Ao buscar por bibliografias que tratam acerca da construção histórica de família, recordei-me de “*História social da infância e da família*” de Philippe Ariès (1978) que tive acesso durante a graduação em Pedagogia. Ao retomá-la com os olhos de hoje, algo me saltou aos olhos, algo que naquela época não percebi, provavelmente por conta da visão eurocêntrica ao qual cresci e que não me deixava enxergar. A história contada ali é a história branca, isto é, pautada em registros a partir do século XVI da Europa, isto é, uma visão eurocêntrica da história e conceito de família. Quando entendemos família como construção social, compreendemos que ela se modifica com o tempo, lugar, cultura etc. Sendo assim, como dizer que essa história foi a mesma em outros lugares do mundo, outros continentes, outras culturas. Não tenho a pretensão em questionar a relevância da obra considerada “clássica”, uma obra que é referencial teórico de praticamente todos os estudos sobre infância e família. E que assim como outras obras referenciais são importantes para entendermos nosso contexto advindo da colonização. Mas o que trago aqui é o seguinte questionamento: Como essa pode ser a história contada e perpetuada como única, como universal?!

Ao pensarmos em África e em suas diásporas, ler obras como a de Ariès se torna insuficiente para entender esses outros contextos, como o nosso contexto brasileiro. Pois, para além da versão contada e conhecida, existiram e existem histórias silenciadas e não contadas. E não podemos nos deixar levar pelos “perigos de uma história única” pois, o que vemos nos livros como história Geral poderia ser facilmente de história branco europeia. Como não questionar, por exemplo, os registros em pinturas e diários de famílias do século XVI, trazidos no texto de Ariès e ignorar a existência de outras culturas que não tinham a escrita tal conhecemos, isto é, culturas com base na oralidade. Como não questionar os registros das primeiras escolas que começam a organizar os registros de crianças, se nem todas tinham acesso a essa escola? Como pensarmos em famílias patriarcais e ignorar a existência de

culturas matriarcais? Como não questionar as mudanças na estrutura familiar devido as lutas feministas por trabalhos e ignorar que as mulheres pretas desde a constituição desse país, já trabalhavam e foram deixadas de fora dessa história/luta? A partir de então, compreendo que me debruçar por trazer um histórico eurocêntrico vai na contramão da proposta deste trabalho que visa contar as histórias não contadas e, isso significa, a necessidade de buscar autores que tratem acerca da história do povo negro, afrocentrando, seus saberes/conhecimentos.

Ao pensar em famílias no contexto do Brasil, a história das famílias se esbarra com a história das mulheres negras. Pois, “Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, p. 224, 1984). A mulher negra sempre foi desconsiderada, inclusive das lutas feministas. Crescemos ouvindo sobre as lutas para a mulher poder trabalhar, estudar, ter direito ao voto, mas até pouco tempo não me questionava “qual mulher?” A mulher negra desde a fundação desse país, foi explorada. E deixada de fora das conquistas feministas por direitos. Isto é, para entendermos a História do Brasil, precisamos retornar e resgatar a história das mulheres negras no país. Afinal:

[...] a escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. (HAHNER, *Apud*, GONZALEZ, p. 120, 1984)

Isto é, a mulher negra sofre intersecção das discriminações entre raça e gênero. Elas foram e são as que mais sofrem com o racismo. Foram escravizadas, exploradas, estupradas e desumanizadas. Enfrentaram e enfrentam uma carga pesada de opressão e discriminação. Como a metáfora da “mula do mundo”⁹. Isso precisa ser explanado. Então, não podemos mais nos referir a história social da família branca europeia como sendo a única, como universal.

⁹ Expressão recentemente disseminada no filme *Medida provisória* de 2020, dirigido pelo Lázaro Ramos. Onde a atriz Thaís Araujo grita: *A mulher negra é a mula do mundo*”. Referindo-se e trazendo para debate o papel e o lugar que a mulher negra ocupa na sociedade. Liderando os piores índices e dados de desigualdade.

Por isso, decidi por partir das falas das nossas sujeitas. Por que não partir de suas concepções para enriquecer essas reflexões? Se as famílias são o ponto central desse trabalho, se irei dialogar com famílias e aqui exclusivamente com mulheres, nada mais justificado e coerente que perguntá-las. Opto então por perguntar para elas, “O que é família?”. Segue a resposta de Dorcas:

Família para mim é um grupo de pessoas que **se reúnem** e de uma certa forma tenta trazer para o grupo **respeito, conhecimento, segurança**. E que embora eu tenha escutado a vida inteira que existe **uma família tradicional** e essa família tem seus componentes entre eles é uma mãe, um pai e seus filhos. **Esse tradicionalismo ele não conseguiu ir para frente, ele não... Embora ele começou bem, ele não conseguiu ir para frente da forma que deveria**. Então para mim família é um grupo de pessoas que realmente **se reúnem** e que procuram trazer para aquele grupo essa questão de **respeito, cuidado, segurança e de uma certa forma também de liberdade**, procurando **instruir** esse grupo e se preocupando com esse grupo todo momento. Eu atribuo que possa ser um grupo onde pessoas decidiram se reunir de forma consciente para se tornarem uma família, procurando **se amar e se respeitar**. Para mim isso é família (DORCAS, 2022).

Destaco o trecho “Tradicionalismo que não conseguiu ir pra frente” e me questiono se de fato não conseguiu, sabe?! Pois, até hoje temos enraizado essa cultura de um modelo único de família, entendida como a ideal, a esperada. Isso é gritante na vivência da escola, quando se aproxima a data do dia das mães ou dos pais, ainda hoje há uma grande polêmica, que envolve não somente as famílias, mas também, e, principalmente, muitos professores que não se percebem presos a esse ideário de família universal. Trago esse comentário também como um desabafo, por ter presenciado essa polêmica, em pleno 2023, ano em que estou escrevendo este texto. E trazendo aqui esse desconforto, essa sensação angustiante de ora achar que já caminhamos bastante e pensar que as coisas estão mudando. E ora vivenciar essas situações que só escancaram o quanto essa discussão ainda não está superada. Então, eu diria, que infelizmente ele foi para frente, e muito, mais do que deveria. Mas, que de fato, já passou da hora de isso se estancar de nossas práticas pedagógicas. Ainda, a ideia de “ir pra frente” me remeteu a ideia de gerações mais velhas passarem as histórias e culturas para as gerações mais novas.

Abaixo encontram-se as respostas para exemplificar um consenso nas mesmas quanto ao afeto, aos sentimentos e aos valores. Segue:

KIARA: Família é um grupo de pessoas que **convivem, juntos**, mesmo propósito, com **sentimento mútuo de amor**. Mesmo que esse grupo de pessoas **não seja formalizado por mãe, pai e filho, filha, irmãos**. Mesmo que seja só com a mãe com o filho ou com o pai e

filho, mas sim, onde haja **respeito, amor e o compromisso de um cuidar do outro**. Ali eles se completam, se entendem, **aprendem a base da vida**. Aprende a **respeitar** os de fora e a **viver em sociedade**, isso é família.

EMANUELE: Família é a base de tudo, é **acolhimento, respeito, afeto e muito amor**.

PÉROLA: Família é quem está ali com você, no dia a dia, é a união, é a força, é quem te conhece de verdade, no que você precisa. Acho que é isso, família é amor, é união, **respeito**. Onde existe amor, união, respeito é família.

Percebemos que duas questionam diretamente o formato familiar e ambas usam a palavra respeito. Também, fazem referência ao afeto. Isto é, segundo nossas sujeitas, o que tem em comum, o que define o que é família, não é seu formato, estrutura ou configuração quanto aos integrantes. Mas sim, as maneiras como os integrantes se relacionam. Ainda, segundo a Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), trata da violência doméstica e familiar contra a mulher, traz no artigo 5º inciso II o conceito de família como a “comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa”.

O tema sobre famílias no Século XXI está em constante mutação, havendo diversas formas de arranjos familiares e mudanças ao longo do tempo no papel do Estado na intervenção na unidade familiar. Houve uma época em que família se tratava de uma estrutura extensa e patriarcal. Hoje, temos as famílias nucleares, onde alguns familiares moram juntos, como avós e/ou tios, por exemplo. As monoparentais, na maioria das vezes femininas, devido ao grande índice de abandono paterno. As homoafetivas, as adotivas e assim por diante, há infinitas outras formas e possibilidades de famílias. E, apesar de suas especificidades, todas elas têm em comum um ponto fundamental que é o afeto. Por isso, o não uso de família no singular pois, o que existem são famílias sempre no plural. Dessa forma a terminologia está descrita dessa forma ao longo do trabalho, “~~Família~~ Famílias, sempre com “s”.

Também, podemos perceber, que as sujeitas trazem ideias romantizadas ao tentarem definir família. Discursos considerados “aceitáveis”, dentro de uma lógica do politicamente correto, uma ideia do que seja a família ideal. Associando sempre a sentimentos e valores positivos. Entretanto, se faz necessário refletirmos sobre as tensões existentes entre as

famílias e as questões raciais, entre o afeto e o racismo ou “entre o amor e a cor”¹⁰. Pois, ao entrevistar famílias, como é o caso dessa dissertação, é preciso se atentar as peculiaridades ou especificidades presentes nas relações e no contexto de famílias interraciais. Visto que, as relações de poder, que se dão por meio de hierarquias raciais, permeiam todas as relações, inclusive, as familiares. Isto é, uma proximidade, intimidade e afeto que não estão isentas das complexidades do racismo. Que pode, inclusive, se dar de maneiras muito perversas, sendo assim, a família pode ser um espaço de reprodução ou de combate ao racismo.

Assim, ao pensarmos na relação entre famílias e escola, historicamente marcada por conflitos, contradições e mudanças, podemos construir algumas reflexões. Visto que eu, como ex-professora de suas crianças, automaticamente, querendo ou não, consciente ou não, exerço ou ocupo a posição de representante da instituição escola. O que nos faz questionar, até que ponto as sujeitas externalizam o que de fato gostariam de dizer (o que pensam/acreditam e defendem), ou o que dizem por acharem/julgarem/acreditarem que é o que a escola e/ou a professora gostaria/quer/precisa ouvir. Afinal, sou uma agente fiscalizadora das famílias, à serviço da escola, mesmo que inconscientemente. As famílias sabem que a escola fará julgamentos, que está ali vigilante e de certa forma, faz as famílias perderem um pouco de sua privacidade. Quando pensamos no que a escola faz as famílias, conseguimos entender um pouco essas tensões. A escola interfere no ritmo da família, afeta no clima, muitas vezes impõe interesses, cria inconvenientes etc. Toma o controle de parte da educação das crianças, visto que, ainda, segundo Perrenoud (2021), a escola aumenta as oportunidades de triunfo na vida e dá esse veredito. É uma relação desigual. Sendo assim, seria esse “Um diálogo impossível?”¹¹.

Atualmente percebemos uma tendência de incentivo e valorização da relação entre famílias e escola. Não somente nos discursos, mas também, nos documentos orientadores, ou melhor na política educacional e na sociedade como um todo. Trago o programa federal “Família e Escola”, o programa do Ministério da Educação “Escola Aberta” e Projeto do

¹⁰ Fazendo menção ao livro “Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor” (2018) de Lia Vainer. Que traz reflexões acerca das dinâmicas e interações dentro de famílias interraciais. E investiga os impactos do racismo e da branquitude nessas relações.

¹¹ Fazendo referência ao livro “Pais e Professores, Um Diálogo Impossível?” (MONTANDON; PERRENOUD, 2001). Que traz uma análise sociológica das interações e explora os desafios e possibilidades de diálogo entre pais e professores na educação.

município do Rio de Janeiro “Diz aí família”, como exemplo disso. Entretanto, esta é uma preocupação recente, historicamente, pois:

No início do nosso século [século XX] e a fortiori no século XIX, a maioria das famílias não se relacionava com a escola pública, nem tinha meios para expressar ou fazer valer, enquanto grupos distintos, uma atitude crítica. As autoridades escolares preocupavam-se pouco com as suas opiniões. (...). Assim, em geral os pais não eram admitidos na esfera escolar e as relações família-escola, tal como as preconizamos atualmente, não existiam nas cidades. (MONTANDON; PERRENOUD, 2001, p. 13).

Felizmente, atualmente, há práticas e ações que estão dando certo e servindo como exemplo, numa tendência de pensar a escola com uma gestão democrática. Onde as famílias e toda a comunidade escolar possa colaborar/participar. Entretanto, segundo Freire:

[...] avançamos pouco em matéria de democratização de nossa educação. Democratização a que nos entregamos inteiros. Na divisão de Educação, a da escola, a das diferentes relações que nelas se estabelecem -educadores, educandos, pais, mães, zeladores, educadores, escola, comunidade. Democratização da escola quanto a sua maneira de compreender o ato de ensinar (FREIRE, 2003, p. 125).

Precisamos pensar no papel da escola, que é “bem mais amplo do que simplesmente passar conteúdos: ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2008). A educação é feita pelas pessoas e as relações, trocas diálogos que acontecem sendo um processo que todos precisam entender sua importância. Isto é, precisamos nos atentar as relações que estamos promovendo, colocar toda a culpa dos problemas nas famílias ou só na escola, não solucionar as demandas e desafios existentes. É preciso parceria, caminhar juntos. Provavelmente nem todas as famílias terão possibilidade, disponibilidade e/ou interesse nessa parceria, porém, quanto mais as famílias assumem seu papel e se dão conta da sua importância no processo escolar, mais esse diálogo se torna possível. Segundo Perrenoud (2001), esse diálogo só acontece quando a escola assume este papel com responsabilidade, promovendo melhoria na qualidade e proporcionando às famílias o direito de participar de todo o processo educativo.

Ainda, não podemos esquecer e pensar no que está no meio dessa relação, a criança, que segundo Perrenoud (2001), é a grande mediadora na comunicação entre as famílias e escola. Muitas vezes esquecida ou desconsiderada, mas é ela que exerce a função de articuladora, árbitra e colaboradora essencial nessa relação. Isto é, a criança é uma grande potência para a melhor comunicação na relação Famílias e escola.

Enfim, não poderíamos iniciar qualquer diálogo com as famílias, sem antes entender a importância da comunicação, parceria e compreensão mútua entre famílias e escola em prol do desenvolvimento educacional das crianças, para a qualidade do ensino e para a efetivação da democracia.

2.2 Conhecendo as sujeitas da pesquisa

Antes de partirmos para as entrevistas, nos cabe conhecer as sujeitas da pesquisa. Sujeitas pois, nesse caso estamos falando somente com/de mulheres. E, contrariando o que automaticamente fazemos, devido a nossa língua extremamente carregada de uma cultura machista, usaremos sujeitas e não sujeitos. Afinal, se são todas mulheres, por que deveria ser diferente? Exalto aqui Grada Kilomba (KILOMBA, 2019, p.14), que traz essa discussão e tenta romper esse ciclo patriarcal e colonial tão presentes na língua portuguesa. Usando esta estratégia discursiva de questionar a relação de gênero e poder, afrontando as normas gramaticais de algumas línguas vindas do latim, que usam o gênero masculino como o genérico, o comum. Sendo assim, vou me referir a elas como sujeitas da pesquisa.

As sujeitas da pesquisa são mulheres e mães moradoras da Maré que possuem algum tipo de relação com o racismo, por serem negras e/ou por terem filhos negros. Assim, opto por trazer a apresentação delas por elas mesmas acreditando ser mais eficaz que a minha tentativa de realizar tal apresentação. Antes de iniciarmos a conversa, lemos juntas o termo de livre esclarecimento, após a leitura ambas assinamos (como detalhado anteriormente no tópico 1.3). Logo no início da conversa foi pedido que elas se apresentassem brevemente, com informações que julgassem importantes e no fim da conversa, foi solicitado que escolhessem um nome fictício, caso preferissem. Elas puderam pensar e me informar depois.

O intuito de solicitar um nome fictício era preservar suas identidades e deixá-las mais à vontade, porém, é interessante perceber o quanto esta escolha nos permite conhecê-las um pouco mais. Pois, os nomes apresentados são carregados de significados e de certa forma ajudam exprimir a princípio, um pouco de suas identidades, personalidades, posicionamentos etc. Sendo assim, segue a tabela abaixo com os nomes escolhidos, a motivação da escolha e uma breve auto apresentação:

NOME ESCOLHIDO	AUTO APRESENTAÇÃO
<p>DORCAS: Para mim é um exemplo de jovem, de mulher. É uma mulher que eu admiro, é uma história de uma mulher simples que naquela época não foi reconhecida por nenhum imperador, mas que teve na sua cidade, por uma minoria, reconhecimento do ato que ela prestou.</p>	<p>Tenho 38 anos, eu trabalho em salão, mas atualmente tenho ficado como dona de casa. Tenho três filhos, uma menina de 18 anos, um menino de 14 anos e uma menina de 7 anos. Sou casada e moro com meu marido e os filhos.</p>
<p>EMANUELLE: É o nome da minha filha do meio, minha primeira menina, significa Deus conosco.</p>	<p>Tenho 39 anos, sou agente educadora faz onze anos e tenho três filhos (7, 10 e 17 anos). Moro com os três e o pai deles.</p>
<p>JASMINE: Seria o nome da minha filha e escolhi porque acho bonito, nome da princesa.</p>	<p>Tenho 28 anos, trabalho como balconista numa farmácia, tenho três filhos e moro com meu marido e filhos.</p>
<p>KIARA: Por conta do filme do Rei Leão, eu acho bonito”. Se eu pudesse trocava meu nome por esse.</p>	<p>Não trabalho no momento. Moro com Esposo, filho mais velho e a menina.</p>
<p>PÉROLA: Porque pensei em colocar na minha filha, porque acho bonito por representar algo raro. E, porque para mim, representa e faz relação com a nossa conversa, falamos muito sobre autoestima.</p>	<p>Eu tenho 38 anos, sou enfermeira, trabalho em hospital, moro na Maré. Moro só eu e minha filha.</p>
<p>YOHANA: Pode deixar o mesmo, minha mãe escolheu esse nome, acho esse nome lindo e diferente, mas não sei as referências do meu nome.</p>	<p>Tenho 27 anos, recepcionista. Moro com minha avó e meus 2 filhos (8 e 6 anos) e meu irmão.</p>

A partir de então, podemos conhecer um pouco mais delas refletindo um pouco sobre suas escolhas de nomes. Yohana exibe um orgulho pelo seu nome, se negando a pensar um fictício. Assim como uma grande valorização e/ou admiração pela figura da mãe pois, mesmo sem saber o significado, acha lindo, somente porque foi sua mãe quem escolheu. Pérola traz a relação entre a nossa conversa e a autoestima, demonstrando que esta foi uma questão que se destacou para ela. Kiara faz referência ao filme Rei Leão, demonstrando desejo que fosse seu próprio nome, aparentemente também demonstra que um ponto de destaque na nossa conversa para ela é a valorização de África. Jasmine faz referência a princesa do filme Aladdin, interessante pois, ela é uma das poucas princesas não brancas mais reconhecidas de uma época em que dava para contar nos dedos as princesas que fugiam de um padrão eurocêntrico de beleza. Acredito também, ter feito uma escolha relacionando com a nossa conversa, trazendo como destaque a questão da representatividade. Emanuele traz o significado do nome, demonstrando a princípio, que as histórias por trás, os significados importam. E fazendo o caminho inverso, deixei Dorcas para o final, pois ela trouxe a história dessa mulher que admira. Conta e relata que deseja que mais pessoas a conheçam e conheçam sua história. Por isso, respeitando seu desejo, segue seu relato breve sobre Dorcas:

Ela era uma jovem que vivia numa cidade, lá no século III D.C e ela ajudava as viúvas e os órfãos dessa cidade. Sendo que ela acabou ficando doente e faleceu e as mulheres daquela cidade entraram num luto grande né e um grupo de homens que passavam por lá foram procurar saber por conta daquele luto, será algum imperador que tinha morrido? Porque era muito comum naquela época as mulheres serem pagas para chorar nos enterros desses homens para dar uma credibilidade, uma nobreza, para que o povo achasse que ele era muito bom, fez muitas coisas pelo povo, enfim... Quando eles ficaram sabendo que aquele pranto todo era por conta de uma mulher, ainda mais naquela época que as mulheres não eram contadas, não eram vistas, reconhecidas como pessoas. O gado e a mulher tinham praticamente o mesmo valor e eles ficaram né, procuraram saber o porquê daquela comoção. E elas foram falando que aquela jovem sozinha que não tinha marido, ela tinha uma profissão que era de costureira, que era uma das coisas que as mulheres conseguiam fazer naquela época. E através daquela profissão, ela conseguiu apartar da boca dos filhos a fome, o risco que aquelas crianças corriam de tornarem servos dos grandiosos da época, apartou delas também o fato da violência quanto o corpo por conta da prostituição e vestiu tanto a elas e quanto aos seus filhos. Ela fez por aquele povo, por aquela minoria que eram viúvas e órfãos, a prática da verdadeira religião, o que aqueles homens grandiosos não faziam. Tendo em vista que naquela época. Era um grupo tanto de homem político quanto grupo de homens religioso que deviam bancar essas mulheres. Havia leis que deveriam sim bancá-las, mas para eles era mais fácil não fazer e de certa forma induzir essas mulheres a prostituição. Então para mim é um exemplo de jovem, de mulher. É uma mulher que eu admiro, é uma história de uma mulher simples que naquela época não foi reconhecida por nenhum imperador, mas que teve na sua cidade, por uma minoria, reconhecimento do ato que ela prestou. Então, o nome é Dorcas (DORCAS, 2022).

Com esse relato percebemos um posicionamento de valorização e empoderamento feminino pois, ela traz a história de uma mulher que “estava à frente do seu tempo”, se posicionando frente a uma cultura patriarcal cruel. Segundo ela, esta é uma história bíblica que julga pouco conhecida e a agradeço por ter trazido essa história pois, eu frequentei, ao longo da minha vida, diversas igrejas/religiões que tinham a bíblia como fundamento e de fato não conhecia ou não me recordo de saber a história de Dorcas. E, acredito que, todas as histórias de resistência, tem um posicionamento de mudança e foram de certa forma abafadas, precisam ser resgatadas, contadas.

Dessa forma, é importante registrar algumas observações possibilitadas sobre as sujeitas da pesquisa. Tratam-se de mulheres relativamente novas, com idades entre 27 a 39 anos das quais a maioria têm dois ou mais filhos, exceto Pérola que só tem uma filha. Entre as seis entrevistadas, somente duas não moram com os companheiros ou pais das crianças. Assim, notamos que a maioria é responsável pela renda da família ou por compô-la. Por agora pudemos nos aproximar e conhecer um pouco das sujeitas da pesquisa, que para mim são protagonistas aprofundando cada vez mais ao longo deste escrito o conhecimento de suas escrevivências. Espero que tenha ajudado, a quem possa estar lendo, a mergulhar ainda mais no costurar desse trabalho.

2.3 Cor x Raça x Etnia

Se autodeclarar no nosso país é tarefa complexa devido ao histórico do racismo e suas especificidades no Brasil. As consequências das teorias eugenistas e do projeto de branqueamento impactaram e, impactam até hoje, a nossa noção e construção de identidades. Em um país de racismo velado e que historicamente apresenta uma confusão entre os conceitos de Raça, Cor e Etnia, tratar acerca destes conceitos é de extrema relevância para se iniciar qualquer discussão no âmbito das questões étnico-raciais. Compreendendo que “Os termos e conceitos revelam não só a teorização sobre a temática racial, mas também, as diferentes interpretações que a sociedade brasileira e os atores sociais realizam a respeito das relações raciais” (GOMES, 2005, p.39).

Visto que, são as sujeitas, as protagonistas da pesquisa, foi solicitado inicialmente que se descrevessem fisicamente, em seguida lhes foi perguntado como se autodeclaram, porém, com perguntas feitas separadamente. Inicialmente “Qual a sua cor?” e, em seguida, “Qual sua

raça? Para que pudéssemos pensar acerca das concepções e usos dos termos. Sendo assim, segue o quadro abaixo:

NOME	AUTODESCRIÇÃO	AUTO DECLARAÇÃO Cor/ Raça
Dorcas	Mulher baixa, corpo mediano, pode dar uma melhorada, tenho o cabelo crespo, hoje amo esse cabelo, mas antes eu tinha um problema muito sério.	Parda/
Emanuele	Eu sou baixa, estrutura mediana, agora um pouco mais magra, pois fiz uma cirurgia recentemente. De pele preta e cabelos cacheados e gosto muito de mudar a cor dos meus cabelos.	Preta/
Kiara	Tenho 1,65 cabelos cacheados, lábios grossos, magra e baixinha. Faço progressiva.	Parda/ Negra
Jasmine	Branca dos olhos claros, cabelos crespos, gordinha, baixinha e é isso.	Branca
Pérola	Eu sou um pouco acima da média das mulheres brasileiras, alta. Não me considero magra não, nem magra, nem gorda. Olhos negros, nariz mais para a minha raça mesmo, com traços negróides mesmo, boca também. Cabelo crespo, uso como <i>black</i> e é isso.	Preta/ Negra
Yohana	Baixa, a tal famosa gordinha cabelo muito preto, olhos escuros, cabelo alisado.	Branca

A partir da observação dos dados apresentados trarei alguns destaques para refletirmos juntos. Quanto a descrição, notamos que com exceção de Yohana, todas as outras fazem questão de evidenciar alguma característica ou traço negro. Elas citam os cabelos, cor da pele, “lábios grossos”, “nariz mais para a minha raça mesmo”, “com traços negróides”, “uso como *black* mesmo”. Inclusive, Jasmine, assim como Yohana, também, se autodeclara branca porém, diferentemente, traz e identifica seus cabelos crespos. A fala: “hoje amo esse cabelo,

mas antes eu tinha um **problema** muito sério” de Dorcas, indica uma possível história ou questão por trás sobre o cabelo. Surge então, o seguinte diálogo:

ESQUITADORA: Poderia comentar? Qual problema você teve com seu cabelo?

DORCAS: Por conta que na escola as pessoas falavam cabelo duro. Tentei por diversas vezes alisá-lo para tentar me encaixar na sociedade e na escola. Minha mãe também tinha uma dificuldade muito grande, porque minha mãe tinha cabelo liso e ela também queria meu cabelo liso. Hoje brinco até com ela, meu pai é negro e ela queria que eu tivesse cabelo liso, a senhora está meio equivocada aí (risos).

Nesse trecho, surge a questão histórica da mulher negra com o cabelo. Podemos dizer que atualmente, após muitas lutas, o movimento de valorização, aceitação do cabelo negro, essa problemática herdada do projeto de branqueamento, vem sendo superada. Muitos são os relatos e casos de mulheres que passaram pela transição, e que hoje amam seus cabelos, assim como Dorcas. Me remeteu à uma dissertação que tive acesso recentemente, “*Você nunca vai saber o que é ter o cabelo para o alto: o que dizem as professoras sobre os racismos vividos*”¹², que traz relatos e faz essa discussão sobre cabelos de maneira bem sensível e aprofundada, nos possibilitando muitas reflexões.

Quanto a Dorcas e Kiara se autodeclaram pardas, mesmo possuindo tons de pele bastante diferentes. E somente Emanuele e Pérola se autodeclaram pretas. Entretanto, há uma diferença entre suas respostas quando questionadas sobre raça. Quando pergunto “qual a sua raça?” Dorcas demonstra não saber o que responder, faz uma expressão facial de confusão, quase como se quisesse perguntar “O que eu digo?”. Assim como Jasmine que balançou a cabeça negativamente indicando que não sabia o que responder, demonstrando medo de dar uma resposta “errada”. E o silêncio com expressão facial de “não sei” de Emanuele e Yohana. Somente Kiara e Pérola respondem quase que instantaneamente que sua raça é negra.

Quando questiono se cor e raça significam o mesmo, notamos que não há um consenso. Enquanto Dorcas responde com “Acho que sim”, Jasmine responde “Pra mim é a mesma coisa” (porém, demonstrando insegurança) e Emanuele faz um silêncio pensativo seguido de

¹² DIAS, Gabriella de Oliveira. “**Você nunca vai saber o que é ter o cabelo para o alto**”: o que dizem as professoras sobre os racismos vividos. 2022. Dissertação (Mestrado profissional em ensino e educação básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodriguez Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

“não sei”, e, logo após mais uma pausa pensativa, ela balança positivamente e diz “É, é, sim. É”. Notamos que mesmo demonstrando insegurança ou algum tipo de dúvida, elas afirmam que raça e cor possuem o mesmo significado. Nos exemplificando como esses conceitos se misturam, se confundem e se relacionam. Representando, também, uma parcela da sociedade. Pois, por mais que saibamos que raça biológica não existe, raça continua sendo usado e aparentemente está relacionada a cor de pele. Entretanto, Kiara e Pérola respondem diferente, Kiara diz “É diferente. Eu me considero negra porque acho que tem muito de negra em mim apesar da cor não ser mais preta. Mas eu sou negra”. Ela identifica suas características, traços negros, mesmo sua pele não sendo tão retinta. E Pérola diz, “Quando me perguntam separadamente qual a minha cor e raça eu acho que tem diferença. Acho que eu posso responder das duas formas, mas quando a pessoa me pergunta separado ela quer saber as duas coisas”. Sendo assim, ambas demonstram compreender que há diferença entre os termos cor e raça. Isto é, quando Kiara diz: “Sou parda, mas sei que sou negra” e Pérola diz: “Sou preta e minha raça é negra”, acho extremamente interessante pois, traz essa discussão conceitual e teórica importante, demonstrando as confusões, contradições e dificuldades existentes quanto a autodeclaração, representando essas diferentes concepções existentes nos discursos na sociedade brasileira.

Agora, iremos ter acesso aos dados trazidos pelas sujeitas acerca dos seus filhos, como elas os declaram e como, essa informação, consta nas respectivas certidões de nascimento. Segue a tabela abaixo:

MÃE	DECLARAÇÃO DOS FILHOS	NA CERTIDÃO
Dorcas	Embora o menino seja a pele, bem mais moreno, mas eu considero os três pardos.	Branca e ele pardo
Kiara	Pardos	Pardos
Jasmine	Branca e só a do meio que é parda. Ela é mais moreninha e os outros são mais branquinhos.	Na certidão dos três está branca.
Emanuele	Os declaro pretos.	Não tem na certidão
Pérola	“Eu a acho muito clara para ser considerada preta e a pele escura para ser considerada branca né.	Parda

	Então, acho que ela é parda, embora eu sei que acaba sendo considerada negra também.”	
Yohana	“Branco e minha filha negra porque ela é filha de um negro. Ela parda né? Para mim, é muito estranho eu falar esse termo pardo para mim teria que ser branco ou negro ou preto. Porque o correto de falar é preto não é negro, os outros tem mania de falar negro só que o significado dessa palavra é muito feio, as pessoas não tomam conhecimento, eu também não sabia, mas por mim seria preta, mas ela é parda.”	Ele branco na certidão e na dela não veio.

Interessante destacar as discordâncias e contradições que ocorrem entre o que há nas certidões e as declarações. A informação de que na certidão está branco, mas a mãe declara pardo, aparecem duas vezes. O relato de não constado na certidão, também aparece duas vezes pois, as certidões mais recentes não constam mais, porque atualmente o que vale é a autodeclaração. A dúvida que aparece nas falas quando a mãe vai declarar a criança com o “então eu acho que ela é parda” de Pérola, o “Ela é parda né?” de Yohana e o relato de Dorcas dizendo que mesmo os filhos possuindo tons de pele diferentes, ela declara todos como pardos. Essas observações, também exemplificam a grande confusão e dificuldade que temos em nos identificar e/declarar. Nos remetendo a questão da utilização dos termos historicamente no *IBGE* e sua relação com o movimento negro e as lutas antirracistas e que trata justamente de como essa questão se deu ao longo do tempo. Entretanto, devido as demandas desse trabalho, irei me ater a discussão que surge em uma das falas. Quando Yohana traz: “Porque o correto de falar é preto não é negro, os outros tem mania de falar negro só que o significado dessa palavra é muito feio, as pessoas não tomam conhecimento, eu também não sabia, mas por mim seria preta, mas ela é parda”, evidencia o estigma do termo negro, que na nossa língua historicamente carrega sentidos negativos ou ruins. Vários exemplos são utilizados socialmente como: lista negra, fome negra, mercado negro e por aí vai. Nos faz refletir o quanto esse pensamento ainda está enraizado no imaginário coletivo e nos discursos. Mesmo após todo um movimento de tentativa de ressignificação, essa ideia continua aparecendo nos discursos. Precisamos explorar essa questão com as famílias e crianças. Questão que ora nos parece algo tão batido e às vezes óbvia, mas não é. Ainda não é.

Ainda é preciso ressignificar os usos do termo e dessas expressões. Como indica o relato de Emanuele, a seguir:

Eu como faço muita matrícula eu vejo, quando pergunto a cor da pessoa, a pessoas ficam assim... “É, acho que sou parda, né?!” As vezes a pessoa é mais preta do que eu. É o próprio racismo que a pessoa sente, não quer dizer que é preto. Acho isso muito curioso. “Eu vou pra praia mesmo, pra ficar preta no último tom (EMANUELE, 2022).

Mas e afinal, é negro ou é preto? É importante trazer aqui que, atualmente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divide a população do país em cinco grupos: pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas. E que a população negra é formada por pardos e pretos. Lembrei-me da época em que eu estava no meio dessa confusão já que não me achava negra pois, acreditava que negros eram somente pessoas pretas, isto é, de pele retinta. E sabia que eu não era branca, por todo um conjunto de características/traços/origem/descendência/vivências. E aí, então pensava, sou parda? Porém, eu também não tinha a cor de pele realmente parda, nos remetendo a cor que associamos ao papel. Afinal, nem toda miscigenação resulta nessa cor, ou seja, nem todo pardo é dessa cor. Então, eu me questionava “O que que eu sou? Hoje entendo que, atualmente, não há uma única forma de ser pardo, o que existe é uma variedade imensa de tonalidades e de cores de pele negra. E se pardo compõe a categoria negro, então minha cor é parda e eu sou negra. Hoje não é complexo entender isso, mas tinha me esquecido que até 2017, isso não era tão óbvio para mim também.

Entretanto, cabe ressaltar que no Brasil, o racismo se dá pelo tom da pele, ou seja, quanto mais retinta for a cor da pele, mais a pessoa é afetada e sofre os impactos do racismo. Ou seja, por mais que saibamos que raça biológica não existe, historicamente a sociedade foi racializada e ainda perpetua seus ideais racistas. E a cor de pele, infelizmente, continua sendo um fator determinante para o racismo.

Isto é, quando utilizamos o termo “Negro”, estamos nos referindo a essa parcela da população prejudicada historicamente pelo racismo. Mas isso explicaria o “Negro é raça, preto é cor”, utilizado pelo movimento negro? E afinal, raça existe? No trecho a seguir percebemos esses discursos:

(...) as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, e da

cultura simbólica. Podemos dizer que as “raças” são efeitos de discursos; fazem parte desses discursos sobre origem (WADE, *Apud* GUIMARÃES, 2003, p. 96).

O que existe é o conceito de raça como construção social, e como toda transformação pode haver mudanças de acordo com o tempo e o espaço ou possuir vários significados. Sendo assim, o termo “negro” surgido diversas vezes nas falas das nossas sujeitas, é um termo utilizado atualmente, principalmente pelo movimento negro para se referir a raça como resistência. Pois, no campo linguístico a não existência de raças pressupõe a não existência do racismo, ou seja, se não existe raça como poderia existir o racismo? Porém, a desigualdade racial, assim como as práticas racistas e a desvantagem histórica de direitos e oportunidades da população negra são reais, ou seja, o racismo existe. E não só é concreto, como está em uma forma bastante perversa, se dá de maneira velada. Raça só deixa de existir se o racismo deixar de existir e não vice-versa. A partir daí a importância de pesquisas nacionais por cor/raça, como o próprio IBGE, para definir essas desigualdades raciais e pensar e construir políticas públicas para diminuir essas desigualdades. Ainda é preciso pois, a tendência e objetivo é que um dia, talvez, saber a cor/raça das pessoas não seja importante. Porém, enquanto existir o racismo, é mais que preciso. Assim, enquanto isso, Raça como grupo de pessoas que sofrem com a racialização e racismo, que se unem para lutar por direitos e acabar com as desigualdades.

Interessante perceber que em 2018, quando fiz essa mesma pergunta para algumas professoras, o questionamento e negação do termo raça surgiu, como algo que não deveria mais existir no sentido de não ser usado, seguindo a lógica de que o que existe é a raça humana. Entretanto, nesta pesquisa atual, o que surge até o momento é a dúvida se significa o mesmo ou não que cor. Porém, até aqui, em nenhum momento, o uso do termo foi questionado. Isso me traz o seguinte questionamento: Qual a possibilidade de isso significar que houve uma mudança da concepção sócio-histórica da utilização do termo raça? Ou isto pode ter se dado só por se tratar de um outro grupo/amostra? Ou de repente, por esses grupos terem vivências distintas com o racismo? Provavelmente não teremos a resposta aqui, devido aos limites e objetivos dessa pesquisa, esse é um daqueles questionamentos para refletirmos, quem sabe para depois?

E onde entraria etnia? Quando a ideia de raça biológica foi desacreditada, após as derrotas das teorias eugenistas, ou melhor, quando não se sustenta e passa a não ser aceita cientificamente, surge o termo “Etnia” para se referir as características e diferenças entre os

grupos humanos. Etnia se refere a cultura de um determinado grupo, ou ainda, de um grupo de determinado lugar e/ou época. São os hábitos, costumes, crenças, língua, ou seja, a cultura e a história que esse grupo tem em comum, independentemente de suas características biológicas e físicas. Assim, o termo “Etnia” também não dá conta da nossa população negra brasileira que descende de etnias diversas do continente africano, por exemplo. Por isso, algumas vezes nos referimos ao negro utilizando-se “o termo *étnico-racial*, demonstrando que estão considerando uma multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil” (GOMES, 2005, p.47).

Então, como estratégia de luta, o termo “Raça” é legitimado e utilizado pois, o que une a população negra, não é necessariamente, ou somente, a cor de pele ou características físicas, ou origem, ou as questões étnicas como culturas, costumes, línguas etc. Isto é, o que une a população negra é a lógica racista como a sociedade é organizada, a história do racismo que tem base fundada na racialização e que perpetua estereótipos negativos a tudo que é relacionado ao negro. Ou seja, o que une a população negra é justamente a vivência do racismo, é sua luta por igualdade, e não especificamente uma etnia. Assim sendo:

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. Contudo, o termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, o utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática (BRASIL, p.13, 2004).

Ainda, trago trechos que surgiram nas conversas com Yohana e Dorcas, quando apresentaram suas concepções quanto a questão cor x raça. Segue:

YOHANA: No fundo eu tenho uma visão um pouco diferente da questão de cor. Acho que aqui no Brasil não existe ninguém branco. No fundo você não é, por causa do fato histórico, você não é.

DORCAS: Nós somos um povo com percentual muito grande de negros. Não tem quase brancos aqui. Se a gente for parar para olhar branco é mais aquelas pessoas que vem de fora e se relaciona com as pessoas daqui e acaba nascendo. Mas a definição é negra, independentemente da cor da pele. Se é muito moreno ou se é muito negro. Nós somos mesmo negros.

Esses trechos, me fizeram refletir acerca de mais uma das milhares contradições existentes no Brasil pois, frases como “aqui no Brasil não existe ninguém branco” e o “Não tem quase brancos aqui” revelam uma ideia de pessoa branca sendo aquela com uma pele extremamente clara, olhos claros, cabelos claros e lisos, traços finos, aquele fenótipo bem europeu, “aquelas pessoas que vem de fora”. Ou seja, que carrega embutida a ideia de pessoa que não possui nenhuma miscigenação. Então, se por um lado, realmente pessoas assim são raras no Brasil devido a todo o processo de miscigenação (que por sinal, não ocorreu de forma pacífica ou natural como nos fizeram acreditar). Por outro lado, o perigo do “somos todos negros” que acaba contribuindo de certa forma para o discurso “somos todos iguais” e amenizando a problemática do racismo. Assim, podemos trazer o seguinte questionamento: O que é ser branco no Brasil? Pois bem, ser branco no Brasil está para além do tom de pele, é também, um lugar, é a posição privilegiada que uma pessoa ocupa na sociedade por sua brancura.

Sendo assim, é importante trazeremos à tona a responsabilização da branquitude no processo do racismo no Brasil, que aqui se iniciou com a escravização da população negra orquestrada por ela. E que ao longo do tempo, foi criando estratégias para esconder/ocultar sua culpa. E numa lógica perversa quase que nos faz acreditar que a culpa do racismo é dos próprios negros. Nos inculcando a lógica da meritocracia engendrada pelo capitalismo. Isto é, “(...) os estudos silenciam sobre o branco e não abordam a herança branca da escravidão, nem tampouco a interferência da branquitude como uma guardiã silenciosa de privilégios” (BENTO, 2014, p.41). Por isso, é preciso um movimento para que a branquitude tome consciência dos seus privilégios históricos e cotidianos devido a sua cor.

Retomando as conversas, quando questionadas sobre a origem da família, com exceção de Kiara que relata não ter o histórico da família por ter sido adotada, todas relatam em algum momento, que alguém ou alguma parte da família vem do Nordeste. Todas citam uma descendência indígena e/ou africana. Entretanto, é interessante perceber, que a maioria não sabe dizer especificamente de qual Estado. Como o “Eu tenho descendência de índio na minha família e português. Minha bisavô era índio e veio do Nordeste e família da minha mãe de Portugal” (YOHANA, 2022), exemplifica e nos permite mais uma reflexão.

Esta fala me remeteu a muitas outras presenciadas, isso é, sempre que é trazida a ascendência branca das famílias, notamos que na maioria das vezes ela é identificada e exaltada. As pessoas sabem nomear o país e as vezes até cidade de origem de sua parte branca

da família. Entretanto, nossas origens indígenas e africanas, foram apagadas. Mal sabemos de qual parte do nordeste viemos, quanto mais identificar o país/região do continente africano que nossa parte negra da família descende. Ou seja, mais um privilégio da branquitude, o privilégio de saber sua origem, pois essa foi preservada historicamente. Irei agora, trazer um trecho de Dorcas quando também falava sobre suas origens, o uso de uma palavra me chamou atenção. Segue o relato de Dorcas:

A minha vó, é indígena e o pai dela veio dessa questão da escravidão. Foi criada na Bahia e o pai dela relatava para ela as dificuldades da vida dele, ele ainda chegou a pegar na infância **essa dificuldade**, os pais deles também. A mãe dela já era essa questão do indígena também mostrava as dificuldades da época. E ela também viveu uma dificuldade muito grande porque, criança ela já tinha que trabalhar né, passaram muitas necessidades na Bahia e acabaram se espalhando.

O que me faz parar é a percepção de que aparentemente ela, sem perceber, relaciona a questão da escravidão com a palavra dificuldade. O que para mim, soou como tão pouco. Pois não foi dificuldade, foi violência, foi desumanização, foi perversidade. A escravização no Brasil não é vista com a perversidade e barbaridade que deveria. E acho importante enfatizar que foi uma violência, foi criminoso e todos os outros adjetivos que não saberei colocar aqui, pois é difícil até nomear. Interessante perceber como as vezes trazemos nos discursos, inconscientemente, a amenização da escravização.

Ouvindo os relatos delas sobre a história, origem e movimentação de suas famílias no Brasil, notei o quanto nossas histórias se parecem. Um povo que aparentemente não sabe ao certo suas verdadeiras origens, que na maioria das vezes migraram para centros urbanos movidos pelo discurso hegemônico de meritocracia. E que até então, não saber suas origens, aparentemente não era um grande problema. Me lembrei do fato de até pouco tempo eu não ter tido acesso a história e as origens da minha família. Foi somente na pós-graduação, pasmem, que me peguei pela primeira vez me perguntando aos meus pais sobre suas memórias, sobre meus avós, querendo resgatar o possível da minha ancestralidade. E para minha surpresa descobro que minha avó materna é descendente direta de indígenas, porém há uma dúvida se é pertencente aos Guajajaras ou Akroás. E minha descendência negra do meu Avô paterno, porém não há informação alguma acerca das origens. Em pesquisas sobre o sobrenome Pinheiro trazido pelo meu avô, me deparo com o município de Pinheiro, que antes pertenceu um capitão que era possuidor de muitos escravos e várias terras. E me recordo de uma informação também da época que cursei a pós, que dizia que muitas pessoas escravizadas,

carregaram como sobrenome, o nome desses donos das fazendas. Me pergunto se esse não pode ter sido o caso da minha família, história do meu avô paterno também. Ou ainda, se ele não foi só mais um dos muitos filhos de estupros e por aí vai. O mais triste é que talvez nunca saibamos essas respostas. Nossas histórias nos foram roubadas.

Enfim, conheci e entendi melhor a história da minha família. E me questiono, como pude viver tanto tempo sem buscar isso? Sem saber sobre a minha própria história. Percebo o quanto essa lógica de apagamento histórico é tão perversa. Enfim, termino esse tópico registrando que ser negro vai para além da autodeclaração:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (SOUZA, 1983, p.77)

2.4 Racismo x Mito da Democracia Racial

Vivemos em uma sociedade que tenta camuflar a existência do Racismo. Isto é, em uma sociedade por “excelência” racista, mas que nega a existência do racismo. Que produz/forma pessoas que reproduzem o racismo sem se compreender inseridos nessa lógica, ou seja, pessoas que reproduzem discursos que perpetuam essa estrutura racista de sociedade, muitas vezes, sem se dar conta. Por isso, nos é pertinente, tentativas de identificar esses discursos e compreender a maneira que estão colocados na realidade e nos ideários sociais. Tratar dos racismos é complexo, delicado, mas necessário. É fundamental sabermos identificar, diferenciar e nomear o racismo. Então, buscaremos levantar algumas concepções das nossas sujeitas da pesquisa para trazer para o diálogo.

Ao serem questionadas sobre a existência do racismo todas respondem que sim, que existe, porém o “Com certeza” de Emanuelle se destaca pois, dentre as sujeitas entrevistadas, ela é a que possui a pele mais retinta. Consciência ou comprovação não saberemos dizer ao certo, mas nos remete a questão de no Brasil, as pessoas pretas serem as que mais sofrem diretamente os impactos do racismo. Ao tentar justificar sua resposta Emanuele traz a seguinte fala:

Por tudo, para tudo. Para emprego, é mais difícil a gente se colocar no mercado de trabalho por conta da cor e principalmente para emprego. Quando entra na loja o tratamento é diferente, você entra na loja ninguém te procura, a gente olha para o lado tem uma pessoa branca que já foi atendida até por mais de um vendedor (EMANUELE,2022).

Quando são perguntadas se a questão racial é uma problemática no Brasil, há um consenso em afirmar que sim. E Kiara, traz o seguinte comentário: “Se o Brasil reparasse a questão racial e a questão econômica ia mudar bastante, não só, a segurança, a educação principalmente”. Trazendo à tona a questão da importância da reparação histórica.

Quando é solicitado que completem “Racismo é”, elas tentam definir o que é o racismo. Há um quase consenso quanto ao racismo estar ligado a características físicas e cor de pele, mas também, estas respostas nos rendem algumas outras reflexões. Abaixo está o quadro com suas respostas:

SUJEITA	RACISMO É:
DORCAS	É o preconceito visual, de pele, de cabelo, essa questão também até da questão financeira. A pessoa olhar para o outro e achar inferior por questões corporais. É enrustido, se tiver que dar um cargo para alguém, que ela considera branca e a outra negra, ela vai optar pelo branco. Hoje para mim continua sendo essa questão do visual.
EMANUELE	É a discriminação, é difícil até entender o porquê a gente sofre esse tipo de discriminação.
JASMINE	Diferenciar a pessoa por alguma característica que ela tenha, que apresente maior nela.
KIARA	Racismo é quando você discrimina alguém pela cor da pele, simplesmente por ver a pessoa preta e achar que aquela pessoa possa ser um marginal ou alguém inferior a outros só por causa da cor da pele.
PÉROLA	É difícil, a gente sabe, mas falar assim... É você discriminar alguém pela raça, pela cor, pelas características físicas né. Você discriminar, diminuir, acho que é isso.
YOHANA	Eu digo que é, acho que é uma falta de amor ao próximo. Porque na verdade, somos todos iguais. Quando a gente sangra, sangra da mesma cor e eu acho que é um problema que precisa ser resolvido. É um

	problema que vem de muitos anos e já acabou e as pessoas não querem aceitar.
--	--

As respostas indicam a discriminação por características físicas negras. Trazendo essa ideia de inferioridade relacionada a essas características. O trecho “simplesmente por ver a pessoa preta e achar que aquela pessoa possa ser um marginal ou alguém inferior a outros só por causa da cor da pele”, nos exemplifica isso e, também, nos remete a questão dos estereótipos negativos atribuídos as pessoas negras historicamente. E sim, realmente “é difícil até entender o porquê a gente sofre esse tipo de discriminação”, como questiona Emanuele. Então, por que as características físicas negras são consideradas inferiores? Isto é:

[...] por que aprendemos a ver o outro e, nesse caso, o negro, como inferior devido a sua aparência e/ou atributos físicos da sua origem africana? A resposta é: porque vivemos em um país com uma estrutura racista onde a cor da pele de uma pessoa infelizmente é mais determinante para o seu destino social do que o seu caráter, a sua história, a sua trajetória. Além disso, porque o histórico da escravidão ainda afeta negativamente a vida, a trajetória e inserção social dos descendentes de africanos em nosso país. Some a isso o fato de que, após a abolição, a sociedade, nos seus mais diversos setores, bem como o Estado brasileiro não se posicionaram política e ideologicamente de forma enfática contra o racismo. Pelo contrário, optaram por construir práticas sociais e políticas públicas que desconsideravam a discriminação contra os negros e a desigualdade racial entre negros e brancos como resultante desse processo de negação da cidadania aos negros brasileiros (GOMES, 2005, p.46).

Destaco ainda o trecho de Yohana “Porque na verdade, somos todos iguais” e trago a seguinte questão, será mesmo? Vocês realmente acreditam que as pessoas são tratadas da mesma maneira? Possuem as mesmas oportunidade e direitos? Sabemos que não, basta buscar por qualquer pesquisa a nível nacional, que veremos que não. Pessoas negras são as que possuem menos acesso à educação e à saúde. São as que estão mais desempregadas ou inseridas nos subempregos. Por isso, trago a importância de questionarmos o uso desse discurso pois, este a princípio, se não nos atentarmos, parece até positivo, porém por trás ele carrega e perpetua ideias pautadas no mito da democracia racial. Isto é, o discurso trazido por Yohana, mas que representa milhares de outras pessoas, é bem característico do racismo brasileiro, racismo velado, institucional e fundado no mito da democracia racial. Afinal, “O mito da democracia racial funda uma consciência falsa da realidade, a partir da qual “acredita-se” que o negro não tem problemas no Brasil, já que não existem distinções raciais entre nós, e as oportunidades são iguais para todos (BASTOS, 1987, p.148).

Assim como, podemos pensar sobre o trecho “É um problema que vem de muitos anos e já acabou e as pessoas não querem aceitar”. Pois, infelizmente não acabou, o racismo está extremamente vivo e forte atualmente e em todos os lugares. Não poderíamos também compreender como uma forma de amenizar essa problemática? Ou seja, um discurso de negação da existência do racismo, com a ideia do “é melhor deixar quieto, não tocar no assunto”, quando ao invés, deveríamos estar gritando, denunciando, identificando o racismo e todas as suas dimensões? Sendo assim, perpetuar essas falas, é perpetuar essa lógica que tenta nos convencer que o racismo não existe, ou que não é mais um problema. É também, uma maneira de silenciar/minimizar a importância das lutas por igualdade racial e de combate ao racismo. Isto é:

[...] devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país (NASCIMENTO, 1978, 41 e 92).

Quando questionadas se já cometeram racismo, Dorcas, Pérola e Yohana respondem que sim. Trago suas falas a seguir:

DORCAS: Eu não vou enganar que em algum momento da minha vida eu também já fiz isso. Eu olhei assim e imaginei que a pessoa fosse uma coisa que ela não era. Hoje em dia eu procuro me policiar nessa maneira. Eu só vou conhecer o outro pelo que sai da boca dele, não só olhando. Mas passei por essa fase de imaturidade de olhar para o outro dessa maneira.

PÉROLA: A gente acaba ao longo do tempo né, desconstruindo algumas coisas e aprendendo que algumas práticas que a gente tinha, algumas coisas que a gente falava, até para si mesmo, você acabava tendo umas falas que hoje eu abomino completamente. Eu não aceito. Acho que é isso, é uma construção de você entender o lugar do outro e onde você está também. E vendo que você estava errado e consertar algumas coisas que você falava, do jeito que você agia que hoje eu considero erradas.

YOHANA: Acredito que já, não tenho total certeza, mas as vezes a gente faz as coisas e por ser uma coisa tão enraizada, as vezes a gente faz sem perceber.

O interessante é que suas falas de certa forma se completam. Demonstrem uma tomada de consciência para a questão da reprodução do racismo “sem perceber” (Yohana), “vendo que você estava errado e consertar” (Pérola) e que “Hoje em dia eu procuro me policiar” (Dorcas). O fato é que mesmo Dorcas atribuindo essa mudança a maturidade e Pérola

trazendo essa construção ao longo do tempo, as falas das três, nos trazem essa dimensão de processo, de reflexão sobre as ações, aparentemente nos demonstrando estarem nesse percurso de desconstrução. Pois, o primeiro passo para a mudança é essa tomada de consciência, é percebermos e admitirmos que estamos nessa lógica que perpetua, e que se não houver reflexão, continuaremos reproduzindo.

Quando questionadas se elas ou seus filhos já sofreram racismo todas respondem que sim e narram alguma situação, com exceção de Kiara que disse não se recordar no momento de uma situação específica com ela. E sobre os filhos traz o trecho: “Meus filhos, por enquanto não”. Esse trecho, me chamou atenção pois, por mais que ela tenha sido a única que não trouxe alguma situação de racismo para contar, nessa fala, demonstra uma certa consciência da possibilidade de que isso possa ocorrer pois, o “por enquanto não”, pressupõe um “ainda não, mas pode, isto é, nada impede que futuramente ocorra”.

Trarei a partir de agora as narrativas de situações de racismos vividos e contados pelas nossas sujeitas. Início trazendo a fala de Yohana:

Por incrível que pareça, eu não sei dizer se foi bem, se eu já passei exatamente racismo, porque o que acontece, todo mundo fala, pobre tem cara, eu sou pobre e não tenho problema com isso e eu não tenho nariz afinadinho como um branco, meu cabelo não é liso. Eu já sofri, por incrível que pareça, não pela minha cor, mas por alguns traços meus eu fui tratada diferente. Lá naquele shopping chic, caro, acho que é *Shopping Downtown* eu não fui tratada como branca”. E minha filha também foi tratada de forma diferente do meu filho que é bem mais claro que ela. Até dentro da minha família, minha mãe uma vez disse que minha filha tinha cabelo ruim, “cê é neguinha”, acho que o mais doloroso é quando vem da nossa família. Os demais incomodam sim, mas quando vem da nossa mãe, não foi legal. Ela pediu desculpa, mas eu fiquei chateada. Minha filha não tinha tanto entendimento na época porque era muito pequenininha, mas hoje em dia a criança não é como antigamente, ela entende (YOHANA, 2022).

A fala de Yohana nos traz algumas questões para pensarmos pois, inicialmente o “eu não sei se foi bem, se eu já passei exatamente racismo”, demonstra dúvida pois, a princípio parece atribuir a questão financeira com “pobre tem cara, eu sou pobre”, mas em seguida afirma “Eu já sofri, por incrível que pareça, não pela minha cor, mas por alguns traços meus eu fui tratada diferente”. O interessante é que mesmo ela se declarando como branca anteriormente, ela atribui o racismo sofrido a seus traços negros. Apresentando de certa forma uma contradição ou confusão quanto a sua autodeclaração e a percepção da violência sofrida devido a seus traços. Ainda, quando diz “eu não fui tratada como branca”, nos traz de certa forma um estranhamento, quase como um “como assim não me trataram como deveria?” Demonstrando uma certa inconformidade com a forma que foi tratada. E a questão que salta é,

como é ser tratada como branca? Neste caso, “ser tratada como branca” estava relacionado a ser mais bem tratada. Isto é, trazendo a percepção de que brancos são melhores tratados. Porém, quando narra sobre a situação com sua filha, não há dúvida, o que ela traz é um sentimento de incômodo, chateação e diria, de dor pois, enquanto narrava aparentou se emocionar.

Já Dorcas e Pérola, com seus relatos, fazem referência as suas infâncias, trazendo e carregando memórias de dores desde essa época. Segue:

Na minha infância na escola eu escutava muito as meninas dizerem assim. Ah as garotas pretinhas são mais fáceis do que as garotas loirinhas. Isso gerava uma coisa assim. Nossa por que que a visão é assim? Ah porque são mais feinhas. São mais bonitinhas só do pescoço pra baixo. Dentro daquele meio infantil já havia a questão da sexualização e definição por imagem de pessoas. Hoje em dia eu continuo vendo dessa maneira. Não houve uma mudança tão grande. O que mais me marcou foi na infância, a questão do cabelo e até hoje eu continuo escutando, “cabelo duro”, “cabelo que quebra pente”, “Ah mas porque você resolveu assumir cacho”. Eu tenho um marido que não gosta do meu cabelo do jeito que é. E essa questão de assumir a naturalidade do cabelo branco também é uma coisa que incomoda. A questão do racismo comigo é em relação ao cabelo mesmo (DORCAS, 2022).

Na minha época acho que tinha essa coisa de me olhar, me olhar e me olhar em outra pessoa e ver. Se eu era parecida, se era igual, até professoras mesmo, eu não me lembro de ter tido nenhuma professora igual a mim. Então eu acho que é isso, se reconhecer. Eu alisava o cabelo, eu nem sabia por que eu alisava, aí depois eu entendi que eu alisava porque eu tinha que parecer com alguém, que era mais aceito que eu. Então para mim a questão de alisar era tipo “tá doente, vai no médico”, “tem cabelo crespo tem que alisar”, era essa questão, era muito sério isso né. Isso impactou muito, minha adolescência, até pouco tempo, porque só tem uns 7 anos que eu não faço mais alisamento e eu aceito meu cabelo como ele é. Entendi esse processo. E hoje a gente vê as crianças pequenininhas indo com black, com aquele cabelo crespo e falando “é bonito, é lindo e é, porque é (PÉROLA, 2022).

Segue ainda, o diálogo a seguir:

ESCUADORA: O que despertou essa vontade de fazer a transição?

PÉROLA: A minha filha. Eu estava grávida e pensava, com certeza minha filha vai ter cabelo crespo como o meu, pô e eu não quero que ela fique alisando, já nascer alisando o cabelo sem nem saber o porquê, igual a mim. Tipo, quero ser igual a minha mãe, então eu pensei, acho que agora é a hora. E já estava um movimento grande de se assumir, de enaltecer as características negras e aí eu embarquei. Mas o motivador principal foi minha filha, pois eu não queria que ela passasse pelo mesmo processo que eu passei. Então ela já cresceu sabendo que meu cabelo é assim, que a gente aceita, que a gente gosta, que nosso cabelo é diferente e ponto. Não tenho mais aquela questão de estar num lugar e ficar nervosa, ansiosa. Hoje eu sei que eu tinha até crise de ansiedade por conta disso. Se eu tivesse um evento eu não sabia se eu ia conseguir ir ao salão, essa coisa.

Interessante perceber o quanto me identifico com os relatos de Dorcas e Pérola, que assim como eu e muitas outras mulheres negras, carregam essa inconformação, pois, se pararmos para pensar, passaram a nossa vida inteira tentando nos convencer que não somos negras. E isso é justamente o que a branquitude prefere/quer que acreditemos. Pois, embranquecer todo mundo e anular nossas raízes africanas fortalece seu sistema de manutenção de poder e privilégios. Lembro-me da época em que cabelos cacheados e crespos não eram aceitos, lembro-me de entrar no ônibus e ser a única de cabelo cacheado. Todo mundo alisava e, às vezes, me perguntava se eu era quem estava errada em não alisar também. E eu até gostava do meu cabelo, mas não gostava do volume, só vivia molhado. “Por que você não alisa? Sabia que seu cabelo vai ficar tão lindo escovado?”, eram perguntas frequentes que me faziam. Minha mãe tem cabelo que cresce para o alto. E eu cresci a vendo sofrer com o cabelo dela e sua autoestima baixa, ela até deixava de ir para os lugares. Na época, não entendia, mas hoje entendo que todas essas histórias se deram devido ao projeto de branqueamento que tivemos no Brasil e, que deixou, seus vestígios até hoje.

Agora destaco a narrativa de Emanuele, que traz o hoje, o presente com o “Sim, a todo tempo e lugar. Acho que mais em loja, não lembro. Na cara, na cara, não. Mas, eu sinto”. Representando o que de fato pessoas pretas/negras retintas sofrem e exemplificando como se dá o racismo no Brasil. Pois:

Assim é o racismo brasileiro. Sem cara, travestido em roupas ilustradas, universalista, tratando-se a si mesmo como anti-racismo e negando como antinacional a presença integral do afro-brasileiro ou do índio brasileiro. Para esse racismo, o racista é aquele que separa, não o que nega a humanidade de outrem; desse modo, racismo, para ele, é o racismo do vizinho (o racismo americano) (GUIMARÃES, 1999, p.42).

Dando continuidade, Emanuele se recorda de uma situação de racismo vivida recente e diz “Recentemente, onde eu tinha qualificação melhor do que de uma pessoa branca e eu não fui selecionada e a pessoa foi” (EMANUELE, 2022). Em seguida, Pérola também traz um relato recente, seguem:

A cor da minha pele não é tão retinta, mas eu tenho uma questão assim bem marcante com meu cabelo. Até de aceitação e já passei por várias situações ligadas ao meu cabelo. Desde que eu comecei a transição é, porque eu alisei a vida inteira. Eu costumo dizer que eu alisei antes de me entender por gente. Porque minha mãe já alisava desde criança. Então sofri quando criança, quando adolescente e quanto adulta. Inclusive uma delas, foi a mais recente, no meu trabalho onde um enfermeiro,

a televisão do setor que eu estava trabalhando, estava ruim e aí ele estava tentando ajeitar, aí ele pegou a antena e direcionou a antena para o meu cabelo. Numa tentativa de que a televisão voltasse. Porque antigamente a gente usava aquela esponja de aço, quando era analógico o sinal. Usava na ponta da antena da televisão para o sinal voltar e aí ele fez isso. Ele quis fazer uma brincadeira né, de mal gosto. E eu entendi o que ele quis dizer na hora. E aí fui e perguntei, o que você tá querendo dizer com isso? O que você está falando? Aí ele se ligou que ele fez uma bobeira, uma coisa errada, aí falou não, ele negou e tal. Mas ele está respondendo um processo administrativo. Eu não deixei passar, hoje eu aprendi que eu não tenho que ficar calada, que meu cabelo é diferente sim, a textura é diferente, a cor pode ser diferente e não é por isso que eu tenho que aceitar piada, alguma coisa ridicularizando, enfim, então eu não tenho que aceitar. Aí eu fui na direção do hospital e está respondendo. Vamos ver como vai ficar (PÉROLA, 2022).

Ao ouvir esses relatos, muitas coisas nos passam, é uma mistura de angústia, sentimento de injustiça, dor, revolta, desânimo, pois, percebemos o quanto a estrutura racista é tão forte, tão cruel e presente nas nossas realidades. Emanuele conta sobre a percepção do racismo sofrido no trabalho e que afeta diretamente sua vida. Poderia ter tido um aumento no seu salário e tinha qualificação para o cargo, porém, sabemos que em nossa sociedade, muitas vezes a brancura tem mais influência do que a qualificação na escolha de um cargo. A luta pelo acesso de pessoas negras aos espaços de poder continua sendo atual, real e necessária. Pérola retoma relatando o quanto a questão do cabelo afetou e, ainda afeta sua vida. Nos relata sobre uma situação de racismo que sofreu, também, no trabalho. Denuncia esses racismos disfarçados de brincadeiras. E nos evidencia a importância de não nos calarmos, de não mais aceitar, de não mais deixar passar. Afinal, já passou da hora de entenderem que racismo não é brincadeira, é crime. Precisamos denunciar, processar, divulgar e o que mais for possível.

Destaco, também, o “Eu costumo dizer que eu alisei antes de me entender por gente. Porque minha mãe já alisava desde criança. Então, sofri quando criança, quando adolescente e quando adulta” de Pérola e convido a pensarmos sobre esse trecho. Essa fala representa muitas outras histórias.

Ter acesso a esses discursos/narrativas me fez refletir e pensar algumas hipóteses sobre o processo de percepção e identificação do racismo. Como este se dá? O que faz com que uma pessoa que tinha a venda do racismo nos olhos, começar a tirá-la? A luta por direitos e reparação e os movimentos coletivos sem dúvida colaboram para os avanços dessa discussão na sociedade. Porém, aqui me coloquei a pensar num âmbito mais individual, que com certeza é influenciado pela sociedade, mas me refiro a tentar identificar e organizar nos discursos das

nossas sujeitas, algumas possibilidades para tal. Sendo assim, notei que estas tomadas de consciência ou percepção do racismo estão relacionadas a:

<p>Presenciar/ver Presenciando o ocorrido com alguém próximo, provavelmente que tenhamos algum apreço ou afeto como é o caso de Yohana.</p>	<p>YOHANA: E minha filha também foi tratada de forma diferente do meu filho que é bem mais claro que ela. Até dentro da minha família, minha mãe uma vez disse que minha filha tinha cabelo ruim, “cê é neguinha”, acho que o mais doloroso é quando vem da nossa família. Os demais incomodam sim, mas quando vem da nossa mãe, não foi legal. Ela pediu desculpa, mas eu fiquei chateada.</p>
<p>Saber/conhecer Tendo acesso a dados e informações dos casos de racismo e desigualdades como Kiara e Jasmine.</p>	<p>KIARA: Olhando na televisão eu vejo as violências e pessoas vivendo no subemprego, morando em lugares que a maioria não gostaria de morar. A gente vê que são mais pessoas negras ou pretas.</p> <p>JASMINE: Vejo no dia a dia, na televisão mostra, no trabalho a gente vê isso.</p>
<p>Sentir/vivenciar Sentindo todos os dias como Emanuele, mesmo que na maioria das vezes não seja tão explícito. Ou se percebendo numa lógica aprisionamento a um padrão que nos inferioriza, como Dorcas e Pérola.</p>	<p>EMANUELE: Não sei, mas eu sinto.</p> <p>DORCAS: A pessoa vai pela cor da pele, pela largura do nariz, que isso já aconteceu com a gente. De as pessoas ficarem falando assim: “Esse nariz gordinho”, arredondado, batatudo. Porque acreditam que tudo tem que ser aquele padrão fininho, moldurado, estruturado, aquela coisa assim que parece ser tão absurdo a perfeição que eles querem que chega a ser intocável.</p>

Enfim, estes relatos/narrativas e diálogos trazidos neste tópico expõe um pouco da complexidade em torno do racismo, que carrega memórias de dores devastadoras e ultrapassa as barreiras do preconceito e da discriminação, o racismo é estrutural e estruturante. Ou seja, é estrutural por atravessar todas as instâncias e instituições e por se tratar de toda uma lógica de exclusão e de organização de mundo por uma hierarquia pautada no padrão eurocêntrico

branco. E estruturante, por ser sistêmico, por conseguir manter e perpetuar toda essa lógica de exclusão da população negra. Sendo assim, é relacionado com o lugar onde a população negra ocupa, está e é representada, com origem, ou seja, com a história comum e com a situação econômica que a grande maioria da população negra se encontra, devido às consequências do racismo, da escravização e o abandono desse povo. Por isso fazer parte da nossa formação, isto é, somos ensinados a sermos racistas ao longo de nossa vida, ou melhor, a reproduzir e perpetuar a estrutura racista, muitas vezes sem nos darmos conta. Fazendo, assim, cair por terra toda e qualquer dúvida de que democracia racial no Brasil que de fato é um mito.

2.5 Racismo e Educação

Ao se iniciar qualquer discussão acerca da educação e das questões étnico-raciais, destacamos as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 como marcos históricos para as conquistas da população negra e indígena e para a construção de uma escola de fato democrática. Tais leis pautam a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena na escola. Visto que a instituição escola, é um espaço de discursos hegemônicos de poder e eurocentrada. Essa conquista histórica se atribui a uma grande relevância, pois, sabemos que:

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (GOMES. 2003, p.77).

Na tentativa de buscar concepções das nossas sujeitas sobre racismo e educação, iniciei perguntando-as: “Criança comete racismo?” Segue as respostas:

DORCAS: Se ela tiver uma educação distorcida, ela pode vir a cometer e não percebe.
EMANUELE: Hoje não, mas na minha infância sim. Na minha infância sofria muito. Era chamada de macaca, nega do cabelo duro, neguinha do morro, era criança né, criança com criança.
JASMINE: Olha eu acho que inocentemente. Eles se apelidam, chamam. Sem intenção nenhuma de magoar a pessoa.
KIARA: Não.
PÉROLA: Sim, desde o momento que ela vê isso dos pais, né. Ou vê em algum lugar.

YOHANA: Comete, depende da criação, da educação que vem de dentro de casa. Porque acontece, se um pai é racista, ele mostra para o filho que não gosta de negro, se trata de forma diferente, seu filho vai fazer de forma igual.

Notamos que as respostas variam bastante, pois, enquanto Kiara responde com um não aparentemente bem seguro, sem nem tentar se justificar; Dorcas, Pérola e Yohana trazem a ideia de que a criança comete como forma de reprodução, pela condicionante “depende da família, da criação, da educação, do que ela vê”. Já Jasmine, acredita que a criança não tem “intenção de magoar”, trazendo o discurso de ingenuidade/inocência historicamente atribuído à criança e que ainda está presente nos discursos atuais. E, por fim, Emanuele diz que antigamente acontecia, mas acredita que atualmente não ocorra mais. O interessante é perceber a variedade de concepções existentes nos discursos no mesmo tempo histórico e com uma amostra relativamente pequena de pessoas. Porém, neste caso o discurso que aparece mais vezes e que quem sabe (e tomara), possa estar mais forte na sociedade, é que crianças reproduzem o racismo. Pois, de certa forma, demonstra algo importante e diria até positivo, já que a existência de discursos como esses, que colocam a criança como reprodutora de racismo, colaborem e/ou defendem de certa forma que a questão do racismo precisa ser tratada e pensadas desde/para/com as crianças também.

Em seguida, perguntei se recordavam de alguma situação que seus filhos sofreram ou cometeram/reproduziram racismo. E com exceção de Kiara e Emanuele, que responderam negativamente à pergunta anterior, todas as outras relataram alguma situação. Segue:

DORCAS: Com a minha filha mais velha ela teve problema também na escola em relação ao cabelo. Meu menino não sei muito. Ele é mais fechado, não é de conversar, então se aconteceu, eu não sei. A única vez que eu percebi que ele estava meio estranho foi porque os colegas disseram para ele que ele era feio.

JASMINE: Helena sofre um pouquinho por conta do cabelinho dela. Uma vez na vila brincando com as outras crianças. Ela chegou e falou “Mas porque meu cabelo não abaixa?” Porque algum coleguinha falou que o cabelo dela era duro. O cabelo dela fica black bem armado. Aí ela veio toda chateada. “Mãe meu cabelo é duro?”. Não, seu cabelo é blackinho. A partir daí ela se apaixonou pelo blackinho dela.

YOHANA: Uma vez que meu irmão perguntou se ela queria uma boneca pretinha. Ai ela “Pretinha não”, Ai eu “ Porque pretinha não? Você quer!

PÉROLA: Já teve uma situação que na televisão ela falou que a pessoa era feia. Na reportagem ou no filme, falava sobre cabelo e aí a pessoa estava com o cabelo muito grande, black. Ai ela falou que era feio, ela “Ah eu não gosto, muito feio, horrível”. Ai eu fui perguntar “Mas por quê? Por que está falando que é feio?” E aí a gente meio que destrinchou o que ela disse. “Mas porque esse é feio e esse é bonito?” E dali ela meio que entendeu que não tinha que achar feio só porque era diferente do dela.

Esses trechos demonstram o quanto as crianças cometem e/ou reproduzem racismo. Desde chamar alguém de feio por ele ser negro retinto, até ter falas que fazem o outro se chatear por possuir um cabelo que arma, um cabelo crespo. Desde não querer aceitar e/ou brincar com uma boneca negra, até ver alguém e reproduzir discursos de desvalorização de características negras.

Quando questionadas “De quem é a responsabilidade por educar as crianças a não serem racistas?”. Como vemos a seguir, há uma unanimidade em responsabilizar as famílias:

DORCAS: Da família, pois, vai muito pelas conversas que se tem dentro de casa porque dentro de casa é a primeira sociedade que a criança conhece. Ali ela vai ter a liberdade, pelo menos deveria ter para se expor esse contato com parentes, vizinhos e escola.

KIARA: Primeiro dever da família. A família tem que ser responsável pela educação dos filhos em casa e a escola como complementar.

JASMINE: Dos pais, os pais devem educar, os pais devem ensinar, os pais devem procurar saber o porquê.

EMANUELE: Da família, principalmente da família. Acho que dentro de casa. Acho que vem da criação. A criança não nasce racista, ela vai aprendendo.

YOHANA: Dos pais principalmente. A criança aprende dentro de casa, com os próximos dela.

Pérola: Eu acho que é dos pais.

Preciso registrar o quanto essas respostas me surpreenderam, em relação a esse consenso de que as famílias se responsabilizam pela reprodução do racismo na sociedade,

colocando a escola como secundária ou complementar. Trazendo esse “dever”, que aparece em várias das falas. Intrigante, pois, como educadora, compreendendo que o racismo é estrutural e que a educação exerce o racismo institucional, contribuiu e contribui para os discursos e estereótipos negativos do negro historicamente. E obtendo conhecimento acerca das legislações que trazem a obrigatoriedade, eu acabei por perceber que, talvez inconscientemente, e diferentemente delas, eu praticamente atribuía e, talvez ainda atribua, toda a culpa, ou melhor, toda a responsabilidade para escola. Me dei conta desse meu pensamento tomado pela ideia de escola redentora, “que vai salvar o mundo sozinha”. As vezes esquecemos que a escola reproduz e é reprodutora da sociedade. Foi importante, pois, me fez refletir o quanto depositamos expectativas, talvez em excesso, na escola. Sendo que a luta antirracista perpassa e ultrapassa a escola, e que as famílias como instituição, tal qual a escola, precisam estar nessa discussão por igual.

Entretanto, após as respostas delas, eu comentei/questionei “Então, para você o responsável é a família?” Buscando uma confirmação e/ou uma continuação para as suas respostas. Assim, Dorcas, Pérola e Yohana trouxeram as seguintes falas:

DORCAS: Claro que não dá para colocar a culpa toda na família. Porque a criança não escuta só da família. Ela escuta outros grupinhos, na escola, na rua, outros ambientes que ela frequentar. Ela vai querer replicar dentro de casa para ver qual vai ser a reação da família. Se vai ser bem aceito dentro da casa dela ou não.

PÉROLA: A gente tem uma sociedade muito racista né, muito, que segrega muito essa questão. Acho que até na televisão também. Embora hoje, a gente tenha até desenhos com personagens negros, famílias, mas acho que a criança em geral, vou dizer da minha década, tinha muitas questões para se tornar racista. Por conta mesmo dessa sociedade que enaltece um e apaga o outro. Justamente para essa coisa de que o bonito é esse e esse o feio, esse aqui o que não presta.

YOHANA: Mas eu acho que o mundo ajudando já, se cada um fizer um pouquinho, esse pouquinho se torna muito. Um pouquinho dentro de casa, um pouquinho na escola, um pouquinho na rua, um pouquinho com o vizinho.

Seus discursos demonstram compreender que a questão da reprodução do racismo ultrapassa as famílias, citam a televisão, a sociedade no geral, a escola, o vizinho e, assim, por

diante. Então, afinal, de quem é esse papel? De quem é a responsabilidade e consequentemente a culpa? Do indivíduo, da família ou da Educação escolar? Afinal, como culpar o indivíduo que está alienado perante a esta lógica racista perversa que nos faz rejeitar toda e qualquer característica ou cultura negra? Como manter a crença na meritocracia e pedir que ele se esforce se os direitos e oportunidades são extremamente desiguais e injustos? Como culpar a família que perpetua ideias e estereótipos racistas, por que lhes foi ensinado ou passado dessa maneira? Se é assim que vemos na tv e por todos os lados? Como culpar a educação com todas as suas demandas e problemáticas próprias? Que nunca foi vista como prioridade, que, não é valorizada e é tão abandonada pelos poderes públicos?

Inicialmente, precisamos entender que não se trata de achar culpados, pois, em tempos de retirada de direitos e crescente onda fascista como o que vivemos recentemente, o que nos cabe é tentarmos buscar soluções ao invés de culpados. Por isso:

Parece, portanto, que o trauma de pessoas Negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, ou seja, a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como o 'Outro', como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranho(a) e incomum. Essa realidade irracional do racismo é descrita por Frantz Fanon como traumática (KILOMBA, 2019, p. 176).

Assim sendo, não podemos esquecer que devemos culpar e lutar contra a própria estrutura racista. Afinal, é o contato com “a violenta barbárie do mundo branco” que devemos enfrentar. Trata-se também, de compreender que cada um pode colaborar. A partir de então, pergunto, “Qual o papel da família e como as famílias podem colaborar? Segue então um quadro constando sugestões/dicas de famílias para famílias:

DORCAS: É conversar mais, explicar, procurar sempre falar sobre história. Porque a história traz para gente um apanhado muito grande sobre essa briga toda que houve. Então eu acho que é nessa questão do conhecimento. Veio lá de trás, mas pode ser mudada só pode ser mudada se eles de fato se propuserem a mudar e não repetir os erros anteriores porque se não a tendência é a coisa está sempre piorando.

KIARA: A família tem que ensinar, mostrar os dois lados. Porque acontece e porque as pessoas não podem sofrer mais.

JASMINE: Conversar, ensinar, tirar as dúvidas no dia a dia. Quando elas veem alguma coisa diferente na rua, elas vão logo e perguntam. Eles são curiosos, então... sanar mesmo

as dúvidas deles.
EMANUELE: Ensinar os filhos a... A família branca ensinar seus filhos a não cometer certas discriminações. E nós como pretos temos que combater, falar. Eu ensino muito respeito, a gente tem que respeitar o outro.
YOHANA: Conversa, conversa é muito importante. O contato com outras pessoas, quando não tem, lá em casa graças a Deus eu tenho contato com pessoas negras, eu acho que o contato é importante. Vê que não é diferente, que é só a cor.
PÉROLA: Primeiramente dar exemplos. E estar sempre atento essas questões, quando a criança chegar, talvez com alguma situação que aconteceu na escola. Porque fulano falou. Estar sempre atento ao que é realmente ou as vezes, as pessoas minimizam muito, ai que bobeira, isso aí é “mi mi mi” e assim, não é, por mais que a pessoa não seja negra e não tenha passado assim na pele, ela tem que entender e saber um pouco de empatia do que o outro tá passando. Porque é fácil falar “Ah que bobeira, seu cabelo é isso? Não é, então pronto, esquece”, mas não é bem assim. Estar sempre atento e ter um pouco de empatia mesmo e entender que aquilo ali não tem que ser falado e se tiver algum tipo de situação dessa, que a criança traga para casa, ensinar, mostrar, questionar mesmo, “porque?”. Acho que é explicar essas situações e cortar o mal pela raiz em casa.

É importante ainda, compreendermos que:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores(as), sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2003, p.171)

A partir de então, as indago sobre a relevância da escola na discussão do combate ao racismo e todas em consenso, respondem que há bastante relevância. Destaco as seguintes falas para refletirmos:

KIARA: Muito importante. Porque as vezes a família não passa esse conhecimento para os filhos. As vezes os pais não têm nem tempo para pensar sobre isso ou para abordar o assunto e casa. Então a escola como está sempre atenta. Como a criança está sempre na escola, diariamente, grande parte do tempo, é apropriado a escola falar sobre isso.

JASMINE: Sim, é importante. Porque acaba ajudando também na autoconfiança da criança. É uma outra maneira de verem diferentes, sem ser com a família, em grupos de crianças diferentes, é bem importante.

EMANUELE: Acho importante. Acho, acho muito válido. Até para gente entender um pouquinho melhor o que se passou lá atrás e acontece hoje.

YOHANA: Muito, porque a escola veio para junto com a família, porque as vezes não adianta só a escola ensinar e dentro de casa fazer o oposto, não adianta só em casa ensinar e na escola fazer o oposto, é o conjunto. E eu acho que é importante sim porque não tem alunos de uma cor só.

Acho interessante como suas falas são tão diversas e, ao mesmo, tempo se completam. Trazem a realidade de muitas famílias, a questão da dificuldade de tempo das famílias com as crianças devido a grandes cargas horárias de trabalhos. Onde muitas crianças ficam mais tempo em espaços escolares e/ou espaços informais do que convivendo com suas próprias famílias. Trazem a importância da convivência entre diferentes e, também, de um trabalho relacionado a autoestima e resgate da História que não foi contada. E, por fim, a importância da soma famílias com a escola, que devem caminhar juntas.

Então, em seguida, lhes é perguntado, “Qual o papel da escola? Como a escola pode colaborar com a luta antirracista?”. Segue suas falas:

DORCAS: Eu acho assim, com palestras, mas também com atividades que gerem um debate, um conflito para fazer com que as crianças possam ter reflexão do que está acontecendo. Alguém sofrendo mesmo, refletir sobre a cena. Se eles passassem por aquilo, qual seria a reação? A humilhação, para a pessoa que sofreu ela não fica ali, ela começa ali ela continua ao longo da vida. Ela precisa trabalhar aquilo ali, precisa entender que ela também precisa refletir. E tem que ser um trabalho conjunto. Em todos os ambientes que essa criança se faz presente.

KIARA: A escola pode explicar a história. Fazer tipo teatro, que demonstre como foi a escravidão. Fazendo algumas crianças serem os senhores e algumas serem os escravos. Para que possam tentar sentir um pouco como foi a escravidão e tentar ter um pouco mais de empatia pelo semelhante. Vê que a escravidão e o racismo não é uma coisa legal. Eu acho que a escola tinha que passar isso, uma coisa mais aprofundada. Porque é uma mancha que está no Brasil até hoje e o Brasil leva, eu diria até uma maldição que o Brasil tem. Enquanto isso não for reparado, o Brasil não vai melhorar. Até porque o Brasil é África, todos nós temos descendentes africanos, um pezinho na África porque não tem ninguém puro aqui. Não tem branco puro aqui. Aqui é uma mistura, se formos fazer teste de ancestralidade todo mundo tem um pezinho lá na África. Não tem por que a pessoa ser racista com a outra porque ela também é negra.

JASMINE: Campanhas no mês, leituras, bastante leituras envolvendo essas diferenças. E as crianças acabam observando as diferenças entre eles e ajuda. Reuniões dos bimestres mesmo. Apresentação de vídeos, das crianças, de uma peça, música. Apresentações, acho que iria despertar, eles vendo as crianças fazendo, seria uma boa forma de os pais observarem.

EMANUELE: Da mesma forma, criando projetos das diferenças. Acho muito legal. Ensinar que todo mundo é igual. Não é a cor da pele que vai fazer um melhor ou pior que outro. Não sei como poderia ser feito. Um desfile, as belezas negras. Poderia ter mais.

YOHANA: Difícil. Eu acho que assim, mostrar para as crianças que somos todos iguais, independente de cor, raça, credo e mostrar para eles o que é respeito. As vezes a criança não entende o que é respeito, é mais fácil ela entender o que é o medo, do que respeito, é difícil ensinar o que é respeito. Você não precisa gostar, você precisa respeitar, isso precisa ensinar muito nesse mundo aí. As pessoas não estão sabendo respeitar.

PÉROLA: Primeiramente, coisa de aceitação. Enaltecer, a menina preta é diminuída sabe, ela já chega na escola que quem não é igual a ela, é melhor que ela. Eu não sei se hoje é assim. Mas na minha época era muito assim. Eu sabia, quando eu chegava na sala de aula, que a menina loira de cabelo liso era muito mais bonita que eu, as professoras gostavam mais, os meninos gostavam mais. Então, assim, eu acho que primeiro essa coisa de dar protagonismo a essas meninas, de aceitação, de reconhecer as diferenças. Meu nariz é assim, o seu é assim e ponto, eu tenho de gostar do meu e você tem que gostar do seu e todo mundo tem que se aceitar. A primeira questão é essa, porque quando começa aquelas

piadinhas, brincadeiras porque meu pai faz em casa, entendeu, ai eu acho que a escola tem esse papel, pode ajudar nesse sentido.

Essas falas trazem tantas questões para serem refletidas, que não sei se conseguirei dar conta de tantas reflexões, mas tentarei tecer alguns diálogos e, quem sabe, elaborá-las em trabalhos futuros. Inicialmente, concordo com Dorcas quando diz que “tem que ser um trabalho conjunto” e que o debate sobre o racismo precisa acontecer “em todos os ambientes que a criança se faz presente”. Trago a percepção de que muitas das ações e possibilidades interessantes que elas citaram, muitas escolas já realizam e, esperamos que cada vez mais, aconteçam. Entretanto, há algumas sugestões que precisam de bastante atenção, como é o caso de “Fazendo algumas crianças serem os senhores e algumas serem os escravos”, pois, por mais que a princípio, essa proposta pareça vir como uma boa intenção, ela é um tanto problemática e até uma manifestação explícita do racismo. Mostra o quanto nós, brasileiros, não temos noção da perversidade da escravização. Pois, por exemplo em uma encenação teatral, ninguém faria mostrando os judeus mortos no Holocausto, então, por que representar pessoas escravizadas é aceitável? Fazer crianças negras representar escravizados é colocá-las em um lugar que ninguém quer estar, é expô-la a humilhação e a sentimentos ruins. Como fazer a criança negra ter orgulho da sua origem, da sua história, cultura, do seu povo, trazendo somente representações negativas do negro? É preciso ensinar a história afro-brasileira de uma maneira positiva, valorizando e resgatando saberes, culturas e histórias ricas e belas. E, não somente, partir sempre da escravização. Pois, as pessoas trazidas do continente africano tinham vidas e histórias antes do Brasil, e por que não resgatá-las? A nossa sociedade ainda não reconheceu o protagonismo do povo negro na história do nosso país, existem milhares de outras formas de se trabalhar a História da população negra e o racismo, precisamos parar de reproduzir esses tipos de práticas, precisamos refletir e pensar práticas antirracistas.

Ainda sobre outro trecho de Kiara, notemos que ao mesmo tempo que é tão bonita a frase “o Brasil é África”, nos remetendo a ideia de diáspora, transatlântica, de valorização e toda a riqueza que esse trecho pode trazer e representar, em seguida, ela traz o trecho “todo mundo tem um pezinho na África” e eu começo uma tentativa por entender o porquê ouvir/ler isso me incomodou tanto. Acredito ser porque me remeteu aquela expressão racista “pezinho na cozinha” que geralmente é usada para perpetuar ideias racistas e diminuir e/ou definir o lugar que pessoas negras “devem” ocupar. Pois, é importante trazer que:

[...] a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana (KILOMBA, 2019, p. 14).

Julgo pertinente ainda, percebermos a grande quantidade de vezes que discursos como “somos todos iguais” surgem. Demonstrando o quanto esse discurso ainda está presente e forte na sociedade atual. Achei bem interessante Jasmine trazer, a participação da criança como maneira de chamar a atenção das famílias. Pois, sem dúvida, as famílias estarão mais atentas e valorizarão o que está sendo trazido. Assim como, o protagonismo da menina preta apresentado por Pérola.

Sendo assim, podemos perceber a educação e a escola como facilitadoras para a desconstrução, para esse processo de “Tornar-se negro” e no debate sobre o racismo. Pois:

A escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Os (as) professores(as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores(as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro, ou seja, é preciso superar e romper com o mito da democracia racial (GOMES, 2005 p.60).

Por fim, ao serem questionadas se sabiam sobre a obrigatoriedade que as escolas possuem em trabalhar a História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena, com unanimidade respondem que não. E admito ser para mim, bastante impactante perceber que apesar de a legislação ter completado 20 anos de vigência, infelizmente, nenhuma das mães participantes sabiam sobre a obrigatoriedade que a escola possui. Pois, as leis 10.639/03 e 11.645/08 foram construídas com muitas lutas e, sem dúvida, são ferramentas fortíssimas na busca por uma sociedade mais justa. Para isso, seria imprescindível sua presença concreta nos espaços escolares. Pois, mesmo que a princípio, em sua criação, ela não abarcasse todas as modalidades de ensino, ela foi a possibilitadora da construção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Esta trata-se de uma emenda que amplia a discussão da questão racial para os demais âmbitos. Ou seja, possibilitou a:

Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior (BRASIL, 2004, p.23).

Em seguida, me questiono do porquê tanta surpresa de minha parte, visto que sabemos que muitas escolas ainda não colocam em prática, não cumprem a realização desse trabalho no seu dia a dia. Assim como, muitos professores, também podem não saber dessa obrigatoriedade, como constatado por mim numa pesquisa com professores em 2019. E me pergunto, se sem as escolas e/ou professores sabem/fazem, como eu podia esperar que as famílias soubessem? Mas, é preciso esperar, estamos vendo e acredito estar havendo mudanças, pensando nas redes do município do Rio de Janeiro, hoje temos uma gerência de educação para as Relações Étnico-raciais. Penso também, em quanto é importante que essas famílias estejam inseridas nessa discussão, nessa luta. Me questiono o quanto as famílias podem contribuir para esses avanços junto a escola. Entretanto, sabemos que após séculos de opressão, a mudança não virá de uma hora para outra, é uma mudança histórica, lenta e levará tempo. Mas, novamente, exponho o quanto acredito nessa relação entre famílias e escolas como potências antirracista.

Enfim, para findar este tópico, julgo importante registrar a importância de que famílias e escolas possam juntas dialogar, trocar, refletir sobre educação e racismo. Que possam construir reflexões que saiam da dimensão dos pensamentos/ideias e gere organização e ações. Porque:

Quando não refletimos seriamente sobre essa situação e, quando a sociedade não constrói formas, ações e políticas na tentativa de criar oportunidades iguais para negros e brancos, entre outros grupos raciais, nos mais diversos setores, estamos contribuindo para a reprodução do racismo. É preciso ensinar para os(as) nossos(as) filhos(as), nossos alunos(as) e para as novas gerações que algumas diferenças construídas na cultura e nas relações de poder foram, aos poucos, recebendo uma interpretação social e política que as enxerga como inferioridade. A consequência disso é a hierarquização e a naturalização das diferenças, bem como a transformação destas em desigualdades supostamente naturais. Dessa forma, se queremos lutar contra o racismo, precisamos re-educar a nós mesmos, às nossas famílias, às escolas, às(aos) profissionais da educação, e à sociedade como um todo. Para isso, precisamos estudar, realizar pesquisas e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros (GOMES, 2005, p.49).

3. FAMÍLIA ESCOLA: POTÊNCIA ANTIRRACISTA

É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.

Provérbio Africano

Neste último capítulo, tento reunir os fios desenrolados a partir de tantas conversas e das reflexões possibilitadas para se pensar e construir o produto educacional. Inicialmente, são apresentados contribuições, sugestões e recados das famílias para a escola. Para pensarmos Famílias Escola como potência antirracista, afirmando a gestão democrática como fundamental. Em seguida, é trazida a construção e a apresentação do produto educacional. E, por fim, são apresentados os relatos/retornos das aplicações e usos por professores e opiniões das sujeitas sobre as pílulas antirracistas.

3.1 O que as famílias têm a dizer para as escolas

Após diversos questionamentos e reflexões construídas até aqui, e, pensando em um dos objetivos deste trabalho, que é saber “O que as famílias têm a dizer para a escola?”. Decido, inicialmente, pedir que elas, representantes das nossas famílias, digam, se acreditam que esse diálogo entre famílias e escolas é possível e/ou válido, e todas respondem positivamente, demonstrando certeza. Essa unanimidade, aponta uma ideia existente na contemporaneidade, de que a parceria ou diálogo entre famílias e escola é algo indiscutível, quase como um dogma a ser seguido para o melhor aprendizado/desenvolvimento das crianças.

Em seguida, peço que digam como podemos construir esse diálogo antirracista entre escola e famílias? Segue as respostas de nossas sujeitas:

DORCAS: Seria possível se tivesse uma reunião para que todos pudessem opinar sobre o assunto. Reunião entre a escola e os pais para ver direitinho, todo enredo. Como seria exposto as crianças por faixa de idade. Mas eu acredito que por meio de palestras e atividades que gerem essa questão de conversar. Que eles possam identificar quais são essas práticas, o que é realmente o racismo. Teria que expor com mais clareza o conteúdo. Esse é o trabalho que deveria ter na escola e com os pais.

EMANUELE: Tem reunião para tanta coisa, por que não pode ter reunião para falar sobre o

tema?
JASMINE: Vai ser nessa troca mesmo. Essa conversa abriu meus olhos para outros horizontes, para as diferenças. É importante essa troca, essa conversa. Vai abrir os olhos de muitos responsáveis.
KIARA: Incluir as famílias nas atividades escolares. Chamando a família para participar das atividades propostas. Perguntas, entrevistas com os pais, documentários. Que fizessem os pais se conscientizarem de como é ruim desenvolver um pensamento racista. E as famílias tinham que se conscientizar que a escola tem essa obrigação, esse dever e cobrar através de aulas mais assim, hoje em dia a gente tem tecnologia né?! Com aulas mais interativas, dinâmicas, com teatros, com atividades de interação com as famílias.
YOHANA: Da mesma forma que o pai pode ensinar o filho, o filho pode ensinar o pai. As vezes tendo essa conversa na escola e a criança levando para o pai. As vezes eles ouviriam até mais do que um professor conversando. Os pais podem cobrar. Acho possível trazer esse assunto nas reuniões. As pessoas só chegam, ouvem o professor, assinam e vão embora. Os pais perderam muito de interagir.
PÉROLA: Da mesma forma que educa as crianças, educar as mães também. A escola é um lugar propício para trabalhar isso, desde pequenininhos. E minha filha passou pela educação infantil e eu via muito isso. Essa coisa do penteado, do cabelo. Eu passei por isso e posso falar com propriedade, nunca ninguém enalteceu meu cabelo, nem em casa, tipo “seu cabelo é bonito”, ninguém. Todo mundo só falava, tem que alisar. Eu sei que não é culpa delas, é toda uma sociedade. Mas acho que o papel da escola, a escola pode trabalhar muito essa coisa de autoestima, da menina preta principalmente. A questão fundamental é essa, em relação a autoestima.

Interessante como todas, de alguma forma, sugerem a aposta no diálogo, na conversa. Dorcas sugere a “questão de conversar” e aparenta sugerir que a escola faça esse movimento de chamar as famílias para dialogar sobre o assunto com reuniões e palestras. Assim como, Emanuele, que aparenta trazer um questionamento ao fato de a escola fazer reuniões para tantos assuntos (talvez até menos relevantes?) e “por que não pode ter reunião para falar sobre o tema?”. Entretanto, é preciso afirmar que a participação familiar não pode se limitar ou caber apenas em reuniões, é preciso fazer parte da/na construção dos processos pedagógicos.

Ainda, Dorcas aponta, a necessidade de a escola expor a questão “com mais clareza”, aparentemente com o sentido de “explicar melhor”. Proponho desconstruirmos e ressignificarmos essa ideia de clarear como algo bom e escurecer como algo ruim. Pensar sobre essas palavras e expressões impregnadas de racismo da nossa língua, e que usamos muitas vezes sem pensar e sem nos dar conta de sua função de perpetuar ideias racistas. Sendo assim, aqui para nós, apontamos a necessidade de a escola expor “com mais escureza” a questão para as famílias.

Também, destaco a fala de Jasmine, que aparenta depositar bastante importância na troca, e na conversa, pois, “vai ser nessa troca mesmo”. Se referindo a nossa conversa, como algo importante para ela, pois, “abriu meus olhos para outros horizontes” (Jasmine). Isso me traz um sentimento bastante gratificante sobre nossa conversa ter contribuído para ampliar a visão dela sobre o assunto. Registro aqui, que só por esse relato de Jasmine, todo esse tempo e esforço dedicado a escrita desse texto, já me valeu muito a pena.

Yohana sugere, também, que o trabalho seja feito com as crianças pois, aparentemente acredita que as crianças serão multiplicadoras em suas casas, levarão o que aprenderem na escola para as suas famílias. Kiara já traz a importância desse chamamento das famílias a participarem das atividades, sugere atividades de conscientização. Traz uma fala que merece bastante destaque que é “E as famílias tinham que se conscientizar que a escola tem essa obrigação”, referindo-se a importância de as famílias terem acesso a essa informação, visto que vimos, a partir da amostra desta pesquisa, que a princípio, muitas famílias podem não ter essa informação. E o quanto é necessário disseminá-la pois, só assim, “os pais podem cobrar” (Yohana). Apresentando a ideia de um movimento que possa vir também das famílias e não somente da escola.

Já Pérola aposta nas questões da autoestima negra, referindo-se a importância dessa valorização das características, das belezas negras. Expondo o quanto isso foi marcante em sua trajetória e relatando ter vivenciado algumas dessas práticas nas vivências de sua filha na Educação Infantil. O que de certa forma, foi um retorno positivo para mim, como educadora, que fui antiga professora de educação Infantil da sua filha. É muito gratificante saber que minhas práticas de certa forma, foram e são acessadas pelas famílias.

Ainda, como sugestões surgiram continuações, trago os seguintes trechos para destaque e posterior reflexões:

Mostrar para eles que tem pessoas negras. Sempre que vão pintar um bonequinho sempre pintam com aquela cor clarinha, ensinar para eles que existe pessoas de outras cores, pinta marronzinho. A minha ilha estava outro dia pintando a mão de

um rapaz que foi lá em casa. Ela fez a mão dele, ele é negro, ela pegou o lápis marrom e pintou. Desenhos, músicas da África, conversar porque a criança entende muito. Nossa eles têm um entendimento enorme, eu pensava que não. Vocês na educação Infantil da minha filha me ensinaram isso. Eu achava que criança não tinha que entender, não precisa entender, conversar. E eles tem um entendimento absurdo. A conversa é legal e atividades. Fazer apresentação africana, apresentação com roupas africanas e dançando eu acho bem bonito. E pensei, podia ter na escola isso. A escola ensinar, algo diferente. Porque a escola ensina música clássica que veio da Europa eu acho que poderia ensinar sim a parte mais africana da gente, que a gente veio de lá então eu acho que seria legal (YOHANA, 2022).

Yohana inicialmente apresenta uma questão bastante cara a minha prática docente, que é essa discussão acerca dos diversos tons de pele. Pois, qualquer turma que eu tenha tido acesso, dentro dos últimos quatro anos, esse é um dos primeiros assuntos/temas e atividades que eu busco trazer em sala de aula, girando em torno da desconstrução da ideia do “lápiz cor de pele”. E mesmo as vezes, achando que é uma questão já superada, até hoje (neste ano letivo de 2023). Ao perguntar, no início do ano, “que cor é essa?” (mostrando um lápis bege e/ou salmão), as crianças responderam “cor de pele”. Hoje não mais, pois, hoje, se alguém chamar de “lápiz cor de pele”, muito provavelmente minhas crianças da educação infantil irão corrigir. E eu espero que carreguem esse aprendizado para os anos iniciais e, mais, gostaria que na verdade, lá nos anos iniciais essa ideia fosse reforçada e não esquecida.

Após, Yohana apresenta a importância da conversa com as crianças e relata essa sua compreensão possibilitada, também, pela vivência da educação infantil. Destaco aqui esses relatos como sendo confirmações do quanto é relevante que práticas antirracistas se iniciem o quanto antes, desde a educação infantil. E, que sejam continuados, nos anos iniciais do ensino fundamental. Por fim, Yohana traz a questão da valorização das nossas culturas africanas e afro-brasileiras, como o uso de desenhos, músicas, danças e vestimentas. E utiliza-se de “ensinar, algo diferente” para se referir a isso. Isto é, diferente do que a escola está acostumada a fazer/ensinar. Pois, como ela bem explica, “a escola ensina e valoriza conhecimentos europeus, deveria trazer nossas culturas”.

A seguir, trago em destaque para lermos, com atenção, esse trecho de Kiara, findando as ideias/sugestões trazidas pelas nossas sujeitas. Segue:

As escolas têm que valorizar, tinham que mostrar tudo que tem na África, como é bom, o que tem na África. A cultura africana, as cores que eles usam nas roupas, a alegria que o brasileiro, tudo isso é herança africana. As escolas tinham que mostrar que o Brasil é África, como trouxe coisas boas para a gente. Que os africanos trabalharam, deram a vida deles para que o Brasil fosse construído. Eles são os verdadeiros patriotas porque não receberam nada por isso e até hoje não tiveram essa dívida reparada. Valorizar negros, para saber que negros tem seus lugares de destaques. As pessoas têm que acordar pra isso, não, meu lugar não é aqui de

empregado, meu lugar não só futebol, meu lugar não é só pagodeiro, meu lugar pode ser outro, como de qualquer branco. E hoje eu vejo, já reparou? Na novela, aquela que tem a Thais Araújo agora, ela é empresária, a família dela e os empregados são brancos. Quando isso acontecia? Está aparecendo agora, nos comerciais, no comercial o pessoal tudo preto aparecendo. Os pretos têm que ver que o lugar deles também é ali, não é só de branco. É isso. Mostrar para eles o lado bom. As invenções e as pessoas que fizeram coisas lindas e maravilhosas aqui no Brasil a maioria é preto. Muitas invenções vieram de gente preta, muitos cantores, vozes maravilhosas veio de preto, muitas até na medicina foi preto. Isso as pessoas não sabem, as pessoas precisam saber. A escola tinha que mostrar isso. Então se você for fazer, abordar esse tema. Você sabia que os negros inventaram isso? Inventaram aquilo? Que as pessoas não sabem, acham que só branco que inventa, que é inteligente. As pessoas sempre fizeram isso com os negros, porque primeiro a escravidão é na mente né, vocês são burros, não sabem, só servem para isso, não tinham força para lutar (KIARA, 2022).

Pois bem, Kiara inicia com a importância da valorização do continente africano, das culturas, a relevância de “mostrar tudo que tem na África”, fazendo um paralelo entre as riquezas culturais de África e do Brasil. Em seguida, traz a questão da representatividade de pessoas negras nas mídias e em cargos/espacos de poder e, por fim, a importância da valorização do negro, a desconstrução de estereótipos negativos com “mostrar para eles o lado bom”. Sugere o trabalho de mostrar/divulgar as invenções de pessoas negras ao longo da História, pois, “Isso as pessoas não sabem, as pessoas precisam saber” e “A escola tinha que mostrar isso”. É interessante perceber, que em algumas escolas, esse trabalho já está sendo construído, porém, em outras, ainda precisam avançar bastante. Preciso relatar que compactuo com todas as sugestões de Kiara, entretanto, precisarei discordar somente da última frase “não tinham força pra lutar”, pois, me questiono, como não? Após toda a história do racismo, estarmos ainda hoje existindo, resistindo e com tantos avanços? Isso é resultado de muitas lutas, muitos tempos, muitas pessoas, muitos grupos e *etc.* Estão aí as grandes revoltas e guerras negras como a Balaiada, Revolta dos Malês e tantas outras que contam a história dessas resistências. E que até pouco tempo, também, não sabia por que foram apagadas da nossa história e dos nossos livros. Por isso, proponho o “tivemos e ainda temos muita força para lutar”.

Por fim, quase como uma despedida, pedi que deixassem um recado para as escolas. O que você gostaria de dizer para as escolas? Deixe um recado. E surgiram recados valiosos. Senti que juntos faziam tanto sentido, que juntos ficaram ainda mais fortes e potentes. Pensei, por que não os colocar junto? E, então, iniciei a tentativa de costurá-los e, no final, esse foi o resultado. Leiam com bastante afeto essa carta das famílias para as escolas. Segue:

Queridas Escolas;

Nós famílias, gostaríamos que “se aprofundassem mais nessa questão racial, que procurassem saber até mesmo dos responsáveis relatos mesmos, verídicos que pudessem expor para as crianças. Uma forma de protegê-las. Procurem se organizarem e trazerem para as crianças esse conteúdo que é muito importante para vida delas” (Dorcas).

“As escolas deveriam continuar trabalhando com os sentimentos das crianças, saberem lidar com sentimentos, com as diferenças. Atividades que já tem feito já, as novas, as que estão implementando agora, tem ajudado a se expressarem, saber o que estão sentindo, se estão magoando. Se fizer racismo contra elas, elas vão saber se comunicar, vão saber se expressar. Elas vão entender o que é racismo, vão entender o que é um toque diferente. Tem sido muito importante, as crianças estão aprendendo a se comunicar desde pequenas” (Jasmine).

Vimos pedir “para obedecer a lei que foi proposta que é muito importante. Muito importante mesmo para que pelo menos diminua né?! Os casos de racismo no Brasil e que os professores passassem também em casa para as suas crianças para que não haja tanta coisa quanto as que vemos na televisão. (Kiara) Isto é, “colocar em prática. Já que é obrigado a ter, eu gostaria que meus filhos tivessem esse conhecimento. Tivessem essas aulas sim. (Emanuele).

Pois, “a escola é a base. Aprendi metade do que eu sei hoje foi dentro da escola, muitas coisas que eu vivi foram lá. E eu acredito que hoje a gente pode melhorar, o ser humano, a vida, o mundo estão sempre em melhoria e eu acho que a escola, principalmente as públicas ela tem que cuidar, ajudar a gente a cuidar desse futuro que são as crianças. E eu acho que a gente só vai ter um mundo menos racista ensinando a eles desde pequenos o que é isso” (Yohana). Enfim, “eles trazem para casa, eles pegam isso da escola e trazem para casa. Eu acho que de pequeno dá para fazer um trabalho legal e bonito. Mostrando uma outra realidade. Fazendo eles serem protagonistas das histórias deles, se aceitarem, se acharem bonitos, não se sentir inferior por alguma característica, se reconhecer”. (Pérola)

Após todas essas coisas ditas, sugeridas e pedidas, percebemos que as famílias têm muito a dizer para as escolas. Mas, e a escola? Estaria a escola aberta, preparada e interessada em ouvir? Pois bem, a priori, responderíamos que sim, entretanto, sabemos que essa relação, historicamente, é repleta de mudanças, contradições e conflitos. Por isso, antes de findar esse tópico, é necessário trazer para a discussão, a importância da gestão democrática para se

pensar FamíliasEscola como Potência Antirracista. Para tal, é preciso explicar que a Gestão Democrática é princípio para o ensino público, garantida por lei. Isto é, em consonância com a Constituição Federal (Art. 206, VI), com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Art.14, Art. 206 – VI e Art.3º, VIII) e com o Estatuto da criança e do adolescente (Art. 53). Entretanto, também, sabemos que a existência da legislação não garante a sua efetivação. Pois:

A gestão democrática da escola implica que as comunidades, os usuários da escola, sejam seus dirigentes e gestores, e não apenas seus fiscalizadores ou meros receptores dos serviços educacionais. Na gestão democrática, pais, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola (GADOTTI,1994, p.2).

Isto é, entendemos gestão democrática como um processo contínuo, permanente, de relações horizontais, que tenha a participação de toda a comunidade escolar para além de reuniões e, sim, na elaboração do projeto, na tomada de decisões, na participação da gestão escolar como um todo. Sendo assim, para que as demandas das famílias e da sociedade chegue à escola e/ou que as demandas da escola e sociedade extrapolem os muros da escola, é preciso a possibilidade desse diálogo. Dessa forma, é preciso que haja uma gestão democrática para que possamos pensar/construir uma educação antirracista. Ou seja, só é possível pensarmos FamíliasEscola como potência Antirracista a partir de uma gestão democrática. Afinal, como seria possível pensarmos em uma educação antirracista sem colocar em xeque a necessidade da gestão escolar antirracista também? Pois, ao compreendermos que o racismo está nas estruturas da sociedade e das instituições, inclusive da escola. Entendemos que, não é possível uma gestão ser de fato democrática, sem pressupor que seja antirracista. Ou seja, o antirracismo questiona e reeduca a gestão, afinal, “Uma escola injusta não é nem democrática e nem antirracista. O antirracismo coloca a educação diante do dever ético e político de ser justa, ética, acolhedora e equânime” (GOMES, 2023). Precisamos compreender que:

Em uma sociedade multirracial e pluricultural, como é o caso do Brasil, não podemos mais continuar pensando a cidadania e a democracia sem considerar a diversidade e o tratamento desigual historicamente imposto aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais” (GOMES, 2010, p.70).

Em suma, para que as demandas e considerações das famílias no geral, e as tecidas nessa dissertação em si, cheguem à escola, é preciso considerar o desafio de nos depararmos com gestões escolares ainda não tão democráticas na prática e/ou, encontrar e agir nas brechas individualmente, mas também, se organizar/lutar coletivamente. Penso, também, na potência do Conselho Escola Comunidade (CEC) como uma das perspectivas. A partir de então, inicio

a construção do produto educacional, que pretende ser um material acessível às famílias e aos professores e que busca justamente servir como ponte e/ou favorecer esse diálogo entre famílias e escola.

3.2 Pílulas antirracistas: Construindo o produto educacional

Pensar um produto educacional, pós pandemia, é sem dúvida um desafio. Cada vez mais estamos sendo obrigados a estreitar laços com as tecnologias e mídias sociais para acompanhar os avanços da sociedade. Por isso, ao iniciar meus pensamentos acerca de qual seria meu produto educacional, minha ideia inicial seria fazer um produto audiovisual, isto é, um vídeo. Justamente por ser um formato mais acessível, dinâmico e lúdico. Porém, visto que, estamos cada vez mais sendo tomados pela sensação de que nosso tempo está cada vez mais reduzido, isto é, preenchido com muitas demandas/obrigações. E, tomando como exemplo, o crescente sucesso de redes sociais, aplicativos e ferramentas que utilizam vídeos curtos como forma de disseminar informações e após conversa com a orientadora, decidi por trocar a ideia de um único vídeo para a construção de uma sequência de vídeos curtos. Por acreditar que estes conseguem prender/reter mais a atenção das pessoas atualmente e, por serem de mais fácil compartilhamento e divulgação.

A partir de então, defini meu produto, se tratará de uma série de pequenos vídeos que visam debater, resumir e ampliar as reflexões construídas até aqui. Servirão como disparadores para escolas/professores e famílias se sensibilizarem, trazer alguns conceitos e incentivar a construção de reflexões acerca da relevância de uma educação para as relações étnico-raciais sob a perspectiva antirracista.

Após uma breve pesquisa, descobri que esses tipos de vídeos, que pretendo construir, são chamados/conhecidos de vídeos pílulas. Possuem tempo otimizado (por volta de 1 a 2 minutos) que passam a mensagem de uma forma mais simplificada, prática e atrativa para o público. Ora tem a função de trazer dicas, lembretes e/ou reflexões e ora funcionam como provocadores de debates para algum tema/assunto específico. O intuito de construir as conversas com as famílias foi para pensar e elaborar o produto educacional. Entretanto, muitas foram as conversas, surgiram assuntos diversos, temas variados e diria que infinitas possibilidades. Por isso, para não me perder nesse universo de possibilidades elenquei assuntos/temas/discursos que saltaram, que se destacaram, ora por serem contraditórios e/ou

representarem ideias/pensamentos diversificados presentes e convivendo na sociedade e ora por aparecerem várias vezes nos discursos de diferentes pessoas, quase como um consenso.

Então, me deparei com um grande desafio, “Como definir o assunto/tema de cada vídeo? Parti do seguinte pensamento: Até aqui, de tudo que foi construído, o que penso a partir de tudo isso? Preciso tentar aproveitar ao máximo as minhas percepções e possibilidades surgidas das conversas, mas também, validar/valorizar/aproveitar o que as sujeitas trouxeram como sugestões/ideias. Sendo assim, numa tentativa de sintetizar, organizei da seguinte maneira, elencando temas possíveis e organizando numa tabela, alguns dos temas surgidos e identificados ao longo deste escrito. Segue:

POSSÍVEIS TEMAS PARA OS VÍDEOS	
Conceituais	<ol style="list-style-type: none"> 1- Autodeclaração 2- Definição do que é racismo 3- Racismo à brasileira 4- Mito da democracia racial 5- Projeto de branqueamento 6- Meritocracia e privilégios
Estereótipos	<ol style="list-style-type: none"> 1- Imaginário social racista 2- Padrão de beleza racista 3- Expressões/ “brincadeiras” racistas 4- Criança comete racismo? 5- Casos de racismos recentes
Resgates Históricos	<ol style="list-style-type: none"> 1- Nossas origens 2- Dívida histórica 3- Desvalorização da África 4- Histórias não contadas 5- Pessoas embranquecidas na história 6- Revoltas/guerras/resistências negras
Valorização	<ol style="list-style-type: none"> 1- Invenções negras 2- Tipos de cabelos 3- Culturas negras 4- Diversidade de tons de pele

	5- Nossos verdadeiros heróis
Educação	1- Educação antirracista 2- Obrigatoriedade do Ensino de História e Culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas 3- Papel das famílias 4- Papel da escola 5- Resignificações/desconstruções

A construção dessa tabela me possibilitou organizar meus pensamentos, pois, a partir de então, todas as ideias que tinha para os vídeos, que anteriormente sentia estarem soltas e/ou confusas/misturadas, agora conseguia identificar, encaixar e/ou relacionar dentro de algum dos temas acima. Então, antes de definir os vídeos, senti a necessidade de pensar um nome para a sequência/série de vídeos que iria construir. E logo me veio a ideia de chamar de “Pílulas Antirracistas”. Afinal, pílulas são conhecidas nesses tipos de vídeos curtos e Antirracistas, pois, a ideia é que contribuam para o combate ao Racismo. Ainda, tentando buscar mais sentido, penso nos significados das palavras encontradas em dicionários. Sendo assim, penso pílula como remédio (aquilo que cura), isto é, pílula como a substância medicamentosa, compacta, que objetiva curar doenças ou aliviar sintomas/dores. E, Antirracista (que é adepto ao antirracismo), isto é, que se opõe ao racismo (postura, movimento, opinião, sentimento de oposição ao racismo). E para mim fez tanto sentido. No sentido figurado, não seria o Racismo uma ferida enorme e aberta na nossa sociedade? Não seria uma doença social histórica com muitos sintomas e de difícil cura? Enfim, partindo desses pensamentos, proponho pensarmos as “Pílulas Antirracistas” como doses compactas (vídeos curtos) de remédio (informações/conhecimentos/provocações) para curar ou combater o racismo.

Sendo assim, a sequência de vídeos “Pílulas Antirracistas” é o produto educacional resultado e construído a partir desta dissertação. Consiste em uma sequência inicialmente de quatro vídeos de formato MP4, por se tratar de um formato amplamente aceito em diversos dispositivos e mídias. Os vídeos foram construídos no Canva, que é uma plataforma de *design* gráfico que permite aos usuários criarem diversos formatos de conteúdo. Está disponível online e possui versões gratuitas e pagas. As imagens utilizadas para a construção dos vídeos são as disponibilizadas na plataforma, imagens de domínio público e fotos feitas por mim,

capturadas do meu cotidiano escolar, no meu dia a dia de sala de aula como professora da educação infantil. Como os vídeos foram inicialmente pensados para serem assistidos em televisões ou em projeções em *data show*, eles foram construídos horizontalmente, porém, é possível fazer a versão vertical deles também.

Sobre o processo de definição desses vídeos, confesso que foi um processo um pouco difícil. Por onde começar? Como escolher? Todos os assuntos são relevantes. Entretanto, decidi evocar minha essência docente e buscar na minha prática de sala de aula. Recordei-me, que já faz alguns anos que realizo um trabalho com lápis de cor de tons de pele e que apesar parecer algo tão já óbvio, para mim, e um assunto tão esgotado, me deparo com professores e crianças, ainda hoje, chamando o lápis salmão de “cor de pele”. Resgatei os autorretratos feitos pelas crianças da minha turma e todo o trabalho que tivemos durante o ano. Inicialmente, os questionei sobre a cor do lápis e eles me retornaram com a resposta “cor de pele” e aí eu devolvi a pergunta: “Lápis cor de pele? Mas cor da pele de que?” Pronto! Vou partir daí, de algo que me traz incômodo, que também apareceu nas entrevistas e, que a princípio, parece algo simples, mas que possui tanta coisa por trás. Implica em tantos outros assuntos. E, foi assim, que defini a ideia e construí o primeiro vídeo. Seguindo o pensamento, me recordei do momento em que apresentei os lápis tons de pele para eles e deparei com muitas crianças que pegavam tons bem mais claros do que o de sua pele para se pintar. Perguntava, “mas essa é sua cor? Procura o que é mais parecido com a sua cor, encosta no seu braço” e algumas de fato procuravam, porém, outras, apresentavam resistência em trocar. Pensei no quanto essa negação da sua cor tem relação com a resistência que adultos, também, apresentam quando vão se autodeclarar. Logo relacionei com a grande e complexa problemática que é se autodeclarar no Brasil. E me recordei de todo o processo de me reconhecer e entender como negra e em todas as vezes que me questionam por eu ter pele clara. Geralmente pessoas que não sabem da minha história, não sabem da minha vivência com o racismo. Assim sendo, também parti de uma constatação da minha sala, de algo que me afeta e, que também, apareceu nas entrevistas. E, então, defini o segundo vídeo que trata sobre autodeclaração.

Para o terceiro vídeo, levei um pouco mais de tempo, iniciei vários esboços, mas foi no dia que vi pessoas conversando sobre as regiões de Gaza e Palestina, falando do Egito como um lugar separado da África, que decidi tratar sobre a ideia equivocada que muitos têm sobre o continente Africano. Lembrei de ter presenciado algumas pessoas se referindo a África como um país e de todas as imagens mentais negativas, estereotipadas e generalizadas que

muitos ainda possuem sobre um continente tão enorme, rico e importante. Lembrei de quando eu também fazia parte desse grupo de pessoas. E do quanto tenho desconstruído essas ideias a cada dia. Comecei a me questionar se eu não deveria estar trabalhando mais em sala. E o quanto esse apagamento histórico persiste tão forte ainda nos dias de hoje. Assim, decidi o terceiro vídeo, um vídeo que pudesse mostrar a África que a maioria das pessoas não conhecem. Após estar pronto, eu senti a necessidade de continuar um assunto que não coube nele, que é justamente a existência de estereótipos negativos, referentes a tudo que é relacionado a população negra. Fiz relação com outra discussão surgida na fala de todas as sujeitas entrevistadas, que é pensar e questionar esse padrão de beleza branco, nessa lógica que insiste em ditar o que é bom e belo, a partir de um padrão eurocêntrico branco de mundo. E, assim, defini e finalizei o quarto e último vídeo. Então, ficaram da seguinte maneira:

Vídeo 1 – Lápis cor de pele?

Vídeo 2 – Autodeclaração: O que eu sou?

Vídeo 3 – O que você sabe sobre África?

Vídeo 4 – Vamos refletir sobre Estereótipos?

Inicialmente, a ideia era construir seis vídeos, porém, devido aos limites e prazos se aproximando, decidi por me dedicar a pensar na aplicação do produto educacional. Que até o momento ainda se tratava de protótipos, afinal, a partir dos retornos, opiniões e avaliações, provavelmente seria necessário realizar ajustes, mudanças e melhorias ao produto educacional. Entretanto, preciso registrar que as “Pílulas Antirracistas” não se findarão nesses quatro vídeos somente. Há a pretensão em dar continuidade a sequência futuramente.

3.3 Aplicação das Pílulas Antirracistas

Ao pensar a aplicação do produto, inicialmente quis realizar um grupo focal com famílias e registrar suas opiniões. Entretanto, além de eu ter que encontrar um local, eu também, não teria o retorno das escolas e professores. Em seguida, pensei em compartilhar na minha rede social e analisar os comentários, porém, além de eu ter que transformar a mídia em versão vertical, corria o risco de eu não alcançar um público que não faria o uso do

produto educacional para o qual ele foi pensado. Pensei em criar um canal no *Youtube*, compartilhar o link do canal para professores, seria uma possibilidade. Porém, um canal requer todo um planejamento prévio, organização e toda uma dedicação que no momento não conseguiria dar conta. Além do fato de precisar que os vídeos estivessem prontos/acabados. Porém, se a ideia é avaliar o produto a partir da aplicação, eles provavelmente precisariam sofrer mudanças. Então, adiei a ideia do canal, para quando de fato os vídeos estivessem finalizados, após a aplicação e possíveis ajustes. Assim sendo, e, pensando na finalidade do produto, que seria um produto para escolas e professores utilizarem com as famílias, decidi por buscar retornos/relatos de professores após a utilização dos vídeos com famílias. Dessa forma, eu conseguiria ter o relato do uso, assim como registros de como foi recebido pelas famílias. Por isso, construí um formulário no *Google Forms* (em anexo), com breve explicação/instruções, com o link do *Google Drive* que permitia o acesso aos vídeos, de todos aqueles que possuem o link, com perguntas para serem respondidas após o uso dos vídeos com as famílias. E por fim, compartilhei com professores.

Entretanto, ao iniciar o compartilhamento, me deparei com um problema. A maioria das escolas já tinham realizado a reunião do 3º bimestre com as famílias. E sabemos que reunir as famílias, nem sempre é tão fácil, ainda mais se tratando de uma data tão próxima a uma reunião recente. Fiquei bastante preocupada em não conseguir retornos, porém, consegui cinco retornos. A princípio menos do que eu desejava, mas o possível naquele momento.

A partir de agora, me debruço sobre esses retornos para tecer análises e reflexões. Porém, partirei, da mensagem que enviei para professores e para conhecidos compartilharem com professores, via *WhatsApp*. Segue:

Bom dia. Sou Elayne Melo, professora de Educação Infantil da Maré. Estou na reta final do mestrado e estou precisando da ajuda de professores para aplicar/avaliar o produto educacional que eu construí. Se chama "Pílulas Antirracistas", são vídeos curtos de 2 a 3 minutos de duração. Que tem como objetivo iniciar um diálogo sobre racismo entre professores/escolas e as famílias. É simples, você só precisa escolher um dos vídeos e assistir junto com famílias dos seus alunos. Depois é só propiciar um momento de troca, conversa/diálogo. E me retornar, me contando como foi a experiência e relatando opiniões sobre o produto. Você tem interesse em participar? Caso tenha, me informe que te envio tudo explicado (Autora, 2023).

Aguardei os interessados entrarem em contato, e darem uma resposta positiva, em seguida enviei para eles, a seguinte mensagem:

Você concordou em participar da aplicação de alguma das "Pílulas Antirracistas" e me ajudar a avaliar esse produto educacional. Por isso, peço que clique no link e leia as

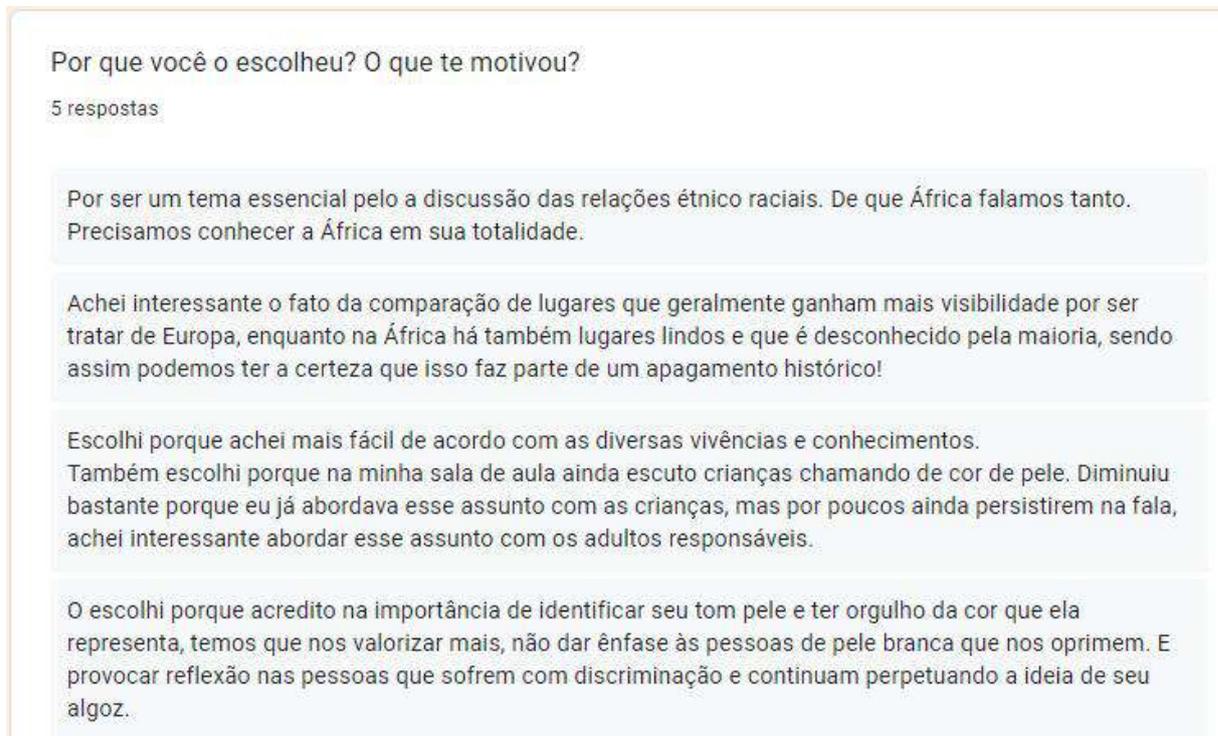
orientações com atenção. Aí também está o link que dá acesso aos vídeos. Obrigada desde já e aguardo retorno (Autora, 2023).

Após receber os retornos, iniciei as análises dos dados. Apresentarei, a partir de agora, algumas das respostas recebidas, seguidas de comentários e reflexões construídas por mim. Estes aparecerão seguindo a sequência das perguntas presentes no formulário. Sendo assim, iniciei pedindo que as professoras construíssem uma breve apresentação. É importante registrar que as professoras participantes possuem idades variadas entre 31 a 45 anos. Quatro, possuem formação em Pedagogia e uma, em Letras. Quanto ao tempo de atuação, duas, atuam a menos de 5 anos, outras duas, atuam há aproximadamente 10 anos e uma já está exercendo a docência há 24 anos. Ambas atuam na zona norte, nos bairros: Coelho Neto, Maré, Quintino e Olaria. Quanto a autodeclaração, duas, se declaram como pardas, outras duas, se declaram como negras e uma se declara como preta.

Não posso deixar de notar que nenhuma das participantes se declaram como brancas. O que me faz questionar e tecer alguns questionamentos. Será mera coincidência? Será só um acaso restrito a essa amostra? Ou será que realmente pessoas brancas são minoria quando se trata de pensar o combate ao racismo? Conhecendo a branquidade, sinceramente, acredito que não é um mero acaso. Por que pessoas brancas não demonstraram interesse em aplicar um produto educacional que trata de racismo? Onde estão as pessoas brancas nas discussões sobre racismo? Enfim, acho interessante registrar que precisamos refletir sobre a falta de responsabilidade da branquidade com o racismo.

Após essa breve apresentação, as professoras participantes dizem qual dos vídeos elas escolheram. Sendo assim, duas escolheram o vídeo “Que África você conhece?”, outras duas escolheram o vídeo “Lápis cor de pele?” e uma escolheu o vídeo “Autodeclaração: O que eu sou?”. Notemos que o vídeo “Vamos refletir sobre estereótipos?” não foi escolhido por nenhuma das participantes. Indicando que ele não foi considerado a melhor opção para apresentar como o primeiro da sequência nessas realidades. Em seguida, trago *prints* das respostas (retiradas do formulário) sobre as motivações da escolha. Vejamos a seguir:

Imagem 1 - Motivação da escolha "Qual África você conhece?" e "Lápis cor de pele?"



Fonte: Autora, 2023.

Essas duas primeiras respostas se tratam do vídeo “Qual África você conhece?”, podemos destacar a palavra “essencial” para se relacionar ao assunto, indicando considerar que é algo que ela considera relevante. E, o trecho que diz “África que tanto falamos” pois, ela, intencionalmente ou não, se inclui, demonstrando, aparentemente, que se considera uma professora que fala de África, mas também, assumindo que precisamos conhecer ou buscar mais sobre. A segunda resposta traz a constatação de que tudo voltado à Europa é mais valorizado. E, em seguida, faz uma relação do vídeo com a ideia/conceito de apagamento histórico. Demonstrando que aparentemente, ela já tem consciência que essas ideias equivocadas sobre o continente africano são resultado de todo um apagamento histórico da cultura e história negra na nossa educação e sociedade.

Já as outras duas respostas, em relação a motivação da escolha do vídeo “Lápis cor de pele?”, inicialmente, ela sinaliza a facilidade, indicando que é um assunto confortável ou que ela domina melhor para conversar com os responsáveis. Interessante perceber, que de fato, para que a professora se sinta segura de utilizar os vídeos com as famílias, ela precisa conhecer ou dominar um pouco o assunto e, provavelmente, seja necessário buscar, ler, estudar um pouco. Também informa, “eu já faço um trabalho com as crianças sobre os

diferentes tons de pele” e destaca como interessante a possibilidade de se trabalhar com as famílias, aparentando não ter pensado sobre isso antes. Na resposta seguinte, a professora faz relação do vídeo com a valorização das características, empoderamento e autoestima das pessoas negras. Afirma que o vídeo tem potencial de provocar reflexões em pessoas que ainda não possuem essa discussão.

Trago ainda, a resposta referente a motivação do uso do vídeo “Autodeclaração: O que eu sou?”. Vejamos:

Imagem 2 - Motivação escolha "Autodeclaração: O que eu sou?"

Sempre nas matrículas encontramos vários responsáveis que não conseguem se declarar negros, muitos até mesmo retintos, com filhos que levar para a matrícula também retintos e responde pardos ou brancos. Sem falar nos funcionários que também se sentem sem jeito na hora de perguntar e acabam pulando essa parte do questionário.

Fonte: Autora, 2023

A professora explana o fato de ter presenciado dificuldade dos representantes das famílias se autodeclararem e declararem os filhos. Assim como, dos próprios professores, que demonstram insegurança em perguntar ou abordar o assunto. Denunciando a problemática da autodeclaração brasileira e demonstrando que é uma questão que a incomoda. E que é uma questão presente em sua realidade.

A partir dessas respostas, podemos identificar algumas potencialidades do produto que surgiram nos discursos das participantes. Como a relevância dos assuntos, como o reconhecimento de tratar-se de um material que disponibiliza informações, que traz questões/reflexões novas ou que propicia revisitar reflexões/conceitos/conhecimentos. Ainda, impulsiona o professor a buscar mais, ter que ir atrás de informações para falar com mais segurança com as famílias. Mas, isso, por sua vez, também pode ser um limitador, visto que pode ser um obstáculo para os professores que não consigam buscar e não se sintam seguros para conversar. Ainda, o material possibilita estender um assunto que algumas vezes já trabalhamos com as crianças, mas que pode ser ampliado para as famílias também. Por fim, a potencialidade do material, em despertar nossos incômodos.

A seguir, os professores foram convidados a contar sobre como ocorreu o momento da aplicação e quatro deles utilizaram o espaço da reunião do 3º bimestre para realizar a aplicação. Sendo assim, aconteceram de forma presencial. Quanto a quantidade de representantes das famílias presentes, foram entre 13 a 30 pessoas presentes em cada aplicação e um total de aproximadamente 60 pessoas no total, pois, uma das participantes não

respondeu essa questão no formulário. A seguir, trago alguns trechos para entendermos melhor como se deram esses momentos:

Imagem 3 – Contando a experiência Professora 1

Conte um pouco de como foi a experiência com a utilização do vídeo escolhido.

5 respostas

Iniciei a proposta falando um pouco sobre o que é antirracista. Em seguida, os responsáveis assistiram ao vídeo e seguimos a discussão inicialmente falando sobre qual visão ou imagens da África a que foram apresentados ao longo sensual vida. Alguns pais preferiram escrever antes de falar. No início da conversa, todos apontaram para o fato de que a imagem que tinham do continente africano era a de pobreza, fome, estado de calamidade. 100% relataram não saber que a África é um continente e ficaram surpresos com as imagens apresentadas no vídeo. Um dos responsáveis apontou para o fato da importante que o vídeo em questão fosse narrado para que as informações fossem melhor assimiladas (repetindo vídeo a pedido desse responsável). Nesse contexto, acrescento o fato de que temos alguns responsáveis que não sabem ler, logo, a narração seria inclusiva e necessária.

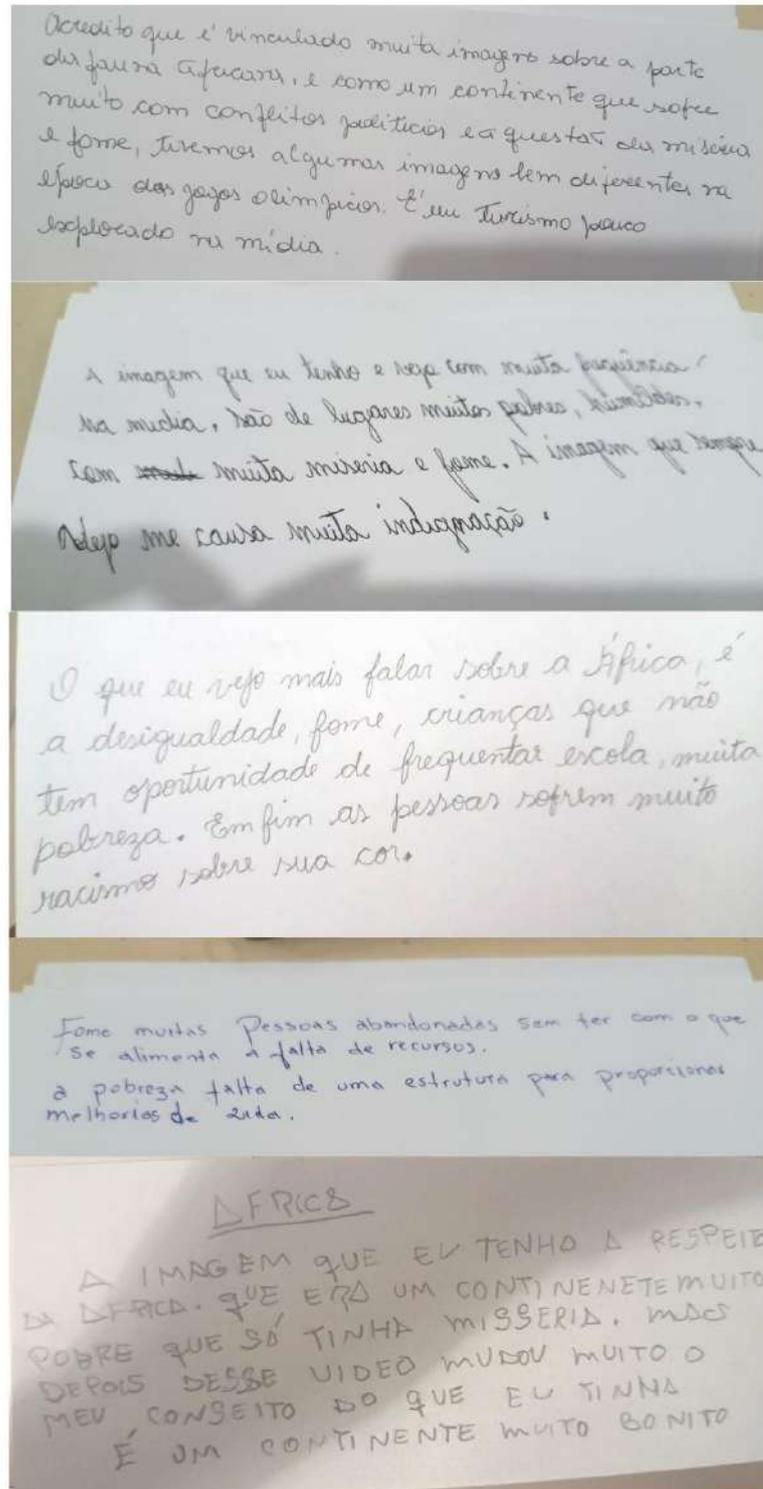
Fonte: Autora, 2023

Esse trecho, trouxe muitos pontos para refletirmos. Inicialmente, a professora relatando que começou falando sobre antirracismo, nos faz pressupor que ela conhece o termo e quem sabe, domine o conceito e/ou o assunto. Será que já realiza um trabalho com foco no antirracismo? Outro ponto que me chamou atenção, foi o fato de ela se referir aos responsáveis ou as famílias com a palavra “pais”. Isso me salta aos olhos, pois, após uma década de docência posso afirmar que, a maioria das vezes, quem comparece as reuniões em sua maioria são figuras femininas, geralmente as mulheres são a maior representação de presença nas reuniões escolares. E, porque será, que inconscientemente continuamos usando “pais”? Lembro-me que até pouco tempo utilizava-se o termo de maneira acrítica. Ainda, a professora traz a presença do estereótipo de pobreza relacionado a África e destaca a surpresa das famílias em se deparar com as imagens. Assim como, relata que todos os presentes assumiram não saber que a África é um continente. Ainda, trago uma fala da professora 1, relatando sobre o momento da aplicação. Segue:

Foi perguntado qual a visão que os pais tinham da África. Seja pelo ensino escolar ou pela mídia. Alguns perguntaram se podiam escrever primeiro. Essas são as partes escritas. Mas em geral, os que se dispuseram a falar apresentaram essa mesma visão sobre o continente africano: miséria, fome, desigualdade social. A maioria não sabia que a África é um continente e, atribuem a mídia essa imagem construída. (Professora 1, 2023)

Segue algum dos registros citados e disponibilizados pela professora e feitos pelas famílias:

Imagem 4 – Registros famílias



Como pudemos observar, os responsáveis que optaram por escrever, relatam que o imaginário que possuem do continente Africano e, que é divulgado nas mídias, estão sempre associados a desigualdade, pobreza e fome. Interessante perceber, que os relatos se aproximam tanto, mesmo tendo sido escrito por diferentes pessoas. Ainda, destaco no último relato o trecho “Mas depois desse vídeo mudou muito o meu conceito do que eu tinha. É um continente muito bonito”, pois, é interessante como um vídeo tão curto conseguiu fazer uma pessoa dizer que mudou seu conceito. Percebo que os vídeos terão diferentes impactos nas pessoas, assim como, me faz refletir sobre a potência do produto.

Trago a seguir a resposta da Professora 3:

Imagem 5 - Contando a experiência professora 3

Conte um pouco de como foi a experiência com a utilização do vídeo escolhido. |

5 respostas

Eu fiquei um pouco apreensiva sem saber como eles reagiriam a esse tema. Mas ocorreu bem. Minha turma tem 5 crianças retintas, então senti que essas famílias se sentiram valorizadas pela escolha do tema, e o restante dos responsáveis pareceram bem abertos, terem gostado e entendido a importância da escolha desse tema. Surgiram várias falas e situações que já viveram, presenciaram acontecendo o racismo. Surgiram questionamentos, conhecimentos trocados e boa escuta.

Fonte: Autora, 2023

A professora relata ter ficado apreensiva com a reação das famílias. Sendo assim, podemos pensar que possivelmente pode se tratar de uma primeira tentativa de conversa sobre racismo com as famílias. Ou ainda, que pode haver alguma resistência das famílias ao tratar de racismo e, talvez por isso, o receio de embates diretos/discussões. Após, relata que “ocorreu tudo bem” e sentiu que as famílias de crianças pretas se sentiram valorizadas e as outras demonstraram gostar do momento. Relata ainda, que houve muita participação e trocas. Por isso, apresento as cinco falas que a professora julgou importante registrar e compartilhar. São elas:

Imagem 6 - Falas das famílias professora 3

Fala adulto 1: Achei o vídeo bom, temos que ensinar desde dentro de casa. Sou negro e nunca tinha pensado sobre o lápis e usava esse termo lápis cor de pele, não vou usar mais!

Adulto 2: Sim precisamos de igualdade, meu marido é o único negro da família e acho que o racismo está diminuindo. Porque somos todos iguais, e acredito que a evangelização ajudou nisso. Professora incluiu na fala da responsável: Sim, todas as religiões de diferentes crenças podem acabar ajudando porque a base é o amor e respeito.

Adulto 3: Ví um filme bizarro sobre a escravidão, tudo que passaram, era muito pesado, não consegui nem assistir até o final.

Adulto 4: Hoje vindo para a reunião vi caso de racismo de duas pessoas, os carros quase bateram e o primeiro gritou branco azedo e o segundo respondeu seu macaco! Então pode acontecer de branco e negro né?! O racismo reverso?

A professora respondeu: Que não existe racismo reverso. Racismo é direcionado à pessoas retintas, porque os brancos não foram escravizados, não continuam sofrendo como os negros até hoje sofrem o reflexo disso.

Uma responsável complementou: O nome disso é implicância, preconceito, mas com branco não é racismo.

Adulto 5: Já vi um caso de discriminação na antiga escola, onde os pais diziam para os filhos não brincarem e não chegarem perto de uma aluna com piolho. Ela era amiga da minha filha, levei o caso p escola fazer reunião com os pais porque eles estavam ensinando os filhos a serem preconceituosos.

Fonte: Autora, 2023

A professora compartilhou conosco esses trechos de falas pois, provavelmente, foram as mais relevantes e que se destacaram. Sendo assim, merecem nossa atenção. Pois bem, nos trechos trazidos, notamos variedade de assuntos e comentários. Na fala 1, pelo uso dos artigos, percebemos tratar-se de uma figura masculina, que afirma que após o visionamento, não irá mais usar o termo “lápis cor de pele”. E, assim como o vídeo anterior, também, destaco o relato de entendimento e provavelmente mudança, quase que imediata, após o visionamento. Na fala seguinte, uma figura feminina relata achar que o racismo está diminuindo e acredita que a evangelização foi o que ajudou. Aparentemente, se tratando de uma pessoa frequentadora de uma determinada religião cristã. Entretanto, a professora fez questão de completar citando que “todas as religiões de diferentes crenças podem acabar ajudando porque a base é o amor e o respeito”. Me pergunto motivo de tal interferência e ao me colocar no lugar, percebo que esta fala me traria um incômodo e, talvez, eu também fizesse uma interferência, talvez não da mesma maneira. Mas, aparentemente, essa fala traz embutida a defesa da ideia de que tal religião é a uma das principais “ajudas” no combate ao racismo. E,

indiretamente, acaba ignorando toda uma luta sócio-histórica e política do movimento negro. Sobrepõe a influência de determinada religião à toda uma luta e aproveita o espaço para exaltar ou valorizar determinada religião. E, talvez, por isso, a professora sentiu a necessidade de citar “outras religiões”, aparentemente, demonstrando incômodo com discursos que fortaleçam o racismo religioso que muitas religiões de matriz africana sofrem. Isto é, penso que assim como em mim, essa fala pode ter causado algum tipo de incômodo à professora, pois, caso contrário, ela não teria sentido necessidade de interferir ou completar a fala e muito menos em registrar e trazendo para compartilhamento.

Ainda, na fala 3, uma pessoa relata ter assistido um filme sobre escravidão e, que segundo ela, “era muito pesado”. Me questiono em que momento e quais trocas aconteceram, para que a pessoa pudesse fazer a relação entre o “lápiz com de pele” e a perversidade do racismo. Neste exato momento, percebo o quão ricas podem ter sido essas trocas. E me questiono, o quanto a gravação do áudio dessas conversas, poderiam render reflexões valiosas. Por um momento, pensei que o formulário pôde ter limitado as informações, porém, foi o possível, dentro dos limites e prazos dessa dissertação. De toda forma, percebo o quanto esse produto pode chegar a tantos outros assuntos/temas. A fala do adulto 4, também, exemplifica isso pois, eles apresentam uma troca que contribui para refletir sobre “racismo reverso” e novamente notamos a interferência da professora. Que prontamente diz que racismo reverso não existe. Em seguida uma outra pessoa completa, e traz com outras palavras, que o que chamam de racismo reverso pode ser chamado de “implicância ou preconceito”, mas que racismo só é possível com pessoas negras. É interessante perceber as várias possibilidades que esses espaços de trocas podem ter e o quanto a construção coletiva é importante. Já a última fala, traz o relato de uma pessoa que identificou e presenciou um caso de discriminação na escola de sua filha e optou por não se calar, se posicionou e cobrou da escola que tomasse alguma providência junto às famílias. Esse relato me deixa esperançosa pois, demonstra, um pouco, como as famílias podem servir como potência antirracista na/com a escola. Afinal, já passou da hora de nos silenciarmos diante de situações como essa.

Trago também, as respostas das professoras 2 e 4. Estas, trouxeram respostas mais curtas, porém, necessárias para tecermos ainda mais reflexões. Trago a seguir na respectiva ordem:

Imagem 7 – Respostas das professoras 2 e 4

Através de cada vídeo percebemos a importância de conhecer cada vez mais sobre o conteúdo dos temas apresentados e principalmente passar adiante para que a nossa história também tenha visibilidade.

Foi gratificante observar a expressão dos responsáveis, e perceber que muitos têm vergonha em falar sobre o assunto. A partir do tema, surgiram várias discussões que dariam outros encontros e quem sabe eles se abririam mais para falar.

Fonte: Autora, 2023

Nestes relatos, a professora 2 conta que os vídeos trouxeram a percepção da importância de conhecer, acredito que no sentido de buscar, estudar, procurar. Com o intuito de “passar a diante” e para que a “nossa história também tenha visibilidade”, quando usa o “nossa”, inconscientemente se incluindo ou se considera parte da população negra que não tem sua história contada/mostrada e/ou valorizada. E a professora 4, relata ter gostado das expressões das pessoas, usando a palavra “gratificante”, porém, apesar de dizer que surgiram discussões que “dariam outros encontros”, contraditoriamente relata que eles aparentaram “vergonha em falar”, acreditando que em outros encontros possam falar mais. Percebe-se que ela esperava maior participação, porém, ficou satisfeita com as trocas construídas. E aparentemente, demonstra querer que haja outros encontros. Assim como, nos faz pensar que essa pode ter sido uma primeira conversa/aproximação com as famílias sobre o racismo.

Por fim, trago a resposta da professora 5, esta relatou não ter conseguido realizar a aplicação presencialmente. Entretanto, não deixou de realizar. A seguir relata como se deu a sua experiência:

Imagem 8 - Aplicação remota professora 5

Enviei para as mães e pedi que mandassem um áudio dizendo o que achou. Do grupo 4 deram o retorno dizendo que sempre tiveram dificuldade de responder essa pergunta da autodeclaração por achar desnecessários a informação, pq não muda em nada. (duas negras retintas e 2 brancas) Quando questionei sobre a importância das crianças saberem identificar sua raça, elas falaram que isso é coisa moderna, que agora que a escola fala sobre negros e que valoriza com histórias e músicas. Que as crianças chegam em casa contando. Uma outra negra (pele clara) disse que na casa esse empoderamento negro é rotina. Que não deixa de empoderar a filha com o cabelo, roupas e brinquedos de referência afro.

Fonte: Autora, 2023

A professora 5, relata que enviou o vídeo “Autodeclaração: O que eu sou?” no grupo de *WhatsApp* que possui com as famílias e obteve 4 retornos. Afirma que todas disseram possuir dificuldade em responder sobre autodeclaração por acharem que não muda nada. (Não entendi se pensavam assim antes ou se continuam pensando, apesar do visionamento. Entretanto, é relevante destacar, que no caso de pesquisas como as do IBGE é importante responderem, por se tratar de pesquisas que visam mapear a população e pensar/criar políticas públicas de combate à desigualdade. Ela relata ter questionado sobre a importância de as crianças saberem se identificar e recebeu de retorno comentários dizendo sobre ser uma questão atual, que atualmente a escola tem falado sobre negros, valorizando histórias e músicas. E que “as crianças chegam em casa contando”. Aparentemente, a escola que fazem parte, tem um trabalho de valorização da população negra. E que bom, é realmente importante, que esses relatos sejam cada vez mais presentes. E finaliza relatando que uma das representantes das famílias disse que “em casa esse empoderamento é rotina”.

Dando continuidade, a pergunta seguinte, pedia que contassem algum comentário ou situação após o visionamento, que gostariam de relatar ou destacar. Segue:

Imagem 9 -Relatos pós visionamento

Cite algum comentário ou situação que surgiu após o visionamento, que te chamou atenção ou que você acha importante contar.

5 respostas

Os responsáveis ressaltar em a importância de uma revisão no currículo. O que é passado na escola e na mídia ainda tende a reforçar a ideia de um continente onde só existe pobreza, sem cultura, fome e lugares perigosos.

A surpresa em conhecer lugares que são lindos e serem situados no continente africano, pois realmente o que nos passam desde cedo sobre África de um modo geral é sendo um lugar de miséria, fome e dor.

- Minha filha sofreu na antiga escola, porque uma coleguinha disse que ela não podia ser princesa porque é negra.

Eu te falei, da mãe da minha aluna, que me chamou separado de todos e me contou que a menina não gosta da cor dela , que queria ser da cor do pai que é mais claro.

Após os áudios enviados, uma mãe me parou na entrada e disse que achava importante todos da escola assistirem o vídeo, sugerindo passar nos grupos das mães.. Mas expeeliquei que ainda era piloto. Que assim que fosse permitido iria enviar.Achei legal ela me procurar para sugerir .

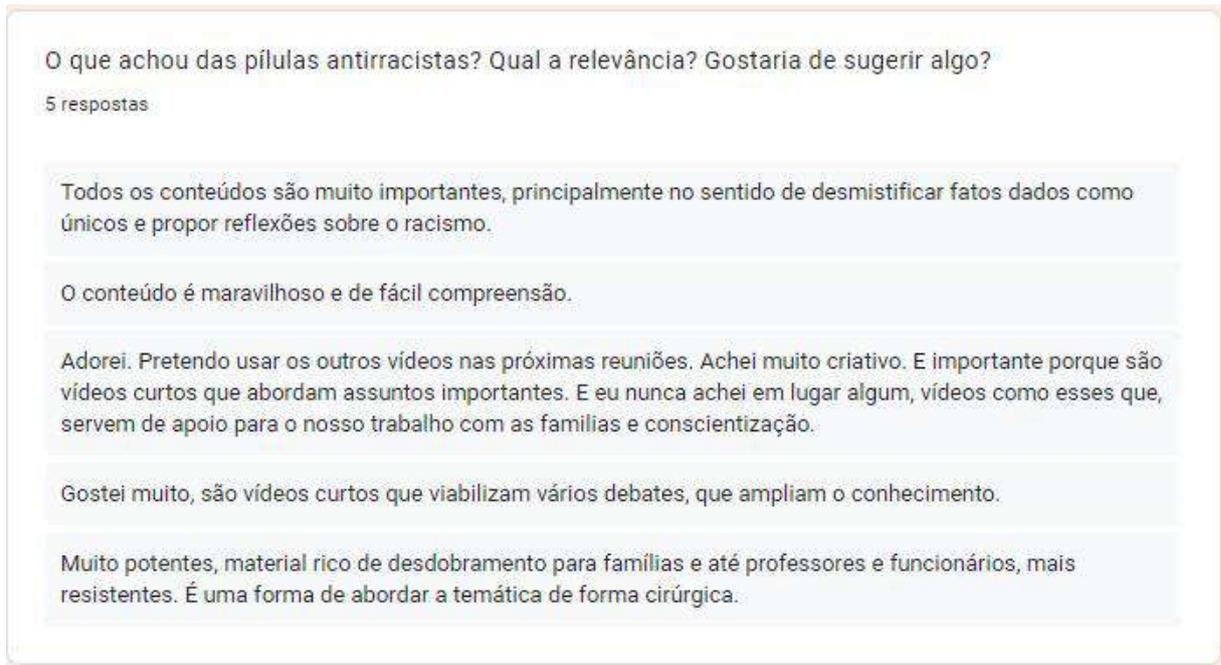
Fonte: Autora, 2023

Neste item, as respostas foram curtas, porém, trouxeram resumidamente o que se destacou no grupo em que aplicaram e destacaram reflexões importantes. Citaram a importância de revisão dos currículos escolares, pois, o que ainda hoje nos é passado, são generalizações e estereótipos negativos sobre a África. Um relato de racismo que uma criança sofreu por outra criança, dizendo que não podia ser negra. Acho interessante percebermos, que quando criamos um espaço para tratar de racismo ou de combate a ele, as dores sempre aparecem. As pessoas geralmente se sentem à vontade para contar situações e ocorridos. É quase como se criasse um espaço seguro ou confiável. Onde se pode contar e receber de fato escuta, acolhimento e não julgamento. Perceber a possibilidade de um espaço como esse dentro de uma escola sem dúvida, é bastante valioso. Tem ainda, o relato de uma mãe que procurou a professora a sós e contou que sua filha não gosta da sua cor, que já expressou que queria ser mais clara. Pensemos sobre o fato de ao longo do ano, essa mãe não ter encontrado uma brecha para essa conversa com a professora. E esse momento, colaborou para que isso acontecesse. A professora me relatou por áudio no *Whatsapp*, que ela ficou surpresa e tocada, pois, não percebeu antes. E, por fim, mais um relato de outra mãe que procurou outra professora e disse que achava importante que todos da escola assistissem o vídeo. Ela relata

ter gostado do fato de a mãe ter a procurado para sugerir. Aparentemente, a aplicação colaborou com uma abertura, uma aproximação, com o diálogo com essa mãe.

Em seguida, foi lhes perguntado diretamente o que acharam das “Pílulas Antirracistas”, sobre a relevância e um espaço para sugestões. Segue as respostas:

Imagem 10 - Opinião, relevância e sugestão

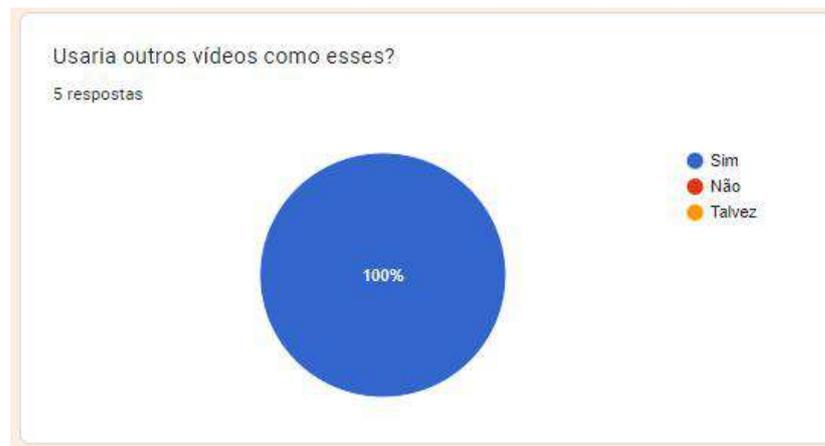


Fonte: Autora, 2023

Elas elogiaram o produto educacional, destacaram a relevância dos conteúdos para desconstruir ideias únicas, propor reflexões e debates sobre o racismo e a possibilidade de desdobramentos. Citaram a fácil compreensão e o fato de ser vídeos curtos, positivamente. Por fim, destaco o trecho em que uma das professoras diz que “servem de apoio para o nosso trabalho com as famílias” pois, de fato o produto foi pensado com esse objetivo. Porém, destaco, também, o trecho que a professora 5 traz, dizendo que é um material rico de desdobramento “até para professores e funcionários mais resistentes”, indicando que há funcionários que apresentam resistência quanto a problemática do racismo, mas também, atribuindo uma outra possibilidade de uso do produto. Que apesar de inicialmente ter sido pensado para as famílias, também pode ser utilizado em formações de professores e profissionais da escola.

O penúltimo item do formulário, tratava-se de perguntar se elas utilizariam outros vídeos como o que aplicaram e com unanimidade, todas responderam que sim, como podemos ver na imagem a seguir:

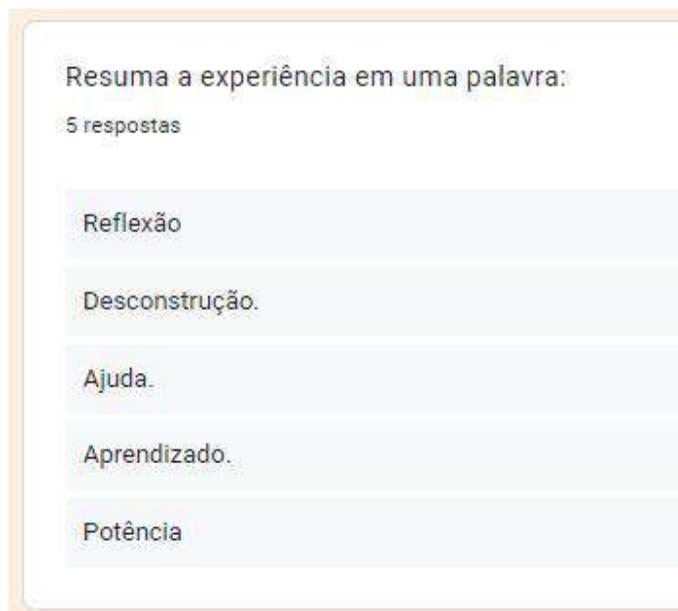
Imagem 11 – Uso de outros vídeos



Fonte: Autora,2023

Para finalizar o formulário, foi pedido que citassem uma palavra para resumir a experiência com o produto educacional. E as seguintes palavras surgiram:

Imagem 12- Resumindo em uma palavra



Fonte: Autora, 2023

Como eterna aprendiz que sou e, tomada por um sentimento de gratidão pelos retornos tão valiosos, sinto uma necessidade de querer retribuir a essas respostas. Percebo nesse momento, que não sei o que fazer com essas palavras. Mas, sei que preciso parar e pensar sobre cada uma delas. Me proponho a esse exercício, sem saber muito bem para onde ir. Mas acredito que elas precisavam de um retorno também. Pois bem, inicio por pensar sobre a palavra “Reflexão”, poderia ser refletir sobre a ação? E “Desconstrução”, poderia ser desconstruir a ação? Então, como uma boa amante em buscar significados de palavras, resolvo ir em busca dos seus significados em um dicionário online¹³. Sendo assim:

- Reflexão: Ação ou efeito de refletir, de se desviar da direção original. Meditação, pensamento ou análise detalhada sobre um assunto, sobre si próprio, sobre algum problema ou sentimento.
- Desconstrução: Ação de desconstruir, de desfazer a construção de alguma coisa.
- Ajuda: Ação de auxiliar, de socorrer; assistência ou favor que se presta a alguém; obséquio.
- Aprendizado: ato, processo ou efeito de aprender; aprendizagem. Ou experiência inicial do que se aprendeu; prática, experiência, aprendizagem.
- Potência: característica do que é potente; poder. Capacidade de mover (algo); força.

Após buscar esses significados, sou tomada por um sentimento muito bom, um sentimento de “acho que consegui”, depois de toda essa jornada, ver que as professoras que aplicaram o produto, o relacionaram com palavras tão importantes e com significados e sentidos tão fortes. E compreendo que “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2002, p.95) e que “são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos” (p.41). Me faz acreditar e querer afirmar que construí um produto educacional relevante. Pelo menos para a realidade delas, como demonstram com seus retornos. Espero que conversem e sejam relevantes para outras realidades também. Sinto-me muito honrada pois, se meu produto educacional pôde, segundo as professoras participantes, proporcionar tudo isso, sinto que ele foi além do que eu esperava. E se ele puder de fato, despertar uma pequena faísca de algumas dessas palavras, já valeu muito a pena. Sinto-me orgulhosa de mim mesma e não poderia deixar de registrar isso. E por fim, anseio

¹³ Dicionário online utilizado foi <https://www.dicio.com.br>. Acesso em dezembro de 2023.

que as Pílulas Antirracistas sejam compartilhadas, replicadas e alcancem muitas outras pessoas e realidades.

3.4 Retornos das sujeitas da pesquisa

Antes de findar com este escrito, julgo importante trazer o que as sujeitas que contribuíram com a construção do produto, a partir das conversas das entrevistas, têm a dizer sobre o produto educacional. Pois, acredito que suas opiniões são muito valiosas. Sendo assim, conforme os vídeos foram sendo construídos, elas foram recebendo aos poucos pelo *WhatsApp*. Foi pedido que fizessem um breve comentário, dizendo o que acharam de cada vídeo. Esses retornos demonstram o impacto que a vivência dessa experiência e o contato com o produto educacional teve em seus discursos. Assim, gostaria de compartilhar com vocês, e com todos que tiverem acesso a esse texto. A seguir, seus comentários:

VÍDEO 1: LÁPIS COR DE PELE?
<p>YOHANA: O vídeo tá lindo, eu amei, todas as cores importam e não existe cor principal </p>
<p>PÉROLA: Que lindo  que necessário. Muito libertador. Queria tanto que todas as pessoas entendessem isso... Às vezes me adocece ter que explicar que não é uma bobeira que não é "mimimi". Tem gente difícil demais </p>
<p>KIARA: Professora eu gostei do vídeo. Antigamente quando eu era criança na escola, a gente conhecia essa cor como cor bege. Meu esposo que é quase do mesmo ano que eu, conhecia também como cor de pele, e ele achava estranho porque a cor da pele dele é marrom, mas ele não falava nada porque era uma criança tímida. E é algo tão fomentado que as professoras de antigamente (e algumas de hoje) não refutavam e acabavam repassando essa ideia para as crianças de forma natural. Graças a Deus hoje as informações são bastante divulgadas e o racismo está sendo combatido à larga escala e, eu creio que daqui a alguns anos, essa geração de crianças serão adultos que respeitam a diversidade e que irão procurar reparar o mal da escravidão. O bonito do Brasil é essa variabilidade, Brasil não tem uma cara, não tem uma cor, é um mundo todo num só lugar. Obrigada por compartilhar conosco essa riqueza professora. </p>
<p>JASMINE: Sobre esse vídeo eu mostrei e perguntei as minhas filhas qual era a cor elas falaram rosa claro e na minha fase eu responderia cor de pele. Isso só mostra que a Educação e conversação vem surtindo efeito nas próximas Gerações.</p>
<p>DORCAS: Sobre o vídeo das cores. Eu já tinha visto um vídeo assim, sendo que passa assim desapercibido. Já até tinha escutado algumas crianças comentando sobre a cor bege ser cor de pele.</p>

Porém, a gente deixa passar né? Não percebe por que quando se trata assim, de outras cores, marrom, a gente também não liga, a criança não fala que é cor de pele. A gente realmente acaba deixando passar despercebido, mas agora eu vou ficar mais assim... Agora que a gente percebeu, né? Realmente tem que dar uma mudada nessa questão, dessa fala sobre o bege ser cor de pele e outras não serem. Já que a gente tem uma diversidade de tons de pele, ainda mais aqui no nosso país.

EMANUELE: O seu valor informacional é rico a medida que traz à tona a questão a respeito do que é a "cor de pele". Apresenta o quanto que o nome dado para um simples lápis remete a uma raiz histórica racista que permeia até os dias de hoje.

VÍDEO 2: AUTODECLARAÇÃO

KIARA: Achei muito importante falar sobre a autodeclaração. Acho que além da autodeclaração, os adultos e crianças precisam saber também da sua história e de seus antepassados para entender quem são e de onde vieram, o que fizeram sua antecedência, aonde chegaram e o que podem fazer para mudar o que precisa mudar. Descobri nesse vídeo que negro é a soma de pardos e pretos, e acho que os livros de história deveriam falar sobre essa junção e sobre os feitos da população preta e negra. Eles sim, são heróis dessa terra Brasil.

PÉROLA: Eu vi o vídeo e gostei muito. Eu tenho 39 anos e só fui saber essa diferença e como classificar minha cor há muito pouco tempo. Acho fundamental as crianças terem noção disso desde cedo.

EMANUELE: Esse vídeo deixa claro a importância de nos conhecermos e conhecermos nossas origens enquanto pessoas na sociedade. Por muitas vezes as distinções étnicas criadas acabam afastando as massas pretas e pardas por nenhuma das duas se identificarem como se, mas quando criamos o entendimento de que negro são a união dessas duas massas, fica mais fácil de valorizarmos nossas origens.

JASMINE: Acho super importante e vejo que já tem sortido muito efeito no meu dia a dia tenho uma filha de cabelo blackinho e ver em uma atividade da escola o que ela mais gosta nela e ela escrever o Cabelo fiquei muito feliz em saber que ela se aceita e se ama do jeitinho que ela é.

DORCAS: Sobre o vídeo da autodeclaração. Eu me declaro parda e afro-brasileira, pois não tenho a pele totalmente branca e tenho características afro.

YOHANA: Quebrar o ciclo ensinando sobre a diversidade não só de cor/raça, mas tbm a diversidade religiosa e cultural ... a cor da nossa pele não diz o tamanho do respeito que merecemos e nem posição social onde queremos ocupar... por dentro somos da mesma cor.

VÍDEO 3: QUE ÁFRICA VOCÊ CONHECE?

PÉROLA: Vídeos lindos, simples e enriquecedores. Conteúdo importantíssimo. Tá lindo demais. Que bom compartilhar da mesma opinião de pessoas como vc.

KIARA: Professora, esse vídeo me surpreendeu, porque eu era completamente leiga em relação de como era a África. Eu sabia que a África não era aquilo que mostram na TV, onde só tem miséria, fome e terra arrasada, mas não que tinha países com paisagens tão lindas e paradisíacas. Inclusive eu falava pro meu esposo que a Europa deveria ajudar a África devido o grande mal que causaram séculos passados. Mas, tenho certeza que qualquer pessoa que ver esse vídeo vai se surpreender com a maravilha que é a África, só mostram países Europeus e a África com tanta coisa maravilhosa

YOHANA: Que vídeo maravilhoso! Eu não sabia quanto a África é linda. Deu até vontade de visitar. Muito diferente do que passava na minha cabeça. Muito diferente do que todos idealizam. Fico feliz por poder aprender mais a cada dia. A gente vive e não sabe de tudo, somos meros aprendizes dessa escola chamada vida.

DORCAS: Sobre o vídeo da África, dos pontos turísticos, realmente para mim foi novidade porque a gente realmente fica vendo na mídia que lá é tudo muito pobre, muita miséria e tudo mais. E realmente a gente fica com isso gravado mesmo na mente. Então realmente seria uma questão de rever o que a gente está assistindo tanto na televisão quanto na própria internet a respeito da divulgação, né? Por que quando se trata de outros países sempre mostram coisas boas, né?! Mostram turismo, economia, mostra tudo que há de melhor no outro país, a gente no caso teria que rever porque que com a África tem essa mudança, de mostrar só coisas ruins. Assim como nosso país também, eu assisti alguns vídeos de algumas pessoas comentando e saindo daqui foram morar em outro lugar. Quando chegam lá elas falam coisas assim horrorosas do Brasil dizendo que aqui é um lugar que elas acreditam que se você sair no meio da rua, as pessoas roubam até sua roupa. E na real não é bem assim, né? Então seria realmente uma questão de rever porque a mídia alimenta essa questão de só mostrar o lado pobre. Qual o benefício que está por trás disso? Se questionar se tudo que a gente tá recebendo em questão de informações se elas realmente são aquilo e

quem é que vai propagar o que é a verdade ou o que não é. É uma coisa meio difícil. Confesso para você que para mim foi novidade mesmo, eu não imaginava que nesses lugares havia ambientes assim turísticos neste nível nunca vi, é a primeira vez.

EMANUELE: O vídeo ficou bem legal, tanto no sentido técnico com suas animações quanto no sentido informacional. Traz à tona a questão do pensamento preconceituoso que temos a respeito do continente Africano e a importância de mostrar como realmente a África é, pois é de lá que vem nossas raízes.

JASMINE: Ficou ótimo, ficou ótimo. Porque a gente realmente tem a visão da África com a pobreza e tal. A gente não imagina que tem tantas coisas assim lindas. Quantas riquezas, o natural dela. É, ficou muito lindo, gostei muito.

VÍDEO 4: VAMOS REFLETIR SOBRE ESTEREÓTIPOS?

PÉROLA: Quando a gente entende isso, a chave vira! A gente toma posse do nosso devido e merecido lugar ... O sistema faz com que a gente se odeie, não se ache capaz. Mudar essa "verdade" da cabecinha das crianças é até emocionante de tão lindo.

KIARA: A própria sociedade fez a vítima e a estereotipa, pois negam até hoje as boas oportunidades e não reparam o mal que fez a população negra. Se pensarmos bem, essa população deveria estar nas melhores posições sociais porque eles deram suas vidas por uma pátria que não era deles. A verdade é que os próprios negros em sua maioria desconhecem suas histórias e suas origens, não sabem como foram importantes para que o Brasil tivesse sua grandeza e que serviram de escada para brancos opressores que até hoje são lembrados como heróis pelas maldades que fizeram com o povo negro. Hoje, a população negra é estereotipada como pessoas incultas, ralé e que só podem ocupar posições onde são mandados pelos brancos e, isso é observado quando alguém entra num ambiente onde a maioria é branca e quando vê um negro, pensa que é jogador de futebol ou cantor de pagode, como se só assim dessa forma poderia mudar sua realidade de vida. O negro também tem que mudar sua forma de pensar e saber que seu lugar é onde ele quer estar. Saber que ele é inteligente e pode ir além do que vê, porque parece que na cabeça da maioria deles, só o branco pode, só o branco é, só o branco está. Se os negros não lutarem pra sair do lugar de inferioridade, não irá acabar esse estereótipo onde o racismo está velado e sendo aceito até pelos próprios negros que não percebem o mal que os cerca.

EMANUELE: Assim como no primeiro vídeo, ele traz à tona a questão do preconceito, mas

dessa vez em relação a profissões, sonhos e expectativas. Geralmente aquilo que é considerado belo é associado ao branco, então o que é considerado ruim e feio ao negro. O vídeo mostra a importância de criar a consciência de que negros também podem, devem e são parte do que é bom e belo.

DORCAS: Sobre o vídeo dos estereótipos. A imagem que temos sobre determinados personagens têm a ver com a colonização europeia. Se fossemos colonizados por outro povo a visão seria diferente. Quanto a questão da representatividade. Todos nós sabemos que as nossas ações nos representam, porém o que aprendemos é, que devemos seguir o líder. Essa configuração também é europeia, é como se houvesse em todo o tempo um povo clamando por um "salvador". Dessa forma o coletivo nunca entra em uma unidade, nunca é ouvido de fato. Nas questões trabalhistas também sabemos que não é somente as suas habilidades que são exigidas, mas o seu visual precisa se encaixar.

YOHANA Acredita que não sabia o que era estereótipo, eu pensava outra coisa quando alguém falava em estereótipo. Vamos lá, acho que precisamos (escola /família) todos os dias desconstruir todos os dias esse racismo que vem de décadas colocados em nossa cabeça e nem percebemos, parece natural, nem percebemos que até em pensamentos podemos ser preconceituosos. Nosso trabalho (família/escola) agora é quebrar esse ciclo, não deixar que isso passe para nossos pequenos.

JASMINE: O pior é que existe mesmo. A mente nos induz a esses estereótipos, mas com a educação e conscientização conseguimos mudar isso

E para fechar, perguntei-as “Como foi a experiência de ter feito parte da construção desse produto educacional? O que você sente/ pensa sobre isso?” Trago as respostas, abaixo:

PÉROLA: É lindo ver uma professora tão dedicada e empenhada nessas pautas. Fico feliz se pude ter contribuído um pouquinho para os vídeos. Foi uma experiência muito legal e importante para mim. Que esses vídeos possam alcançar muitas famílias, que sirvam de reflexão e mudanças p todos principalmente para a educação antirracista de nossas crianças.

KIARA: Eu estou me sentindo útil e ao mesmo tempo grata por fazer parte dessa construção. Os vídeos que eu vi foram de muito aprendizado, me esclareceram, ampliaram meus conhecimentos e reafirmaram algumas coisas que eu já imaginava.

EMANUELLE: Eu adorei a experiência! Me sinto privilegiada e valorizada enquanto

pessoa preta! ♥ Muito agradecida e orgulhosa pelo seu trabalho!

DORCAS: A experiência da entrevista foi excelente pensar e refletir sobre ideias, comportamentos e informações que nos são passadas. Uma sociedade se desenvolve com conhecimento e a busca prática. Que todos envolvidos neste trabalho estejam plantando as suas sementes. Sobre o que penso... Essas reflexões deveriam ser como doses diárias. A mídia deveria presar pela sociedade revelando que pessoas de fato são importantes. Não apenas em datas específicas. Deveria haver debates nas instituições de ensino. Onde os alunos tivessem a liberdade de explicar sua visão sobre os temas, e não apenas sendo um ouvinte de mais informações.

JASMINE: Vendo os vídeos nós conseguimos perceber, o quanto preconceituosos somos no dia a dia, mas nos conscientiza que temos que melhorar e devemos conversar.

YOHANA: Sinto que cada vez mais estamos evoluindo, eu sei que existe pessoas ruins, mas graças a Deus existe muitas pessoas boas e vamos colocar uns óculos da diversidade e respeito, assim tentando fazer um mundo melhor.

Finalizo, respondendo a elas. Pois bem, assim como para vocês, essa foi uma experiência especial e importante para mim também. Sinto-me lisonjeada e grata pelas palavras carinhosas, positivas e de incentivo. Também, me sinto muito valorizada e orgulhosa por essa construção. E espero que esses vídeos alcancem muitas pessoas e que colaborem com muitas reflexões, desconstruções e reconstruções. E que sirva para nos lembrar e nos atentar, em reproduzir menos racismos a cada dia, romper todo o dia um pouco com essa lógica perversa. Evoluindo cada dia mais. Enfim, é isto, sim, precisamos colocar os óculos da diversidade e do antirracismo. No mais, só tenho a agradecer pelas trocas e aprendizados construídos até aqui.

3.5 Potencialidades e limitações do produto educacional

Após assuntar os retornos das aplicações e das sujeitas da pesquisa, julgo importante refletir sobre as potencialidades e limites do produto educacional. Não somente com o intuito de avaliar, mas também, de pensar possibilidades e melhorias. Quanto as aplicações realizadas pelas educadoras, é possível perceber que o produto educacional poderá impactar positivamente o trabalho de docentes. Assim como, a relação dos professores e da escola com as famílias, ajudando e servindo como um pontapé inicial para o diálogo sobre racismo.

Acerca dos limites e desafios, podemos citar a necessidade de uma gestão democrática, que permita, incentive e entenda a importância do diálogo com as famílias, do combate ao racismo e do produto educacional em si. Também, poderá esbarrar na falta de aparatos tecnológicos como televisão, *Datashow* e *internet*. E ainda, na impossibilidade, falta de disponibilidade ou falta de interesse de docentes que não tenham experiência ou leituras em buscar/pesquisar e/ou se aprofundar nos assuntos para conversar com as famílias. Por fim, pode esbarrar ainda, em resistências de pessoas tomadas pela lógica da branquitude ou que não compreendam a importância de uma educação antirracista.

Acerca das potencialidades, podemos destacar que o produto apresenta demandas da escola, mas também, da sociedade no geral. Discursos presentes na sociedade, que já deveriam ter sido superados, mas ainda encontramos com frequência no cotidiano. Podendo também, contribuir positivamente para a disputa de narrativas, em prol do antirracismo e colaborando com o processo de letramento racial.

Este produto poderá ser usado tanto em reuniões ou formação com famílias, como também, em formação continuada de professores. Isto é, pode servir como material para professores iniciarem diálogo com as famílias ou com seus pares. Ainda, sobre a replicabilidade, a ideia é construir um canal no *Youtube* para que ele fique de fácil acesso para todos que desejarem utilizar ou compartilhar. Assim como, para qualquer pessoa que esteja pesquisando materiais para tratar e dialogar sobre os temas/assuntos específicos.

Também, podemos dizer que é inovador, pois, há poucos materiais, que sejam gratuitos e de fácil acesso, voltados para o diálogo entre famílias e escola acerca do racismo. Possui uma linguagem acessível e está em um formato de fácil veiculação e compartilhamento. A construção passou por diversas etapas, precisou de entrevista, análises, reflexões e definições, busca por imagens, criação do roteiro, construção do vídeo, aplicação, análises dos retornos da aplicação e possibilidade criação do Canal no *Youtube*, após a defesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU MELHOR, DO MEIO

Nós somos o começo, o meio e o começo. Nossas trajetórias nos movem, nossa ancestralidade nos guia.

NEGO BISPO

Contagiada pela sabedoria de Nego Bispo, quando traz a questão do tempo como um eterno ciclo de começo, meio, começo, e assim, por diante pensando num eterno recomeçar e em toda a nossa confluência. Isto é, nada se finda, tudo recomeça e tudo está interligado. Nessa lógica, e trazendo para pensar a estrutura do meu trabalho, proponho não pensar em considerações finais, mas sim em considerações do meio, ou seja, considerações que de nada tem de finais e sim, de infindáveis começos. Dessa maneira, não tenho a pretensão em trazer respostas prontas e acabadas, inquestionáveis e nem tampouco verdades absolutas. Muito menos esgotar o assunto e a discussão por aqui. A intenção é possibilitar novas perguntas, novas questões, novas reflexões, ou seja, novos inícios, novos (re)começos.

Partindo desse princípio, me acompanhem nesse caminhar para verem que tudo isso faz muito sentido. Então, minha introdução começou buscando o passado, a trajetória, isto é, o **início**, o que me faz ser eu, nesse exato momento aqui e agora, também me mudando e me transformando. Em seguida, começo a construir um **meio**, com os caminhos teórico-metodológicos, pelos quais eu percorri, pensei o processo, fazendo. Voltei para **início** quando vou buscar a história na escuta, nas vozes das mulheres, sujeitas da pesquisa. E retorno ao **meio** quando construo diálogos entre elas, minhas trajetórias e os conhecimentos teóricos. Depois, volto para o início novamente, para pensar o produto. E, novamente, retorno ao **meio** para construir. E, ao **início** de novo, com as aplicações e retornos. Finalmente retorno ao **meio** nas considerações que deveriam ser finais, mas que não são. Pois, são diversos os desdobramentos possíveis. Por isso, proponho para essa dissertação, um eterno começo, meio, começo(...).

Precisamos continuar nos apropriando e discutindo sobre os termos e conceitos. Pois, em uma sociedade que mesmo após 20 anos de lei 10.639/03, muitas escolas ainda não a efetivam. E, somente recentemente, as famílias e a sociedade estão começando a saber desse direito. Percebemos alguns avanços, porém, reforçamos o quanto ainda precisamos avançar. É importante explicar, pois, muitas são as demandas existentes na sociedade e nos espaços escolares. É notável, ainda, o pouco conhecimento que temos da nossa verdadeira História e

de África na escola, identificando a escola, também, como um espaço de reprodução de ideias racistas.

Percebemos que mesmo a passos curtos, já avançamos e continuaremos. Não é momento de baixarmos a guarda, é momento de luta para a manutenção dos avanços e conquistas. Há muito o que se fazer ainda, mas identificar a escola como um espaço para **ressignificação, transformação e luta** é imprescindível. Além, de compreendermos o papel da FamíliasEscola como potência antirracista, pois, “o que pensamos serem estas instituições determina o que fazemos e o que acontece dentro delas” (DALHERG, MOSS & PENCE, 2003, p.87).

A questão da valorização da oralidade, sem dúvida, estará presente na minha sala de aula, pois, hoje compreendo que precisamos fugir um pouco da lógica da escrita e valorizar as narrativas, já que “a tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de homem” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.190). E, se visamos um novo tipo de ser humano, essa questão deve ser primordial. Ainda, retomo as Escrevivências como algo imprescindível para o combate ao racismo epistemológico. Afinal, “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (EVARISTO, 2022).

Faço então, um convite, a todos que porventura cruzarem com esse texto, pois, somos formados por muitos. Levamos e continuaremos levando um pouco de cada um que passou por nossa vida, assim como, também, deixaremos um pouco de nós. Isto é, convido o leitor, a uma autoanálise e autorreflexão, pondo em questão suas ideias, concepções e opiniões, buscando um autoconhecimento e autovalorização.

Partindo dessa compreensão, preciso registrar minha experiência como professora - pesquisadora. Sem dúvida, esta foi uma experiência extremamente válida, não somente como docente, mas também, como ser humano que se aventura por esse mundo. Posso afirmar que este exercício me proporcionou organizar e compreender melhor minhas próprias ideias, concepções e práticas. Representando, assim, uma resposta às minhas próprias indagações. Possibilitou-me, ainda, sanar muitas dúvidas e ganhar outras. Compreendo que revisitar nós mesmos, desconstruir ideias e construir novas, deve ser um processo constante.

Um dos principais desdobramentos desta dissertação será a possibilidade de uma continuação. Inicialmente, será dado o retorno ao campo, as sujeitas que participaram, contribuíram e possibilitaram a construção dessa dissertação e do produto educacional. Outra

possibilidade será, a partir das aplicações, buscar quem sabe, resultados ou consequências dessas aplicações. Outro desdobramento possível são as novas vertentes surgidas a partir desta pesquisa. Outras temáticas surgiram no decorrer das entrevistas, mas que não puderam ser contempladas neste texto, devido à necessidade de atuar dentro dos limites desta pesquisa.

Em suma, esta pesquisa apresentou reflexões e diálogos entre os discursos surgidos nas entrevistas com as famílias, as minhas memórias e apontamentos despertados das minhas vivências e os conceitos e com saberes teóricos dos estudos étnico-raciais como base para construção de um produto educacional que favoreça/possibilite essa relação famílias/escola para uma educação antirracista. E, resultou, na construção e aplicação do produto educacional “Pílulas Antirracistas”.

Foram tratados aqui temas fundamentais acerca da Educação para as relações étnico-raciais, pois, para que se possa pensar a qualidade dela é preciso se apropriar de algumas discussões e conceitos. Assim como, compreendermos o racismo como uma construção social e histórica, uma construção perversa claro, mas apesar de tudo, superável. Para assim pensarmos as instituições de Educação como um espaço para assegurar, garantir e lutar pelos direitos dos pequenos e pequenas, tendo como eixos elementares a igualdade, o respeito, a representatividade, a escuta e o amor. E “No caso da educação escolar, o racismo e a desinformação são também obstáculos ao cumprimento da função social e cultural da escola” (GOMES, 2010, p.71).

Dessa forma, contribuiu com mais um espaço de reflexão acerca das demandas surgidas no cotidiano e que visam incentivar a superação de problemáticas e entraves existentes acerca do racismo. Assim como, sugere uma aproximação entre teoria e prática. Contudo, objetivando minar os vestígios de um paradigma de Educação e Escola excludente, individualista, autoritária, racista e de relações verticais. Afinal, certamente esse modelo precisa ser repensado e transformado. Afinal, segundo Paulo Freire (2001), “o Brasil foi “inventado” de cabeça para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”. E por que não nos termos das perspectivas e valores civilizatórios afrobrasileiros? Terminando com uma pergunta, pois, como o sábio Nego Bispo já dizia, “Aprender, pra mim, é uma pergunta permanente”.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução por Lucie Didio. Brasília: Plano, 2002. Série Pesquisa em Educação, v.3.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Anna Blume, 2002.
- BASTOS, Élide Rugai. A questão racial e a revolução burguesa. In: D'INCAO, Maria Angela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. (pp. 140-150). Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.
- BENTO, Cida. *Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/ Secretaria de Educação Básica*. – Brasília: MEC, SEB, 2004.
- _____. Ministério da Educação. *Lei nº 11.645*, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: Brasília, DF, p. 1, mar. 2008.
- _____. *Lei Federal 13.005*, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. Jun. 2014.
- CANDAU, Vera Maria, MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 5º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas*. Currículo sem fronteiras, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>> Acesso em Jun. de 2023.

CRUZ, Rosangela A. C. *Gênero e educação nas escrituras de Conceição Evaristo: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória*. Em: Anais do V Simpósio Internacional em Educação Sexual, 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3142.pdf>. Acesso em: 2023.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a.

ENGELS, A. *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984

EVARISTO, Conceição; HERMÍNIO, B. “*A escritura carrega a escrita da coletividade*”, afirma Conceição Evaristo. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). São Paulo, out. 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>.

FELISBERTO, Fernanda. *Escrivência como rota de escrita acadêmica*. In: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.p.(164-181).

FERNANDES, Florestan. *Racismo e cordialidade*. Folha de S. Paulo, 10 jul. 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez e IPF, 2003.

_____. *A importância do ato de ler*, 41 edição – São Paulo, Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. *Gestão democrática e qualidade do ensino*. 1º Fórum Nacional Desafio da Qualidade total no ensino público. Minascentro, Belo Horizonte, Minas Gerais, 1994.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias Escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* Revista Brasileira de Educação, UFMG, n. 21, p. 40-51, set/dez. 2002.

_____. *Cultura Negra e Educação*. Revista Brasileira de Educação. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, n. 23.

_____. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/ SECAD, 2005.p.39-62

_____. *A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03*. (p.67-89) In: *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* / Antonio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 5.ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. *Gestão escolar deve prezar pela educação democrática e antirracista*. Redação revista educação, 19 de novembro de 2023. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2023/11/19/educacao-democratica-e-antirracista/>. Acesso em: 22 Dez, 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Como trabalhar com "raça" em sociologia*. Educação & Pesquisa. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jun. 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. *Quem precisa de identidade?* In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

hooks, bell. Love as the practice of freedom. In: *Outlaw Culture. Resisting Representations*. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por Wanderson flor do nascimento. Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/bell-hooks-o-amor-como-a-pratica-da-liberdade/>. Acesso em junho de 2023.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In J. Ki-Zerbo (Org.) *História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África* (pp. 167-212). Brasília: UNESCO, 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MELO, Elayne Pinheiro. *Famílias e questões étnico raciais: tecendo contribuições para uma educação antirracista*. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MONTANDON, C., PERRENOUD, P. *Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Oeiras: Celta, 2001. Tradução de Cristina Gomes da Silva.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil*. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 122 f. Tese 40.

_____. *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. Salvador: Edufba, 2018.

SOUZA, Neusa S. *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ANEXO I

ROTEIRO DE PERGUNTAS

Cor x raça x etnia

- Se apresente... (Nome, idade, trabalha? Com que? Quem mora com você?)
- Como você se autodeclara? Como declara seus filhos?
- Qual a sua cor? Qual sua raça?
- Para você cor e raça são sinônimos?
- Se descreva fisicamente:
- Você sabe as origens/história da sua família? Conte.

Racismo

- Racismo existe?
- Você se considera racista?
- O que é racismo?
- Você ou seus filhos já sofreram racismo? Conte.
- Você já cometeu? Conte.
- Criança comete racismo?
- Caso a resposta da pergunta anterior seja sim... Onde a criança aprende a ser racista?
- Sua criança já disse/teve alguma atitude que você considera racista?

Família e escola

- O que é família para você? Família é... (complete).
- O que famílias podem fazer para combater o racismo?
- Acha importante a escola trabalhar a questão do racismo?
- Como a escola pode colaborar para combater o racismo?
- É dever de quem educar as crianças para não serem racistas?

- O que você estudou na sua trajetória escolar acerca da história da população negra?
- Vê alguma mudança hoje?
- Você se recorda de alguma atividade que seu filho participou na escola que trabalhasse o racismo ou culturas negras?
- Você sabe que existe leis que trazem a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afrobrasileira, Africana e Indígena nas escolas?
- De sugestões de atividades que a escola poderia fazer:

Para fechar:

- Deixe um recado para a escola sobre a relevância do trabalho de combate ao racismo:
- Me dê sugestões de temas para o produto: O que não pode faltar?
- Quer fazer alguma pergunta?
- O que achou da nossa conversa?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, do estudo/pesquisa intitulada “Famílias e questões raciais: Tecendo contribuições para uma educação antirracista”. Este estudo tem por objetivo construir contribuições para pensar uma educação antirracista com/para famílias, a partir das narrativas e concepções de mulheres/mães que possuem filhos matriculados nos anos iniciais de escolas públicas localizadas em comunidades da zona norte do município do Rio de Janeiro.

Você foi selecionado(a) por ser mãe de uma ou mais crianças dos anos iniciais e por ser uma mulher negra ou por ter um ou mais filhos negros. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Os riscos aplicados a essa pesquisa baseia-se em: Possíveis danos psicológicos, onde ao relembrar de memórias traumáticas por situações de racismo cometido, vivido ou presenciado. Os resgates dessas memórias podem gerar: tristeza; agitação; ansiedade; irritabilidade e depressão. A sua participação nesta pesquisa, não será remunerada, tampouco implicará em gastos. Caso surjam eventuais despesas de participação (passagem, lanches ou quaisquer outros que se façam necessários para o seu desenvolvimento), serão custeadas ou ressarcidas pela pesquisadora. Sua participação nesta pesquisa consistirá no registro/gravação da entrevista semiestruturada, suas respostas e narrativas relacionadas as questões raciais, que é o interesse desta pesquisa. Os seus depoimentos serão coletados através de conversas presenciais registradas por intermédio de gravação de áudio, para posteriores transcrições e utilização na construção de um produto educacional. Dessa forma você autoriza à cessão do uso da sua voz que serão coletadas durante a pesquisa?

Sim ()

Não ()

Os encontros acontecerão em local, dia e horário combinados previamente com o participante. Terão um período máximo de uma hora, para que não se tornem cansativas. Podendo haver futuras consultas/contatos para confirmação e melhores esclarecimentos caso seja necessário. As perguntas estarão relacionadas as concepções étnico raciais e situações vivenciadas acerca do racismo. A cessão de áudios, se dará de maneira inteiramente gratuita

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

e sem fins lucrativos, onde a participante, cede os direitos autorais, autorizando a utilização da sua voz no projeto de pesquisa através dos meios acadêmicos e científicos. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O seu nome real será omitido, sendo utilizado um outro nome (fictício) para que não seja revelada sua identificação. Isto também se dará com qualquer outra informação que julgar necessário. Durante as entrevistas será mantido o respeito, a cordialidade e o tempo máximo para que se possa permitir o bom andamento e o entrosamento de ambas as partes. O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. A grande intenção desse encontro é coletar informações que possam comprovar e contribuir com hipóteses, objetivos e construção de saberes/conhecimentos acerca da educação antirracista. Mas além disso, também se consolidará com a possível construção de um produto educacional que possa ser utilizado por professores e escolas para iniciar um diálogo com as famílias acerca do combate ao racismo.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: Elayne Pinheiro Melo, Professora de Educação Infantil (PEI) SME/RJ – E-mail elaynepinheirom@gmail.com -Telefone: (021) 970791540.Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, -Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br-Telefone: (021) 2334-2180.O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Nome do(a) participante: _____ Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____ Assinatura: _____

ANEXO III

Aplicação das Pílulas Antirracistas

A sequência de vídeos nomeada "Pílulas Antirracistas" é um produto educacional construído a partir da dissertação de mestrado "Famílias e questões étnico raciais: Contribuições para uma Educação Antirracista" (Elayne Melo e Orientadora Jonê Baião). Foi pensada como uma ferramenta para escolas e professores iniciarem um diálogo sobre racismo com as famílias.

Segue algumas orientações:

- 1- Escolha 1 dos vídeos disponibilizados.
- 2- Assista com responsáveis de estudantes de escolas públicas do Rio de Janeiro.
- 3- Proporcione um espaço de conversa e trocas.
- 4- Pergunte a opinião deles sobre o tema/vídeo.
- 5- Fique a vontade para criar registros e desdobramentos e compartilhe comigo por favor. Não é obrigatório.
- 5- Responda esse questionário.

Vídeos disponíveis em:

https://drive.google.com/drive/folders/1F11JEUCj2U82MTTGc0odkpZMmE9-UF9?usp=drive_link

1. E-mail *
-

2. **Escreva aqui uma breve apresentação sua:**

- Nome
 - Idade
 - Formação
 - Tempo que atua como professora
 - Bairro onde está localizada a escola
 - Turma/grupamento/segmento/ano
 - Autodescrição e autodeclaração
-
-
-

3. Qual foi o vídeo que você escolheu/utilizou?

4. Por que você o escolheu? O que te motivou?

5. Quantos responsáveis participaram do visionamento e da conversa?

6. Conte um pouco de como foi a experiência com a utilização do vídeo escolhido.

7. Cite algum comentário ou situação que surgiu após o visionamento, que te chamou atenção ou que você acha importante contar.

8. Usaria outros vídeos como esses?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Talvez

9. O que achou das pílulas antirracistas? Qual a relevância? Gostaria de sugerir algo?

10. Resuma a experiência em uma palavra:

Caso prefira falar ao invés de escrever, você pode enviar um áudio contando sobre a experiência por Whatsapp.

Só não deixe de me enviar algum retorno por favor. Espero que gostem, espero que seja útil e proveitoso. Aguardo retorno.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários